

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E TURISMO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E
SISTEMAS AGROINDUSTRIAIS



DA TENTATIVA DE MONOPÓLIO À ESPETACULARIZAÇÃO DA CULTURA:
Uma análise do processo de empresarização dos Centros de Tradições Gaúchas

Letícia Marques Vargas

Pelotas – RS
2018

LETÍCIA MARQUES VARGAS

DA TENTATIVA DE MONOPÓLIO À ESPETACULARIZAÇÃO DA CULTURA:

Uma análise do processo de empresarização dos Centros de Tradições Gaúchas

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Marcio Silva Rodrigues

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

V297d Vargas, Letícia Marques

Da tentativa de monopólio à espetacularização da cultura : uma análise do processo de empresarização dos Centros de Tradições Gaúchas / Letícia Marques Vargas ; Marcio Silva Rodrigues, orientador. — Pelotas, 2018.

192 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento territorial e sistemas agroindustriais, Faculdade de Administração e Turismo, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Empresarização. 2. Cultura. 3. Relação de concorrência. 4. Relação de consumo. I. Rodrigues, Marcio Silva, orient. II. Título.

CDD : 658

Letícia Marques Vargas

DA TENTATIVA DE MONOPÓLIO À ESPETACULARIZAÇÃO DA CULTURA:

Uma análise do processo de empresarização dos Centros de Tradições Gaúchas

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Faculdade de Administração e Turismo, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca examinadora:

.....
Prof. Dr. Marcio Silva Rodrigues (Orientador)
Doutor em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

.....
Prof. Dra. Elaine da Silveira Leite
Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR

.....
Prof. Dr. Marcio Barcelos
Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

.....
Prof. Dr. Elvis Silveira Martins
Doutor em Administração e Turismo na Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI

Agradecimentos

Em algum momento pensei em não adicionar este elemento ao trabalho. Entretanto, ao chegar ao fim desta etapa, percebi que muito mais que palavras, agradecer é reconhecer o apoio de pessoas que talvez nem tenham percebido o quanto foram importantes.

Assim, meu primeiro agradecimento é direcionado as colegas de jornada Gabriela Jurak e Andressa Duquia. Obrigada por terem feito esta caminhada mais leve e alegre, vocês foram essenciais.

Ao ombro amigo de todas as horas, Cibelly Oliveira, obrigada por cada almoço para desopilar, por escutar, por estar disponível. Guria, tu não sabes o bem que me fez ao longo deste período!! Obrigada por tudo.

Ao meu orientador, Prof. Marcio Rodrigues, um simples obrigada não traduz todo sentimento de gratidão que tenho. Foi um período de muito aprendizado, de muitas lágrimas, de crescimento pessoal e profissional e sou muito grata por tudo. Agradeço o desafio, o comprometimento, as “puxadas de orelha” e todo apoio. Muito obrigada por ter acreditado em mim.

À minha Família, o agradecimento é inerente a existência deste trabalho. Um agradecimento especial à minha irmã, Gisele Vargas, por ter me escutado, ter ajudados com os sinônimos quando dava o branco, por ter lido trechos do trabalho, obrigada por tudo. À minha Mãe, Zenaide Vargas, e minha vó, Eunice Marques, não tenho palavras para descrever a gratidão que sinto pelo apoio de vocês.

Ao meu marido, Jeferson Oliveira, pelo carinho, pela amizade, pela tranquilidade. Obrigada por ter enxugado as lágrimas e por ter entendido cada dia apenas escrevendo. Tu foste essencial.

"May the force be with you".

(Jedi's Star wars, 1999)

Resumo

VARGAS, Letícia Marques. **Do monopólio a à espetacularização da cultura: uma análise do processo de empresarização dos Centros de Tradições Gaúchas.** 2018. 192f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais, Faculdade de Administração e Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O objetivo desta dissertação foi analisar o processo de empresarização das invernadas artísticas adulta de três Centros de Tradições Gaúchas da 26ª Região Tradicionalista. De acordo com Oliven (2006), as tradições gaúchas são inspiradas na figura do gaúcho como homem livre e errante. E, considerando os escritos de Hobsbawm (2008), tais tradições foram inventadas de forma a refletir adaptações sociais e construção de signos culturais. Através de uma pesquisa com abordagem predominantemente quantitativa para análise dos Centros de Tradições Gaúchas, foram reunidas informações relativas a percepção dos integrantes das invernadas artísticas através de questionário elaborado para este fim. Foi utilizada uma escala Likert de cinco pontos para classificação das afirmativas pelos integrantes dos grupos de dança. Os resultados foram analisados à luz da teoria da empresarização de Solè (2004, 2008), tendo como categorias de análise a relação de concorrência (POLANYI, 2000) e a relação de consumo (BAUDRILLARD, 2008). Os escores encontrados na pesquisa indicaram a presença de traços característicos de uma empresa nas três organizações estudadas, existindo uma maior influência da relação de consumo no processo de empresarização.

Palavras-chave: empresarização; cultura; relação de concorrência; relação de consumo

Abstract

VARGAS, Leticia Marques. **From monopoly to the spectacularization of culture: an analysis of the entrepreneurial process of the Gaucho Tradition Centers.** 2018. 192f. Dissertation (Master in Territorial Development and Agroindustrial Systems) - Postgraduate Program in Territorial Development and Agroindustrial Systems, Faculty of Administration and Tourism, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2018.

The purpose of this dissertation was to analyze the enterprisation process of the artistic “*invernada*” of three *Gaúcho* Tradition Centers of the 26th Traditionalist Region. According to Oliven (2006), the *Gaúcho* traditions are inspired by the figure of the *gaúcho* as a free and wandering man. And, considering Hobsbawm's writings (2008), such traditions were invented to reflect social adaptations and construction of cultural signs. Through a research with a predominantly quantitative approach to the analysis of *Gaúcho* Tradition Centers, information regarding the perception of members of the artistic “*invernada*” was gathered through a questionnaire elaborated for this purpose. A five-point Likert scale was used to classify affirmations by members of dance groups. The results were analyzed in the light of Solè's theory of entrepreneurship (2004, 2008), analyzing the competition relation (POLANYI, 2000) and the consumption relation (BAUDRILLARD, 2008). The scores found in the research indicated the presence of characteristic traits of a company in the three organizations studied, with a greater influence of the consumption relation on the entrepreneurial process.

Keywords: Enterprisation; culture; competition relation; consumption relation

Lista de Figuras

Figura 1 - Organograma do Movimento Tradicionalista Gaúcho	81
Figura 2 - Mapa das Regiões Tradicionalistas do Rio Grande do Sul	100
Figura 3 - Folder de divulgação ENART 2017	108
Figura 4 - Os Carreiros - ENART 2017	117
Figura 5 - Os Dragões do Rio Grande - ENART 2017	122
Figura 6 - Os Charqueadores - ENART 2017.....	127

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Indicadores das Relações de Concorrência e de Consumo.....	54
Tabela 2 – Detalhamento dos Indicadores das Relações de Concorrência e de Consumo.....	57
Tabela 3 - Descrição da escala utilizada.....	64
Tabela 4 - Descrição dos indicadores da Relação de Concorrência.....	64
Tabela 5 - Descrição dos indicadores da Relação de Consumo.....	65
Tabela 6 - Descrição das afirmações relacionadas ao MTG.....	65
Tabela 7 - Descrição das afirmações relativas a relação de concorrência.....	66
Tabela 8 - Descrição das afirmações relativas a relação de consumo.....	67
Tabela 9 - Características Socioeconômicas dos Carreiros.....	118
Tabela 10 - Características Socioeconômicas dos Dragões do Rio Grande.....	122
Tabela 11 - Características Socioeconômicas dos Charqueadores.....	127
Tabela 12 – Compilado das características das internadas artísticas adulta.....	129
Tabela 13 – Detalhamento dos Indicadores das Relações de Concorrência e de Consumo.....	133
Tabela 14 - Atitudes frente as questões gerais.....	134
Tabela 15 - Atitudes por CTG quanto a empresarização.....	135
Tabela 16 - Atitudes frente a questão geral de concorrência.....	136
Tabela 17 - Indicador 1 - Concorrência com outras entidades tradicionalistas.....	137
Tabela 18 - Atitudes quanto as afirmativas do Indicador 1.....	138
Tabela 19 - Indicador 2 - Relação com outras organizações.....	139
Tabela 20 - Atitudes quanto as questões do Indicador 2.....	139
Tabela 21 - Indicador 3 - Obtenção de recursos.....	140
Tabela 22 - Atitudes frente ao indicador 3 – Obtenção de Recursos.....	141
Tabela 23 - Indicador 4 – Investimento.....	142

Tabela 24 - Atitudes referentes as afirmativas do Indicador 4	142
Tabela 25 - Indicador 5 - Organização /Profissionalização	145
Tabela 26 - Atitudes alusivas as questões do Indicador 5	145
Tabela 27 – Resumo dos indicadores que compõe a Relação de Concorrência	146
Tabela 28 - Indicador 6 – Produtos	147
Tabela 29 - Atitudes referente as questões do Indicador 6	148
Tabela 30 - Indicador 7 – Serviços/Eventos	151
Tabela 31 - Atitudes referente as questões do Indicador 7	152
Tabela 32 - Indicador 8 – Organizadores de mercado	154
Tabela 33 - Atitudes frente a competição - Indicador 8	155
Tabela 34 - Atitudes referentes a indumentária - Indicador 8.....	157
Tabela 35 - Atitudes quanto ao mercado - Indicador 8.....	158
Tabela 36 - Indicador 9 – Destruição criadora.....	160
Tabela 37 - Atitudes frente as afirmações do Indicador 9	161
Tabela 38 - Atitudes das questões Q48 e Q49 por CTG	163
Tabela 39 - Resumo dos indicadores que compõe a Relação de Consumo	164
Tabela 40 - Comparação das atitudes das invernadas	165

Lista de Abreviaturas e Siglas

CEFET-RS	Centro Federal de Educação Tecnológica
CFOR	Curso de Formação Tradicionalista
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CPF	Centro de Pesquisas Folclóricas
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
DIRPEX	Diretoria de Pesquisa e Extensão
DTG	Departamento de Tradições Gaúchas
ENART	Encontro de Artes e Tradições Gaúchas
ETFPEL	Escola Técnica Federal de Pelotas
FCG	Fundação Cultural Gaúcha
FEDAGAN	Festival de Danças Gaúchas
FEGART	Festival Gaúcho de Arte e Tradição
FENADOCE	Feira Nacional do Doce
FESTMIRIM	Festival Tradicionalista Mirim
FESTXIRÚ	Encontro Estadual Artístico Cultural de Veteranos e Xirús
IFSUL	Instituto Federal Sul-riograndense
IGTF	Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore
JUVENART	Concurso Estadual de Danças Tradicionais Juvenil
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MTG	Movimento Tradicionalista Gaúcho
RT	Região Tradicionalista
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UG	União Gaúcha

Sumário

1. Introdução	16
1.1 Objetivos Específicos	25
2. Justificativa do estudo	26
3. Referencial Teórico	31
3.1 Compreendendo cultura organizacional, tradição e tradicionalismo gaúcho ...	31
3.1.1 Tradicionalismo Gaúcho	34
3.2 Empresa e empresarização	37
3.2.1 Relações concorrenciais	43
3.2.2 Relações de consumo	47
3.2.3 Empresarização e Cultura: caminhos para compreensão do tradicionalismo gaúcho	52
4. Metodologia	55
4.1 Questões norteadoras da pesquisa	56
4.2 Definição constitutiva (DC) e operacionais (DO) das categorias de análise	56
4.3 Delineamento da pesquisa	58
4.3.1 Técnica de Coleta de dados	61
4.3.1.1 Coleta de dados secundários	61
4.3.1.2 Coleta de dados primários	62
4.4 Técnica de Análise de dados	71
4.5 Limitações da Pesquisa	73
5. Análise dos dados	75
5.1 Movimento Tradicionalista Gaúcho	75
5.1.1 Departamento de Concursos Culturais	84
5.1.2 Departamento de Formação Tradicionalista	88
5.1.3 Coordenadoria de Indumentária	91

5.1.4 Fundação de Cultura Gaúcha	95
5.1.5 Danças Tradicionais, campeiras e de salão.....	98
5.1.6 Regiões Tradicionalistas	99
5.1.6.1 Centro de Tradições Gaúchas.....	102
5.2 Encontro de Artes e Tradições Gaúchas - ENART.....	104
5.2.1 Categorias de danças tradicionais no Enart: Força A e Força B.....	109
5.2.2 A questão do amadorismo	111
5.3 Apresentação e análise das organizações selecionadas.....	112
5.3.1 CTG Carreiros do Sul.....	114
5.3.1.1 A Invernada artística adulta – Os Carreiros.....	117
5.3.2 CTG Cel. Thomaz Luiz Osório	119
5.3.2.1 Invernada Adulta – Os Dragões do Rio Grande	121
5.3.3 União Gaúcha J. Simões Lopes Neto	124
5.3.3.1 Invernada Artística Adulta – Os Charqueadores.....	126
5.3.4 Comparação entre invernadas artísticas adulta	129
5.4 As Invernadas artísticas frente as Relações Concorrenciais e de Consumo.132	
5.4.1 Relação de Concorrência.....	136
5.4.2 Relação de Consumo.....	147
5.4.3 Comparação entre invernadas	164
6 Sobre o MTG, o ENART e as Invernadas: amarrações e reflexões finais.....	167
REFERÊNCIAS.....	173
Apêndices.....	189

1. Introdução

As tradições estão vinculadas a ideia de tempo e de memória, constituindo-se de passado e de presente conforme sua invenção, construção e institucionalização. Sua existência está relacionada com o processo de formalização e de ritualização de comportamentos que criam vínculos e sociabilidade entre indivíduos que se reconhecem como grupo (LUVIZOTTO, 2010). De acordo com Hobsbawm (2008), muitas destas tradições não possuem toda antiguidade que lhes é atribuída, sendo sua invenção um reflexo das adaptações sociais frente às transformações que debilitam ou destroem antigos padrões.

Considerando que toda tradição está relacionada a um conjunto de rituais ou de símbolos, e tem como objetivo padronizar valores e comportamentos através da repetição, Hobsbawm (2008) afirma que toda tradição é inventada. O autor utiliza este último termo de forma ampla abrangendo tanto as tradições nitidamente inventadas quanto aquelas com origem difusa, mas de impacto relativamente rápido. Segundo o autor, as tradições diferem em seu nível de invenção, utilizando a história como elemento legitimador dos símbolos instituídos, enaltecendo fragmentos a serem conservados na consciência popular de acordo com interesses dos envolvidos. É nesse contexto que Luvizotto (2010) entende encontrar-se os movimentos tradicionalistas gaúchos, tendo sido construído no decorrer do último século mediante a organização de diferentes elementos históricos e racionalização de relações e experiências.

A visão do Rio Grande do Sul quando trata das tradições foi construída com aporte no campo. Segundo Oliven (2006), as tradições gaúchas são calcadas na figura do gaúcho como homem livre e errante acompanhado do seu cavalo. As expressões regionalistas sul-rio-grandenses tem como base o conjunto de manifestações culturais adquiridos pela convivência de diferentes grupos sociais que deixaram seu legado cultural, histórico e social gravado na formação histórico-cultural

do sul do país. A herança cultural desta formação constitui a identidade do gaúcho, baseada em tradições e costumes transmitidos à cada geração.

Segundo Luvizotto (2009), é esta afeição e respeito aos aspectos históricos que distingue o gaúcho em relação ao restante do país. Devido a origem étnico cultural, de modo geral, os gaúchos e os *gauchos*¹ são identificados dentro de uma única unidade cultural². Segundo Savaris (2008), o gaúcho teve sua origem nas terras do rio da Prata, migrando para o Rio Grande do Sul e trazendo consigo as experiências e peculiaridades do lado espanhol. As paisagens de extensos campos auxiliaram no desenvolvimento da figura do gaúcho, além de determinar a formação econômica, cultural e social desta região (ABREU, 2003).

O termo *gaúcho*³ originalmente definia os indivíduos arredios, em muitos casos, desertores sem rumo que assumiam uma vida de grandes cavalgadas pelos pampas em busca de gado ou de cavalo (LOVE, 1975). Ao longo da história o sentido da palavra gaúcho alterou-se de forma profunda. Segundo Lessa (1954), um dos primeiros registros do uso da palavra foi no ano de 1777, referindo-se aos homens considerados vagabundos ou ladrões do campo.

O estado do Rio Grande do Sul foi um dos últimos a serem colonizados pela coroa Portuguesa, em parte devido a discussão sobre a propriedade espanhola ou portuguesa das terras e muito pela localização e geografia que não favoreciam a extração rápida e abundante de riquezas (SAVARIS, 2008). Conforme Barbosa (2017), nesse período considerado pré colonização, os habitantes da região da campanha arranjavam-se em três grandes grupos sociais: os “gaúchos ou gaudérios”, considerados vagabundos do campo, filhos dos colonizadores com índias; os “criollos”, filhos de espanhóis já nascidos na América; e os “continentinos”, filhos de portugueses já nascidos no Continente de São Pedro do Rio Grande. Estes mestiços

¹ A grafia *gaucho*, sem acento e em itálico, refere-se à palavra em espanhol

² Tal identidade confunde-se com a abrangência do pampa do qual fazem parte a região sul do Rio Grande do Sul, todo o território do Uruguai e parte da Argentina.

³ Conforme Leal (1989), a palavra *gaúcho* pode ter tido sua origem no vocábulo francês *gauche* que significa “esquerda” ou “fora da lei”, ou ainda do Guaraní significando “homem que canta triste”. Todavia, grande parte da literatura afirma que a palavra possui origem indígena, significando “órfão”.

tinham no cavalo seu instrumento de trabalho principal, criando suas próprias leis em um território ainda livre do domínio europeu. O gaúcho era o homem temido, também chamado de Changadores ou Guascas, sempre com um caráter pejorativo (OLIVEN, 1991).

Neste período, o gaúcho era um ser nômade, guerrilheiro e sem pátria, um ser entre a barbárie e a civilização. A indumentária foi cunhada conforme sua necessidade, o lenço herdado dos cavaleiros mouros, a camisa rústica e a ceroula dos espanhóis e portugueses, o chiripa do índio, e botas feitas do “garrão”⁴ de potro ou vaca. O cavalo é elemento considerado essencial, sendo responsável não só pela possibilidade de deslocamento, mas inferindo certa energia moral ao possuidor. Nas palavras de Barbosa (2017, p. 32), “em suma, o gaúcho a cavalo é um homem superior”, dada a importância atribuída à época. Este gaúcho andarengo⁵ de temperamento forte, por muito tempo foi o habitante irrestrito dos pampas, tendo pouca ou nenhuma influência do estilo de vida trazido pelo colonizador europeu (BARBOSA, 2017).

No período compreendido entre o início da colonização até a Revolução Farroupilha (1835-1845), a região sudoeste do estado confundia-se com os limites do Continente de São Pedro, principalmente pelo fato da área de Campanha ser considerada como o único espaço geograficamente apropriado e incorporado à economia nacional. Áreas serranas passaram a ser consideradas economicamente viáveis com a chegada de um expressivo contingente de pequenos comerciantes e agricultores alemães e italianos a partir de 1870, alterando assim a hegemonia econômica e política da Campanha. (OLIVEN, 2006).

O desprezo inicial da sociedade pelo gaúcho transformou-se em medo e admiração, uma vez que as habilidades campeiras se tornaram uteis a nova economia e política do território. O momento de transmutação no qual o gaúcho passa a ser visto

⁴ Bota feita com o couro dos membros posteriores de potro ou vaca, moldado diretamente no pé do usuário.

⁵ Palavra utilizada para designar pessoa que não possui parada certa, que vive andando de um lugar para outro.

como uma categoria socialmente aceita é difícil de ser determinado, contudo, a figura do gaúcho envolvendo suas expressões campeiras, o cavalo, o chimarrão e a construção de um tipo social livre e bravo se manteve como modelo indicativo de união entre os habitantes do estado, sendo transportado ao plano de mito (OLIVEN, 2006).

A construção da identidade do gaúcho inicia a partir desta figura de homem criado no campo em companhia dos cavalos e da natureza (OLIVEN, 2006). Com o tempo a palavra passou a ser empregada como gentílico do estado do Rio Grande do Sul, sofrendo uma ressignificação positiva e transformado em símbolo de identidade regional (OLIVEN, 1991). Contudo, na construção desta identidade regional, diversos elementos culturais foram adaptados de maneira a evocar um passado glorioso do gaúcho. A figura originária do gaúcho mescla-se as características geopolíticas do estado, construindo a base sociocultural da identidade e da individualidade sul-riograndense (OLIVEN, 1985).

Pode-se dizer que o Movimento Tradicionalista se apropriou desta figura do gaúcho, construindo um ícone de identidade cultural de força quase mítica. E, conforme escreve Luvizotto (2010, p.30), estas representações tendem a ignorar a diversidade do homem habitante dos pampas, tipificando um gaúcho que “exclui um verdadeiro conjunto de pessoas que compõe o Rio Grande do Sul”.

O tradicionalismo gaúcho é um produto histórico que experimentou a quase extinção na década de sessenta com a centralização política e econômica brasileira e renascido no final da década de setenta através organização da sociedade civil brasileira em busca de novos espaços políticos (OLIVEN, 2006). Nesse processo, a organização do movimento tradicionalista apropriou-se de costumes e memórias do gaúcho construindo a tradição considerada oficial. Segundo Oliven (2006), a nostalgia rural que permeia os elementos construídos como tradicionalistas evidencia a urbanidade originária dos fundadores do movimento e uma busca permanente de apropriação dos costumes sob prerrogativa de resgate dos valores rurais do passado.

Brum (2009b) escreve que o Movimento Tradicionalista Gaúcho⁶ - MTG - se constituiu como principal agente de formalização das expressões culturais do Rio Grande do Sul, reunindo e codificando as manifestações de outrora e construindo um novo imaginário de identidade gaúcha. De acordo com a autora, o MTG destaca-se pela sua forte organização e expressão na construção de um patrimônio social e cultural que se diz representante do povo gaúcho, sendo considerado, pelos seus integrantes, como uns dos mais fortes e influentes movimentos culturais do país, tendo extrapolando as fronteiras do Rio Grande do Sul através da existência de Centro de Tradições Gaúchas – CTG - até mesmo em outros países.

De acordo com Bastos (2016), o desejo de reunir características da identidade farroupilha, do civismo e da literatura em um espaço organizado, foi a principal motivação dos fundadores do MTG. O movimento foi criado em decorrência do processo de organização e de padronização do tradicionalismo gaúcho de maneira que fosse possível equilibrar todas as áreas tidas como fundamentais para a preservação da cultura regional. Contudo, a construção dos traços de identidade regional evidenciou uma lacuna mercadológica a ser suprida com produtos que representassem os novos signos criados. E nesse sentido, com a criação do MTG, iniciou-se uma “proliferação de coisas gaúchas”, alimentando um mercado urbano voltado a suprir os desejos de “bens simbólicos gaúchos” e permitir a apropriação de uma cultura transformada em identidade nacional (OLIVEN, 1985, p.81).

Com a criação do MTG, no ano de 1966, todos Centros de Tradições Gaúchas passaram a agrupar-se sob a égide da entidade e resgataram o modelo organizacional utilizado pelo 35 CTG⁷, considerado o CTG pioneiro por ter estabelecido a constituição física e administrativa de uma entidade tradicionalista relembrando a administração

⁶ O Movimento Tradicionalista Gaúcho é um movimento cívico, cultural e associativo. Possui personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com número ilimitado de sócios e duração indeterminada. O MTG tem sede na cidade de Porto Alegre/RS e jurisdição em todo território nacional, admitindo filiação de CTGs e entidades afins sediadas em qualquer estado brasileiro ou outros países. (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015a)

⁷ O 35 CTG foi fundado no ano de 1948, na cidade de Porto Alegre, por um pequeno grupo liderado por Barbosa Lessa. O nome homenageia o início da Revolução Farroupilha – 1835 – e sua criação teve como objetivo central o culto as tradições gaúchas. É considerado pelo MTG o “primeiro CTG do mundo” devido a sua estrutura administrativa (BASTOS, 2016).

de um estabelecimento pastoril. De acordo com a proposta de formalização do movimento tradicionalista, esta padronização e união das entidades pré-existentes teve como objetivo fortalecer as atividades e o sentimento de pertencimento, perpetuando a cultura e história do estado (BASTOS, 2016).

Neste processo de perpetuação dos elementos constitutivos do tradicionalismo gaúcho, as diversas atividades promovidas pelo MTG buscam enaltecer acontecimentos históricos e criar marcos culturais no calendário da sociedade congregando em um mesmo ambiente a historicidade, a solidariedade e o sentimento de pertencimento. Contudo, a constante mudança da sociedade provoca indagações e surgimento de novas relações entre as gerações constituintes do tradicionalismo. Segundo Brum (2013a), a partir dos anos 2000 o MTG iniciou um processo de atualização das práticas tradicionalistas, alterando sua visão frente a atividades de destaque nas modalidades culturais, artísticas e campeiras⁸, devido ao alcance extramuros tradicionalistas destes eventos, possibilitando a divulgação da cultura gaúcha e a criação de laços tradicionalistas entre as entidades e a sociedade.

Dentre as atividades consideradas de destaque, a presente pesquisa se atém a dança tradicional, modalidade que representa parcela significativa das ações desenvolvidas pelos Centros de Tradições Gaúchas (CTG). De acordo com Brum (2013a), historicamente, as apresentações de dança possuíam caráter de mostras artísticas populares e festivas, presentes na sociedade antes a própria organização do MTG. Contudo, o caráter competitivo foi ganhando espaço e enraizando-se nos diversos festivais atuais, iniciando-se pela dança e sendo incorporada pelas modalidades campeiras e culturais. Segundo Bastos (2016) as mudanças proporcionadas pelo MTG estão relacionadas a necessidade de acompanhamento das transformações sociais, e possuem a premissa de reforçar os laços tradicionalistas entre os envolvidos e suas entidades representativas. De acordo com

⁸ As modalidades culturais, artísticas e campeiras são os pilares do movimento tradicionalista. O departamento cultural tem como responsabilidade a realização de ações para o fortalecimento da cultura gaúcha (palestras, concursos culturais, programação cultural do CTG). O departamento artístico engloba todas as manifestações artísticas do CTG, instrumentistas, cantores, declamadores e grupos de danças. A área campeira reúne os cavaleiros e as atividades com os animais, além da organização de cavalgadas, rodeios crioulos e incentivo a lida campeira entre os associados.

o autor, o MTG visa a preservação da cultura gaúcha, mas rende-se as pressões externas de mercado, tornando-se um dos organizadores desse mercado com objetivo de crescer como principal organização responsável pela regulamentação e disseminação desta cultura.

E sendo as competições ambientes tidos como grandes divulgadores da cultura gaúcha pelo MTG, o calendário oficial tradicionalista é composto por sete competições regulares e anuais que abrangem os três pilares do movimento tendo como pressuposto a valorização da cultura sul-rio-grandense. Segundo Ferreira (2016), em um dado momento histórico, as competições foram criadas dentro do meio tradicionalista como estratégia de captação de novos filiados jovens, entretanto com a pressão de instrutores, de fabricantes de indumentárias e de outros agentes de mercado a competição passou a ser o objetivo principal para algumas entidades. De acordo com a Brum (2013a, p.314), “o que aparenta ser uma contradição, no cenário de uma preservação, corresponde a uma nova estratégia nesse universo de invenção das tradições e sua universalização no Enart”.

É nesse contexto que o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha – ENART – destaca-se no calendário tradicionalista por sua estrutura e abrangência artística e cultural. O evento teve origem na década de 70 através de uma parceria entre os movimentos Tradicionalista Gaúcho (MTG), Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF). De acordo com Bastos (2016), na época, o denominado Festival de Arte Popular e Folclore foi constituído com o intuito de oportunizar a difusão dos valores artísticos e culturais no Rio Grande do Sul através de sua realização anual e itinerante, contudo, ao longo dos anos o evento sofreu mudanças de nomenclatura e de estrutura, tornando-se fixo na cidade de Santa Cruz do Sul, visando sanar disputas políticas e econômicas⁹ decorridas do crescimento

⁹ Nos moldes originais, o festival contou com nove edições, sendo a primeira no ano de 1977 na cidade de Bento Gonçalves. Contudo, devido ao interesse da cidade de Farroupilha/RS em sediar continuamente o evento, no ano de 1986 o festival passou a ser realizado pelo MTG em parceria com o IGTF e a prefeitura municipal, trocando sua denominação para Festival Gaúcho de Arte e Tradição – FEGART. O novo modelo teve onze edições realizadas na cidade de Farroupilha/RS, crescendo em público e estrutura a cada ano. No entanto, em decorrência de demandas políticas e econômicas, no ano de 1997 o evento foi transferido para a cidade de Santa Cruz do Sul/RS. Embora tenham sido realizadas duas edições do FEGART em Santa Cruz do Sul/RS, a cidade de Farroupilha/RS reivindicou

competitivo do festival. No ano de 2005, visto a expressividade do ENART, as danças tradicionais, as músicas, as letras e as coreografias foram reconhecidas como patrimônio cultural imaterial do Rio Grande do Sul através da lei nº 12.372.

O ENART conta com três etapas realizadas ao longo do ano, e sua etapa final reúne cerca de quatro mil competidores de todo estado em três dias de evento. Além das competições de dança, que atraem grande parte do público, são realizadas outras vinte modalidades culturais e artísticas. O evento ainda proporciona o consumo da pretensa cultura gaúcha através de oficinas sobre chimarrão, comércio de artigos tradicionalistas, acampamento e mostras culturais. Importante ressaltar a presença da loja itinerante do MTG através da Fundação Cultural Gaúcha – FCG - em eventos do porte do ENART, tendo como objetivo ofertar produtos com a chancela do movimento.

De acordo com o regulamento do ENART (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015), todas entidades tradicionalistas são classificadas como Força A ou Força B de acordo com sua capacidade de atender as determinações estabelecidas pelo movimento no ano anterior. Esta divisão iniciou no ano de 2009 com o objetivo de criar um grupo de acesso composto por entidades menores e proporcionar seu crescimento artístico através de avaliações educativas e exigências técnicas reduzidas (FERREIRA, 2016). A definição de categoria é realizada pela composição da pontuação mínima exigida pelo MTG na Lista de Destaques Tradicionalistas e opção da entidade no momento da inscrição no evento. A lista de destaques é organizada anualmente pelo MTG, classificando de forma decrescente todos os CTGs filiados conforme pontuação obtida pela participação em atividades de âmbito estadual e regional regulamentadas pelo movimento. Segundo a Resolução 04/09 do MTG, (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2009), que trata das regras referentes a lista de destaques, esta prática visa maior participação dos associados em eventos regionais e estaduais e desta forma fortalecer a unidade da cultura gaúcha.

a detenção do nome do festival, obrigando a mudança da nomenclatura para Encontro de Artes e Tradição Gaúcha – ENART. (BASTOS, 2016)

No entendimento de Ferreira (2016), um expressivo número de entidades tradicionalistas tem focado suas atividades com o objetivo de vencer competições no âmbito tradicionalista. São internadas¹⁰ artísticas que criaram ambientes de recrutamento de dançarinos interessados em dedicar-se na preparação constante para grandes competições de dança e investem na contratação de profissionais para preparação física, artística e mental dos competidores. E nessa categoria encontram-se grande parte dos CTGs da Força A, com internadas adultas realizando trabalhos artísticos desenvolvidos sob olhar técnico e preparação física para competições de grande porte.

Estas características percebidas nas entidades tradicionalistas parecem estar relacionadas ao que Solè (2004, 2008) chama de processo de empresarização, isto é, a incorporação de um comportamento empresarial (linguagem, técnicas, visões de mundo) por organizações e espaços que historicamente não possuíam ou não tomavam tais atributos como centrais.

Abraham (2006) corrobora com Solè no sentido de compreender a empresa a partir de hábitos coletivos socialmente impostos que a sustentam como elemento central no mundo. Para o autor, a empresa deve ser vista como uma instituição, responsável pela construção e naturalização de maneiras de agir e de pensar dos indivíduos da sociedade moderna. Nesta perspectiva, os hábitos coletivos exercem uma coerção exterior sobre o indivíduo, alterando a forma com que se enxerga a sociedade e ajustando comportamentos a visão empresarial de mundo. A empresa passa a construir a concepção de necessidades, estabelecendo relações de consumo e de concorrência que alteram ambientes antes não alcançados pela lógica empresarial, consolidando-se como modelo universal das atividades humanas (SOLÈ, 2008).

Nesse sentido, ao observar as apresentações das internadas no ENART, percebe-se alguns sinais que remetem a possível adoção de práticas antes exclusivas das empresas. A competição reúne grupos multifacetados, compostos por dançarinos

¹⁰ O termo “internada” é utilizado para designar o local para confinamento do gado para engorde. Na estrutura do CTG, o termo é sinônimo de departamento (CIRNE, 2013).

e profissionais de diversas áreas que são coordenados por uma equipe de gestão administrativo-financeira própria da invernada artística. A gestão de alguns grupos de danças passou a ser realizada de forma independente à entidade tradicionalista, tendo como finalidade criar um ambiente favorável para o melhor desempenho possível no evento. O consumo de produtos gaúchos constrói um cenário de valorização da cultura criada pelo MTG, atribuindo valor ao signo que o produto carrega e não no produto em si.

Considerando esta possível incorporação de características empresariais pelas invernadas artísticas e sendo o processo de empresarização uma forte influência na sociedade moderna, a presente pesquisa tem como objetivo **analisar o processo de empresarização das invernadas artísticas adultas dos Centros de Tradições Gaúchas.**

1.1 Objetivos Específicos

Considerando o objetivo apresentado, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- Descrever e analisar o papel do MTG na construção do chamado Tradicionalismo Gaúcho;
- Descrever e analisar o Encontro de Artes e Tradições Gaúchas - ENART, enfatizando seu papel no processo de empresarização das invernadas artísticas dos CTGs;
- Identificar e verificar a intensidade com que as categorias do processo de empresarização selecionadas para o estudo estão presentes nas invernadas artísticas selecionadas;
- Discutir as implicações do processo de empresarização nas invernadas selecionadas para o estudo.

2. Justificativa do estudo

Entende-se que o estudo do desenvolvimento deve perpassar diferentes campos do conhecimento, de maneira a permitir um olhar amplo e profundo sobre os grandes dilemas regionais. Nesse sentido, a reflexão proposta busca contribuir com a discussão sobre o desenvolvimento tendo como dimensão a cultura e sua importância para o contexto territorial no qual o programa de pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Sistemas Agroindustriais encontra-se inserido.

A relação entre cultura e desenvolvimento sofreu inúmeras mudanças ao longo das últimas décadas devido ao predomínio da economia na sociedade moderna. De acordo com Knopp et. al. (2010), atualmente, o conceito de desenvolvimento se confunde com a ideia de crescimento econômico, privilegiando características econômico-produtivas relacionadas à cultura e ao desenvolvimento. Contudo, segundo os autores, a perspectiva econômica é incapaz de abranger a complexidade e amplitude inerente a essa relação.

Furtado (1984) afirma que desenvolver é ampliar as possibilidades de realização das potencialidades humanas tanto como indivíduo quanto como coletividade. Segundo o autor, o desenvolvimento deve compreender diferentes perspectivas, considerando as características e as particularidades de todos os envolvidos, perpassando ações artísticas e culturais, através da articulação entre diferentes áreas da sociedade e de busca pela inclusão social (FERRON, 2000). No mesmo sentido, Sen (2000) considera que o real desenvolvimento humano empodera o indivíduo de maneira a ser agente responsável pela transformação social.

Através da cultura, a identidade de uma coletividade é valorizada e fortalecida, possibilitando ações de transformação social e desenvolvimento integral dos agentes envolvidos (VECCHIATTI, 2004). Nesse contexto, enquadra-se a origem do Movimento Tradicionalista Gaúcho, o qual, em sua essência, busca promover a

identidade sul-rio-grandense através da organização de elementos culturais e preenchimento de lacunas históricas (FREITAS; SILVEIRA, 2004).

Em uma sociedade na qual a palavra desenvolvimento foi naturalizada como sinônimo de desenvolvimento econômico (RODRIGUES, 2013), questões como o meio ambiente, a cultura e os aspectos sociais foram colocados em segundo plano. E em decorrência desta visão economicista, muitas organizações culturais estão modificando seu âmbito de atuação e, em alguns casos, seu propósito de existência (MONTE, 2003). Percebe-se uma alteração na noção de cultura, através da descaracterização dos elementos de identidade de um povo e inibição de ações criativas em prol do fomento ao consumo de bens culturais (FURTADO, 1984). E esta transformação acaba por mascarar as manifestações culturais de um povo, transformando o elemento econômico no objeto central em discussões sobre desenvolvimento.

Do ponto de vista da contribuição teórica, esta pesquisa anseia colaborar com a área de estudos organizacionais através de uma reflexão crítica sobre as transformações ocorridas em organizações culturais em decorrência da adoção de preceitos empresariais. Estudos sobre cultura são recorrentes no campo organizacional, entretanto, ainda são escassos trabalhos com abordagens que considerem a relação entre cultura e empresarização. Vale ressaltar, que a área de estudos organizacionais está restrita a um número relativamente pequeno de pesquisadores, e alguns destes tem se dedicado a análise do processo de empresarização de organizações não-empresariais. O processo de empresarização está presente não só no campo organizacional, no Brasil, Neves (2001) discute o tema no âmbito da educação e Vainer (2013) realiza seus estudos na área de planejamento urbano.

Tendo como foco a área organizacional, destaca-se autores como Gonçalves e Silva (2007), Rodrigues (2006), Rodrigues e Silva (2006a, 2006b, 2009), Costa e Silva (2006), Gonçalves e Carvalho (2006), Durieux (2005) e Costa (2005) que discutiram o processo de empresarização tendo como pano de fundo organizações esportivas e as transformações por estas sofridas. Na mesma linha de estudo, Vieira,

Darbilly e Barros (2012) buscaram compreender o processo de empresarização relacionada ao campo musical, enquanto De Santana Gonçalves, Serra e Costa (2007) e Serra (2005) realizaram seus estudos tendo como objeto as igrejas protestantes.

Expandindo as pesquisas sobre o tema, Rodrigues e Silva (2008) evidenciam o consumo como elemento atrelado ao processo de empresarização dos times de futebol. Outros trabalhos, de igual relevância, que também trazem a discussão sobre o processo de empresarização e cultura, tem como autores: Rodrigues, Silva e Dellagnelo (2014), Duquia e Borges (2016), Holanda (2016). Vale ressaltar, que grande parte dos estudos realizados sobre empresarização tem como enfoque evidenciar como a incorporação dos preceitos empresariais tem alterado a dinâmica de organizações não-econômicas. Perceber que a empresa é a organização central na sociedade moderna é compreender que ela permeia os traços da modernidade, de forma a justificar e tornar necessária sua existência (ARAÚJO, 2014).

Diante disso, justifica-se a realização do presente estudo pelo desejo de compreender o processo de empresarização sob a perspectiva das relações específicas desse processo. Boa parte dos estudos anteriores tentavam realizar uma análise generalista do processo de empresarização e o presente trabalho procura enfatizar relações específicas que contribuem no estabelecimento de uma nova forma de organização das entidades culturais. Em relação ao método, a totalidade dos estudos relacionados ao processo de empresarização adotaram uma abordagem predominantemente qualitativa, já o presente trabalho segue uma metodologia de análise predominantemente quantitativa de forma a mensurar opiniões, hábitos e atitudes dentro do universo de pesquisa determinado. Segundo Richardson (2012), a adoção de uma abordagem quantitativa permite buscar relações entre variáveis de maneira a descobrir características inerentes a um fenômeno específico. Tal ação busca aprofundar o estudo e reunir elementos que contribuam para o aprimoramento da teoria da empresarização (SOLE, 2004, 2008 e ABRAHAM, 2006), uma teoria ainda em construção e com diversas possibilidades de desenvolvimento, visto o ineditismo da contextualização de relações específicas e a teoria.

Os elementos que compõem o tradicionalismo gaúcho já foram objeto de estudo nas áreas de educação, da cultura e identidade, da moda, da história entre outras. Autores como Oliven (1991, 2006) e Brum (2006, 2009a, 2009b, 2009c, 2013b) destaca-se no campo pelas diversas contribuições que buscam resgatar as diferentes facetas do gaúcho, das tradições e do movimento tradicionalista. Da mesma forma, estudos sobre o gaúcho e a identidade cultural foram objeto de pesquisa por parte de diversos autores em diferentes áreas. Freitas e Silveira (2004) evidenciam em seu trabalho o hibridismo cultural da identidade gaúcha frente as identidades nacionais, já Maciel (2005), analisou o gaúcho através do patrimônio cultural. Outros estudos de igual relevância no campo de identidade cultural gaúcha foram realizados por Murari (2015), Zalla (2010, 2014), Neto e Bezzi (2008), Freitas (2007), Felippi (2006), Dutra (2002), Jacks (1997) e Ribeiro (1987), dentre outros autores.

A expansão do movimento tradicionalista gaúcho também fora objeto de pesquisa em diversos momentos. Campos (1999) analisou os gaúchos em Santa Catarina, Haesbaert (1998) estudou a migração gaúcha para o nordeste, assim como Osório (2012) que realizou um estudo comparativo entre o tradicionalismo gaúcho e a cultura nordestina, e Colasante (2016) que pesquisou o gaúcho em terras paranaenses. Outrossim, o Encontro de Artes e Tradições Gaúchas foi objeto de pesquisa por parte de diversos autores, sendo Brum (2013a) e Vallejos (2013) os principais que através do resgate histórico dos elementos que constituíram o evento evidenciam sua relação com a identidade do gaúcho. Vale ressaltar as obras de Luvizotto (2010, 2009) que contribuíram com pesquisas sobre cultura, identidade, tradição e tradicionalismo do Rio Grande do Sul.

Frente aos estudos destacados, ressalta-se a inexistência de trabalhos sobre o processo de empresarização em Centros de Tradição Gaúcha. As transformações vislumbradas em organizações culturais demonstram a amplitude do processo de empresarização da sociedade moderna, e nesse contexto os CTGs, apesar de sua característica de tendência ao conservadorismo, também passaram a sofrer a influência empresarial. Frente a este aspecto, esta pesquisa busca auxiliar na compreensão de como estas mudanças estão ocorrendo nestes espaços culturais,

além de identificar como as relações de concorrência e de consumo auxiliam neste processo.

Em termos práticos justifica-se esta pesquisa pela contribuição para a identificação do processo de empresarização e das influências por ele causados em organizações culturais. Segundo Callegaro (2017a, 2017b), nos últimos anos o movimento tradicionalista tem passado por distorções conceituais que alteraram os propósitos iniciais do movimento. De acordo com o autor, vive-se um período de transição, no qual as entidades necessitam rever posicionamentos e organizar o caminho a ser percorrido. Assim, considerando especificamente as entidades tradicionalistas, o estudo pode contribuir nesta trajetória de avaliação e compreensão do momento vivido pelo movimento, além da compreensão da amplitude e importância da cultura gaúcha na sociedade e auxiliar os centros de tradição gaúcha na tomada de decisões sobre o seu papel no contexto cultural da sociedade.

Enfim, frente ao que foi exposto, considera-se relevante realizar a mensuração de percepções frente as relações específicas do processo de empresarização, analisando as características inerentes ao fenômeno nas invernadas artísticas dos centros de tradições gaúchas.

3. Referencial Teórico

Frente aos objetivos da presente pesquisa, este capítulo reúne uma síntese dos conceitos trabalhados neste estudo. O capítulo é estruturado em duas seções, que buscam ressaltar as principais perspectivas que nortearam a pesquisa.

A primeira sessão busca apresentar uma revisão de alguns conceitos sobre o campo da cultura organizacional, além de tentar esclarecer e diferenciar os termos tradição e tradicionalismo, com o intuito de apresentar os conceitos adotados pela pesquisa. Na sequência são reunidos os caminhos históricos de formação do Tradicionalismo Gaúcho, buscando apresentar e contextualizar os principais conceitos sobre o tema.

Logo em seguida, a sessão dois aborda a ideia de empresa e de empresarização enfatizando a forma como a referida temática será tratada neste estudo. Finalizando o capítulo, apresenta-se uma visão sobre a empresarização no mundo e sua relação com a cultura.

3.1 Compreendendo cultura organizacional, tradição e tradicionalismo gaúcho

Um dos entraves encontrados no estudo de cultura relaciona-se com a diversidade de conceituações encontradas no campo científico (MIGUELES, 2003). Assim, o objetivo desta seção é apresentar alguns dos conceitos sobre cultura desenvolvidos pela literatura, além de reunir definições sobre tradição e tradicionalismo. Ao final, é dado um enfoque ao tradicionalismo gaúcho, de forma a discutir alguns dos conceitos sobre o tema.

A palavra cultura acaba sendo vista como um grande guarda-chuva que abarca variados fenômenos em diversas áreas. De acordo com a autora existem “tantos conceitos quanto usos necessários para eles, e nenhum deles jamais será o conceito ‘certo’ em termos absolutos” (MIGUELES, 2003, p.2). Nesse mesmo sentido Bauman

(2012) escreve que a ambiguidade é elemento constante na busca por um conceito de cultura. A possibilidade de aplicação do termo em situações semânticas completamente diversas, desencadeou uma extensa tentativa intelectual de organização e classificação dos usos do conceito.

De forma semelhante Chauí (1999) escreve que o significado de cultura se transmutou no decorrer da história humana. E ao perfazer a gênese da noção de cultura, Cuche (1999) evidencia esta transformação do significado atribuído ao termo cultura, inicialmente relacionada às obras realizadas pelo homem em uma determinada civilização, evoluindo ao ponto de significar a relação estabelecida entre indivíduos socialmente organizados.

Para Bauman (2012), a cultura humana não deve ser vista como uma arte da adaptação e sim como um movimento que liberta e abre caminhos para uma multiplicidade de realidades antes reprimidas. Assim, de acordo com o autor, a cultura pode ser considerada tanto um elemento de desordem quando de ordem, pois produz a transformação constante por meio do esforço da ordenação.

E neste processo de constante transformação e reordenação, a cultura se apresenta como sistemas significativos que articulam passado e presente, criando-se e recriando-se através das relações sociais (IANNI, 1992). Segundo o autor “a cultura tem vida” pois influencia e é influenciada pelas “determinações históricas, sociais e outras que entram e saem na construção de valores, padrões, ideais, modos de ser, visões do mundo” (IANNI, 1992, p.143). A cultura adapta-se conforme o contexto na qual é interpretada, “o que parece ser ‘uma cultura brasileira’ é um complexo de modos de viver, trabalhar, sentir e agir, pensar e falar que não se organizam em algo único, homogêneo, integrado e transparente” (IANNI, 1992, p.145).

Para Simões e Vieira (2010b, p.223) “a cultura brasileira ao mesmo tempo que importa elementos externos, cria e recria elementos novos que acabam dependentes entre si”. E nesse sentido, os autores destacam quatro períodos da trajetória do estudo do campo cultural no Brasil. O primeiro período considerou a cultura como identidade, em decorrência do momento de descobertas e resgate de costumes e cultura frente a industrialização e crescimento do proletariado no país. Com a consolidação do

pensamento desenvolvimentista e surgimento de uma sociedade de consumo, a cultura passa a ser vista como ideologia, existindo uma forte relação entre cultura e patrimônio. Posteriormente, diante de fatores de repressão social e forte intervenção do Estado na área cultural, origina-se o campo da cultura como estratégia, sendo uma ferramenta para consolidação de um regime autoritário. A redemocratização cria uma movimentação social e política que reconfigura o campo da cultura como de mercado (SIMÕES; VIEIRA, 2010b).

As distintas configurações e mudanças na lógica que orienta e busca pela legitimidade em cada representação do campo, demonstram a complexidade da área cultural no Brasil. Luvizotto (2010) afirma que a cultura é dinâmica, e mesmo a cultura considerada como tradicional está sempre recriando seus saberes e seus elementos enquanto os reproduzem em seus ambientes coletivos. Neste trabalho a cultura é compreendida como algo fluido e heterogêneo que possibilita “manifestações de antagonismos, conflitos e relações de poder”, e influencia, em diferentes níveis, a dinâmica da sociedade e das organizações culturais (SIMÕES; VIEIRA, 2010, p. 17).

Assim, compreender as peculiaridades de cada manifestação cultural perpassa o entendimento de conceitos distintivos. Segundo Luvizotto (2010), no campo cultural existe uma carência relacionada a adequada distinção dos conceitos relativos a tradição e ao tradicionalismo. Para a autora, a tradição apresenta-se como o conjunto de símbolos, práticas, crenças e outros elementos que compõe a cultura de uma comunidade, são costumes de longa duração. De acordo com Lenclud (1987), a tradição seria uma interpretação de elementos do passado materializados em comportamentos e regras que são perpetuados pela repetição, conferindo ao termo um sentido antigo, de respeito e de obediência.

Na visão de Hobsbawn (2008) a correta conceituação de tradição deve iniciar pela distinção do termo costume. Para o autor, as tradições são invariáveis, tendo como base práticas passadas que foram formalizadas de maneira a perpetuar-se ao presente. Já o costume é revestido de flexibilidade e comprometimento formal com o passado, servindo como precedente para ações de inovação e transformação do que está posto. Tal diferenciação também é discutida por Giddens (1996, p.58), ao atribuir

como distinção o fato da tradição “pressupor uma ideia de verdade ritual ou revelada”, incorporando tópicos que são repassados de uma forma prática e ritualística. Para ambos autores, uma tradição não representa necessariamente uma continuidade com o passado, sendo formada de elementos construídos e formalizados em um determinado momento da sociedade.

De forma complementar, Maciel (2005) escreve que a tradição advém do reconhecimento de elementos resgatados de um período remoto com o objetivo de construir identidades sociais. Contudo, a associação do termo tradição a elementos residuais do passado acaba por distorcer a visão sobre o conceito, concedendo um caráter de imutabilidade a traços que são mutáveis

Pensando no conceito de tradicionalismo, Luvizotto (2010) afirma que pode ser definido como o culto as tradições por meio de um movimento coletivo de valorização dos símbolos através das gerações. No mesmo sentido, Saraiva (1968 apud SAVARIS, 2008, p. 19) afirma que o tradicionalismo “é um sistema organizado e planejado de culto, prática e divulgação desse todo que chamamos de tradição”. Assim, construindo o entendimento de tradição no presente estudo, considera-se como um conjunto de signos, inventados em maior ou menor grau, formalizados e perpetuados pela sociedade diferindo-se do costume pela sua invariabilidade.

3.1.1 Tradicionalismo Gaúcho

O tradicionalismo gaúcho remonta o final do século XIX, através da ressignificação da figura histórica do gaúcho e lapidação dos costumes regionais. Nesse sentido, a cultura sul-rio-grandense traz em sua constituição a reunião de elementos históricos e sociais acrescidos do conhecimento empírico do povo da campanha. Segundo Colasante (2016), os costumes importados dos colonizadores europeus e de indígenas conferiram características específicas ao gaúcho dos pampas, construindo uma identidade singular e extremamente apegada à terra.

O tradicionalismo, originalmente, é comum às regiões onde hoje se localizam a Argentina, o Uruguai e o Estado do Rio Grande do Sul, territórios em que historicamente é referida a presença do gaúcho identificado à vida rural, cuja principal atividade econômica consistia no apresamento de gado xucro para a comercialização do couro. (BRUM, 2009b, p. 778)

Conforme escreve Felippi (2006), esta mistura de etnias teve como principal função manter a hegemonia da identidade cultural gaúcha, criando lembranças históricas únicas a serem compartilhadas por todos. Para a autora, embora o gaúcho seja uma fusão de diferentes povos, a unicidade de discursos permitiu a hegemonização e construção do gentílico gaúcho.

De acordo com Dutra (2002), o tradicionalismo gaúcho é um movimento que difundiu a ideia do que seria o gaúcho do passado, misturando características novas e antigas em um personagem adjetivado como puro e autêntico. Betta (2012) destaca que a essência mítica construída em torno da figura do gaúcho desconsiderou quem de fato era o indivíduo sul-riograndense.

O gaúcho foi o escolhido para servir de modelo histórico individual, em torno do qual, sul-rio-grandenses passariam a ser identificados. Criou-se em torno do referido personagem um forte sistema de símbolos e representação, idealizados a partir de indícios de um passado atemporal, nem sempre presentes no espaço do personagem. (BETTA, 2012, p. 2).

Segundo Brum (2009a), a expansão e a popularização da figura do gaúcho, acrescido do desejo de resgate de uma cultura regional esquecida no tempo, propiciaram o surgimento de organizações culturais com o objetivo de cultuar e reproduzir, no presente, as vivências consideradas do passado. De acordo com Maciel (1999, p.5), o tradicionalismo gaúcho atua a partir de um “passado rural idealizado, glorioso e idílico”, uma recomposição de manifestações associadas à figura reelaborada do gaúcho.

De acordo com Dutra (2002), a compreensão do pensamento sobre tradicionalismo gaúcho deve perpassar os textos dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Segundo a autora, a narrativa estabelecida pelo grupo fundador construiu uma memória coletiva, “com tramas muito bem articuladas, que manifestam uma visão de história e, principalmente, da tradição, considerando a sua transmissão e perpetuação” (DUTRA, 2002, p.10-11). Houve um esforço de sistematização dos fatos constitutivos do tradicionalismo gaúcho, de maneira a instituir um “mito de origem” (MACIEL, 1999) que procura legitimar a apropriação da cultura gaúcha por uma organização. Assim, a conceituação de tradicionalismo gaúcho adotada pelo movimento tradicionalista é resgatada dos escritos de Barbosa Lessa

em sua tese “O sentido e o Valor do Tradicionalismo” apresentada no 1º Congresso Tradicionalista:

Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura: graças ao que a sociedade adquire maior tranquilidade na vida comum. (LESSA, 1954, n.p)

De acordo com este documento, a tradição tem papel essencial no desenvolvimento do indivíduo, sendo vetor de agregação social e conservação da vida em grupo, e assim, o tradicionalismo teria como objetivo reforçar a cultura de um povo, reunindo elementos artísticos e culturais para a construção do bem social. Além disso, o tradicionalismo deve estabelecer uma integridade cultural de maneira a auxiliar o “funcionamento da engrenagem da sociedade” (LESSA, 1954, n.p). Savaris (2008) complementa afirmando que o tradicionalismo gaúcho é um movimento cívico-cultural, que resgata elementos considerados tradicionais por seus indivíduos de forma a alterar a configuração cultural do Estado.

Dutra (2002) afirma ainda que outra obra que deve ser considerada, ao se referir a construção do tradicionalismo gaúcho, é a Carta de Princípios do MTG (1961). O documento, redigido por Glaucus Saraiva, foi incorporado como cláusula pétrea ao regimento do movimento e reúne, além das diretrizes centrais do MTG, a definição oficial de tradicionalismo:

Tradicionalismo ou Movimento Tradicionalista é um organismo social, perfeitamente definido e estatuído, de natureza cívica, ideológica doutrinária, com características próprias e singulares que o colocam em plano especialíssimo no panorama da vida sul-rio-grandense, brasileira e americana. Cumprindo ciclos sociais, culturais, literários e artísticos de natureza nativista, procurando influir em todas as formas de manifestação da vida e do pensamento sul-rio-grandenses, o tradicionalismo gira em uma órbita que tem como centro os problemas rurais da nossa terra, o homem brasileiro em geral e o sul-rio-grandense em particular, sua maior expressão, e onde estão fixadas as suas raízes mais profundas. (FAGUNDES, 2005, p. 13)

Segundo Lessa (2008), o texto escrito por Glaucus Saraiva reuniu a vivência cultural do grupo à época da fundação do movimento. Fagundes (2005) ainda escreve que o Tradicionalismo Gaúcho deve ser compreendido a partir da reunião de cinco aspectos especiais e fundamentais, a saber: aspecto cívico – representado pelas

bandeiras e hinos; aspecto filosófico – dado pelos documentos e teses que norteiam o Tradicionalismo¹¹; aspecto ético – força intrínseca sobre o que é permitido e proibido dentro de um CTG, mas estabelecido informalmente; aspecto associativo – toda entidade tradicionalista é uma associação civil, organizada e registrada; e o aspecto recreativo – a entidade deve oferecer recreação aos seus associados.

Percebe-se, o esforço por parte dos fundadores na invenção de signos construtores da atualização do passado rural, de maneira a justificar a criação do tradicionalismo como movimento (BRUM, 2009b). A construção de elementos de identidade com um grau de autenticidade se torna a base para a unicidade do Tradicionalismo Gaúcho. Uma apropriação da cultura, sob justificativa de preservação. E, como pode ser visto adiante, neste cenário emerge o Movimento Tradicionalista Gaúcho, entidade cultural responsável pela ressignificação da figura do gaúcho “com base numa ideia de continuidade do passado, conferindo autenticidade e valor de verdade aos rituais e elementos da tradição, e imprimindo-lhe, ao mesmo tempo, novos significados” (LUVIZOTTO, 2010, p. 33).

3.2 Empresa e empresarização

Esta segunda seção tem por objetivo reunir e apresentar as principais discussões sobre o conceito de empresa e empresarização presentes no campo dos estudos organizacionais. A discussão sobre as relações concorrenciais e de consumo compõe as duas primeiras subseções do tema, reunindo, a partir de diversos autores as implicações destes comportamentos no mundo. A seção é finalizada com a discussão sobre a empresarização e a cultura, com a apresentação dos indicadores de pesquisa do presente estudo.

Conforme escreve Guerreiro Ramos (1989), em nenhuma sociedade do passado encontra-se a centralidade do mercado como vetor de desenvolvimento social como se verifica atualmente. Segundo o autor, grande parte das relações

¹¹ Segundo Fagundes (2005) são quatro documentos principais: Tese “O sentido e o valor do tradicionalismo gaúcho” de Barbosa Lessa; tese “A função aculturadora dos centros de tradições gaúchas” de Carlos Galvão Krebs; a Carta de Princípios do MTG; e a tese “A função social do MTG” de Antônio Augusto Fagundes.

sociais estão interligadas a preceitos emanados por complexos empresariais que determinam as formas de ver e compreender a sociedade moderna. A emergência da modernidade reorganizou a sociedade de uma forma única até então não encontrada na história. E nesse processo, alguns dos princípios identificados pela literatura como constituintes da base ideológica da sociedade moderna, encontram na empresa características propícias para disseminação e personificação (RODRIGUES, SILVA e DELLAGNELLO, 2014).

Para Solè (2004, 2008) a história humana é construída por constantes criações e destruições de mundos, tendo cada período uma força organizadora central. Assim, segundo o autor (2008), a força organizadora do mundo moderno reside na empresa, pois “pensar a empresa, é distinguir a singularidade desta organização na história da humanidade” (SOLE, 2008, p.2). Assim, apesar de existirem diversas formas de trabalhar essa temática, o presente estudo assenta-se nas considerações de Solè (2004, 2008) a respeito da empresa enquanto forma organizacional típica da modernidade, e a concepção da empresa enquanto instituição trabalhada por Abraham (2006), para discussão sobre o processo de empresarização.

Para Solè (2004) os conceitos de empresa e de organização não são devidamente claros para os estudiosos. Segundo o autor, muitos estudos acabam por confundir os limites conceituais dos termos e utilizando, indiscriminadamente, a palavra organização como sinônimo de empresa. Uma organização, de acordo com Blau e Scott (1970, p. 13) surge quando “uma tarefa requer mais do que um punhado de homens trabalhando juntos”, em outras palavras, para os autores, ao se reunir indivíduos em torno de um propósito não é possível agir sem organização.

“Estabelecem, então, um clube ou uma empresa, organizam um sindicato ou um partido político, ou fundam uma força policial ou um hospital, e formulam regras que irão governar as relações entre os membros da organização e os deveres de cada um deles” (BLAU; SCOTT, 1970, p.13).

Na visão de Etzioni (1972), vivemos em uma sociedade de organizações, com características tecidas pela interdependência entre a coletividade e os mais diversos tipos de organizações. Para o autor, a sociedade moderna é uma “sociedade de organizações”, pois desde nosso nascimento estamos envoltos por organizações.

Questões como educação, trabalho e lazer são, em grande parte, realizados e proporcionados por organizações (ETZIONI, 1972, p.7)

As organizações são unidades sociais (ou agrupamentos humanos) intencionalmente construídas e reconstruídas a fim de atingir objetivos específicos. Incluem-se as corporações, os exércitos, as escolas, os hospitais, as igrejas e as prisões; excluem-se as tribos, as classes, os grupos étnicos, os grupos de amigos e as famílias. As organizações caracterizam-se por: 1) divisões de trabalho, poder e responsabilidades de comunicação [...] 2) a presença de um ou mais centros de poder que controlam os esforços combinados da organização e os dirigem para seus objetivos [...]; 3) substituição do pessoal.

Outras unidades sociais se caracterizam por certo grau de planejamento consciente, pela existência de centros de poder e pela participação substituível, mas essas outras unidades sociais são conscientemente planejadas, intencionalmente estruturadas e reestruturadas, com a participação que muda regularmente em muito menor grau do que as unidades sociais que denominamos de organizações. Portanto, mais que qualquer outro agrupamento social, as organizações controlam sua natureza e seu destino (ETZIONI, 1972, p 9 e 10).

A definição escrita por Etzioni (1972) vai ao encontro dos escritos de Solè (2004), sobre existir uma certa generalização de conceituações em relação ao termo organização. Solè (2004) afirma que autores como Blau e Scott (1970) e Etzioni (1972), e grande parte dos estudiosos da área, confundem os limites conceituais do termo organização e passam a tratar tudo como sendo empresa.

Então, Solè (2004, p.1) procura realizar a diferenciação entre os termos, conceituando organização como sendo o “conjunto de relações entre humanos”, enquanto empresa o “conjunto – singular – de relações entre humanos”. De acordo com o autor, o conceito de organização necessita de amplitude suficiente de forma a operacionalizar seu estudo transdisciplinar e sua aplicação a qualquer conjunto de relações humanas, por outro lado, a empresa seria uma singularidade dentro do conceito de organização.

E partindo desta percepção, Solè (2008) destaca que uma das demonstrações do alcance da empresa é a sua crescente capacidade de influenciar o comportamento humano, moldando e construindo condutas proveitosas à sua sobrevivência. E nesse sentido, embora a empresa tenha ampliado seu alcance constata-se que poucos pesquisadores dedicam estudos que questionem o que é a empresa, adotando a empresa como uma evidência da sociedade tipicamente moderna.

Em seu trabalho, Solè (2008) escreve que a dificuldade em conceituar a empresa assentar-se na necessidade de compreender a realidade em que vivemos, através de um reexame de aspectos que, costumeiramente, são tidos como naturais e inquestionáveis. Segundo Solè (2008), a peculiaridade do mundo atual reside na particularidade da organização que o caracteriza, em outras palavras, é um mundo organizado por (e para as) empresas. Frente a esta dificuldade apontada por Solè (2008), um dos caminhos possíveis de evidenciar o processo de empresarização é através do enfoque dado por Abraham (2006) ao compreender a empresa como uma instituição central na modernidade¹².

Para Abraham (2006), a empresa pode ser evidenciada através do estudo de outras instituições centrais da sociedade moderna. A compreensão do conceito de instituição perpassa os escritos de Durkheim (2005) que relaciona o tema com todas as crenças e modos de comportamento instituídos pela coletividade. Assim, para Durkheim (2005), uma instituição reúne diversas normas, processos e valores aceitos pela sociedade com o desígnio primário de manutenção da ordem e coesão social. Segundo Abraham (2006), estas instituições estabelecem maneiras de agir e de pensar concebidas no percurso histórico da sociedade e fundamentam a centralidade da empresa em “nosso mundo”. Para o autor, um conjunto de maneiras de agir e de pensar tipicamente modernas constituem e contribuem para manter a ideia de empresa como central em nosso mundo.

Com o intuito de desnaturalizar a ideia de empresa, em seu texto Abraham (2006) discute cada uma das maneiras de agir e de pensar que sustentam a empresa. Comparando com outras sociedades e/ou outros tempos, o autor busca deixar claro que as referidas maneiras de agir e de pensar não são naturais e, conseqüentemente, a empresa também não. Esta discussão realizada perpassa não só pelas maneiras de agir e de pensar pilares da empresa, como também questiona a naturalização da realidade econômica pela sociedade moderna (ABRAHAM, 2006). Segundo o autor, a crença quanto a naturalidade e a necessidade da esfera econômica para a

¹² A discussão iniciada por Abraham teve extensa análise e aprofundamento realizado por Rodrigues (2013).

existência da sociedade, caracteriza uma maneira de agir e de pensar sem a qual “a criação, o crescimento e a multiplicação das empresas é impensável”. Tal comportamento contribuiu para estabelecer o individualismo como característica complementar a economia, em outras palavras, passou a ser visto como natural a busca por “satisfação das necessidades individuais em situação de escassez” (ABRAHAM, 2006, p.329). E Dumont (2000) complementa, escrevendo que o individualismo acaba ultrapassando os limites da esfera econômica e determinando a preferência das relações entre os homens e as coisas em detrimento das relações entre os homens.

Vale ressaltar que estas relações entre indivíduos e coisas evidenciam o ininterrupto ciclo de desejos vivido pelo homem moderno, construído sob a ideia de que as necessidades são ilimitadas, mas os meios para sua satisfação são escassos (ARAÚJO, 2014). E nesta questão Solè (2008) lembra que a empresa desempenha papel de criadora de necessidades, tornando o desejo ilimitado um produto do mundo em que vivemos.

A naturalidade incorporada a existência da esfera econômica legitimou a busca constante pela eficiência e pelo lucro, além de serem intensificados com o processo de racionalização estudado por Weber (2004). A associação entre a racionalidade e a empresa acaba por legitimar um modelo de sociedade sustentado por técnicas, modelos e eficiência, em detrimento de formatos derivados de outros tipos de organização diferentes do tipo burocrático moderno (ARAÚJO, 2014).

Para Abraham (2006, p.352), um dos elementos centrais a manutenção da centralidade da ideia de empresa em nosso mundo reside na naturalização do direito à propriedade, principalmente por ser um aspecto considerado “natural, inalienável e imprescritível” pela sociedade moderna. O autor, revisitando Proudhon e Marx evidencia e relaciona a propriedade privada moderna à divisão do trabalho e a concentração dos meios de produção, agregando uma discussão essencial aos aspectos como racionalidade e escassez (ARAÚJO, 2014). Abraham (2006) complementa a discussão trazendo o posicionamento de Schumpeter sobre a inovação e o mito do progresso, explanando ser a esfera econômica insuficiente na

compreensão do desenvolvimento e das mudanças que desencadeiam dos elementos naturalizadores da empresa.

Cabe ressaltar que Solè (2004, 2008) desenvolveu uma teoria transdisciplinar da empresa evidenciando traços importantes e muitas vezes não questionados pelos estudiosos. No mesmo sentido, o trabalho de Abraham (2006) complementa Solè (2004) por meio da desnaturalização de instituições centrais da sociedade moderna.

Contudo, Araújo (2014) destaca que a proposta fundamental da empresarização consiste em tomar consciência dos traços (SOLÉ, 2008) e dos hábitos coletivos (ABRAHAM, 2006) que sustentam a sociedade moderna. De acordo com Abraham (2006) os traços e os hábitos sustentam grande parte das relações sociais atuais, em outras palavras, a empresa tem se tornado modelo de organização alterando a forma com a qual as pessoas se relacionam entre si e com o espaço.

Nesse sentido, Abraham (2006) escreve que a maneiras de agir e de pensar mencionadas implicam em relações sociais que podem ser consideradas fundamentais para a existência da empresa e sua centralidade na sociedade moderna. São relações que não existem de forma autônoma, sendo observadas em meio a um emaranhado de situações que se processam e se sustentam em meio ao modo de vida tipicamente moderno, tais como as relações funcionais, conflituosas, concorrenciais, impessoais e de dominação.

Frente ao exposto, dentre as relações destacadas por Abraham (2006), a presente pesquisa irá abordar as relações concorrenciais, tendo como pano de fundo a formação de mercados e a transformação de tudo e todos em mercadorias. E, nesse sentido, será abordada as relações de consumo, categoria não abordada diretamente por Abraham (2006).

A discussão destas relações reside em um esforço de avanço na discussão sobre empresarização, e visto a amplitude das perspectivas teóricas a opção pela análise das relações sociais parece tornar possível sua operacionalização. Vale ressaltar que não existem estudos sobre empresarização que tratem especificamente as relações de concorrência e de consumo sob a ótica da teoria da empresarização,

sendo que, a relação de consumo possui uma lacuna teórica a ser preenchida, uma vez que ainda não reúne discussão explícita na literatura.

3.2.1 Relações concorrenciais

Em geral as narrativas sobre a origem da economia moderna tendem a pressupor que sua criação é resultado natural de comportamentos quase tão antigos quanto a existência humana (WOOD, 2001). De acordo com a autora, estas explicações são encontradas em diferentes campos, tendo como similaridade a arguição de que este formato de atividade econômica sempre existiu, mas manteve-se em estado latente até o momento em que foram extintas barreiras externas que impediam sua concretização. Os relatos históricos assumem a realização natural, “quase não houve explicação que não começasse por presumir a própria coisa que precisava ser explicada” (WOOD, 2001, p.13).

Segundo Lamy Filho (2015), a necessidade de suprir os desejos materiais do homem existe desde os primórdios da sociedade quando os pequenos comércios possuíam papel central na economia, oportunizando a troca de bens conforme a necessidade da região. Contudo, durante a idade média o crescimento e o desenvolvimento das atividades comerciais acabaram por modelar as relações existentes, criando formas de exploração humanas e tecnológicas. Neste contexto, a economia passa a ter as relações mercantis como elemento central, separando mão de obra dos meios de produção, incentivando a centralização do capital e passando a instituir sociedades mercantis como modelo a ser incorporado por outras coletividades. Segundo Wood (2001), esta transição é tratada como realização natural da história humana, impulsionada através de uma racionalidade universal maximizadora do lucro que culmina no sistema capitalista.

Há muitas coisas questionáveis nessas suposições sobre a ligação natural entre as cidades e o capitalismo, porém a que mais se destaca entre elas deve ser a tendência a dar ao capitalismo uma feição natural, a disfarçar sua singularidade como forma social historicamente específica, que teve um começo e tem potencialmente um fim. (WOOD, 2001, p.76)

De acordo com Polanyi (2000), somente na era moderna a motivação pelo lucro de forma individual, e em conjunto com as trocas no mercado, passou a representar

o pensamento dominante da vida econômica. Em sociedades anteriores, as práticas econômicas eram impulsionadas por motivações como, por exemplo, a conquista de prestígio social ou a manutenção da solidariedade comunitária. Segundo o autor, a vida econômica era organizada através de outros mecanismos de trocas, tais como a reciprocidade, a redistribuição e a autarquia, inseridas em um contexto de obrigações de natureza não econômica.

A reciprocidade é uma relação social que tem como pilares a cooperação e a confiança entre as partes. Tais valores são responsáveis pela continuidade, eficiência e estabilidade do processo. Já a redistribuição pressupõe a centralização do processo de maneira a coordenar a realocação dos recursos coletivos e diminuir possíveis posições de desigualdade entre os atores. A autarquia corresponderia em um ciclo de produção, comercialização e aquisição de bens dentro de um grupo fechado, sem a motivação do ganho ou instituição de mercados. Em outras palavras, a economia de mercado pode ser considerada uma característica da sociedade moderna, visto que em sociedades predecessoras o ganho e o lucro não eram fatores centrais (POLANYI, 2000).

A visão de Polanyi contrapõe diretamente os pressupostos de Adam Smith. Pois para Smith (1996), o ser-humano é motivado por seu interesse pessoal, pelo egoísmo e pelo desejo de satisfação de suas necessidades, o homem seria naturalmente propenso a comercializar, permutar e trocar. Contudo Polanyi (2000), afirma que o comércio em sociedades pré-mercado possuía um funcionamento muito distinto do modelo moderno, isso porque os mercados desempenhavam papel residual e em conjunto com a divisão do trabalho, possuíam caráter de manutenção de laços sociais e de sobrevivência, não sendo determinante da vida da coletividade. Segundo o autor, estes aspectos demonstram que a propensão à comercialização defendida por Smith não seria inerente a natureza do homem.

Assim, para Polanyi (2000), a esfera econômica engloba inúmeras relações sociais, construídas conforme sua interação com instituições econômicas e não-econômicas, igualmente vitais para a estruturação e funcionamento da sociedade. Entretanto, somente na sociedade de mercado existe uma motivação econômica que

separam as relações econômicas das não-econômicas. De acordo com Wood (2001), o posicionamento de Polanyi representa um drástico afastamento das explicações clássicas de continuidade e naturalidade do desenvolvimento econômico. Segundo a autora, em alguns aspectos Polanyi se aproxima das arguições econômicas convencionais, considerando a revolução industrial o começo de uma transformação extrema e radical.

Diante destes aspectos, Polanyi (2000) escreve que a sociedade capitalista alterou o caráter residual do mercado, tornando-o central através da incorporação das relações sociais no sistema econômico. Assim, a força organizadora da sociedade passa a ser o padrão de mercado que acabou por tornar a sociedade acessória a economia, em outras palavras, as regras econômicas passaram a determinar não só as relações tipicamente econômicas como também a sociedade como um todo.

Em sua obra Smith (1996), defende que o “homem econômico” compreende um dos pilares da economia moderna, sendo elemento chave na construção do que hoje conhecemos como sociedade moderna. Segundo o autor, a motivação individual do homem em acumular riquezas seria um dos principais motores para a regulação dos níveis de oferta e de procura dos bens. Para Smith (1996), o mercado teria capacidade de auto regular-se de forma natural, adaptando a oferta conforme a demanda efetiva, em casos de “livre concorrência.

De acordo com os estudos de Abofalia e Biggart (1991), a concorrência é uma construção social que possui como pilares a moral, a economia e as ações da sociedade. Segundo os autores, a concorrência pode ser vista como uma forma de conflito organizado, o qual, através de regras aceitas pela coletividade, altera e constrói estruturas que se retroalimentam. Segundo Pareto (1996, p.147), em um ambiente de concorrência “basta que apenas um não esteja satisfeito para obrigar os demais a se movimentarem”.

No âmbito da economia, o conceito de concorrência apresenta-se de forma difusa, tendo diferentes leituras ao longo de sua construção. Inicialmente considerada como uma forma de organização do mercado em oposição ao monopólio, a concorrência passou por um processo longo de discussões e conceituações que

consideraram desde sua posição como uma estrutura de mercado como sua interação com as variabilidades da economia capitalista (FREITAS, 1997).

De acordo com Marx (1996) a concorrência pode ser vista como uma regra essencial do sistema capitalista que obriga a participação de todos no processo de luta constante pela apropriação da mais-valia. Para este autor, a concorrência impulsiona a busca e a ampliação de mercados, aumentando a produtividade e a distribuição do excedente. Hobson (1996) complementa este pensamento ao escrever que um ambiente composto por mercados pressupõe a existência da competição em maior ou menor escala dependendo dos fatores intrínsecos e extrínsecos influenciadores do espaço. A concorrência tende a impulsionar as empresas a percorrer caminhos previamente não prospectados, buscando satisfazer desejos da coletividade além da exploração dos consumidores, a competição entre as empresas, via de regra, tem como objetivo auferir vantagens financeiras. (PARETO, 1996).

Nesta mesma linha, Schumpeter (1964) considera a concorrência um processo dinâmico, de exploração de oportunidades em busca por maiores lucros. Segundo o autor, o mercado é um espaço de mudanças constantes que desafiam os envolvidos a inovarem e crescerem a cada nova transformação. A concorrência de mercado é a verdadeira destruição criadora, na qual empresas precisam constantemente se renovar e se adaptar para sobreviver as transformações inerentes ao meio (FREITAS, 1997).

Dessa forma, é possível evidenciar a concorrência como aspecto constitutivo essencial da economia de mercado. E, resgatando os estudos de Abraham (2006), ao reconhecer o caráter não natural da esfera econômica, abre-se a possibilidade de conferir o mesmo tratamento a concepção de homem naturalmente egoísta e competidor. Tais comportamentos tendem a ser decorrentes da valorização atribuída aos bens materiais na sociedade de mercado, tendo como função não só suprir uma necessidade básica inerente ao homem, mas também conferir significação de acordo com as relações e distinções sociais almejadas (POLANYI, 2000).

Segundo Park e Burgess (2014), a competição é uma das formas fundamentais e universais de interação social, existindo independente de contrato social, além de

constituir a base para a organização econômica, reproduzindo efeitos na esfera cultural, na produção intelectual e no consciente individual (VIANA, 2011). A concorrência tende a criar relações que modificam a ordem social, e, em circunstâncias consideradas normais pode nem ser percebida pelos indivíduos envolvidos.

Assim, a concorrência pode ser vista como uma relação impessoal, contínua e muitas vezes inconsciente, relacionada ao posicionamento dentro de uma ordem econômica e social determinada a longo prazo pela própria competição (PARK; BURGESS, 2014). Por conseguinte, a generalização da concorrência naturalizou ações em diferentes planos, segundo Viana (2011), o contexto social competitivo influencia o indivíduo moldando as relações de tal forma que naturalizem condutas ao ponto de não só aceitar as regras sociais como também incorporar o comportamento de acordo com elas.

Segundo Bolognesi (1996), o capitalismo imprimiu um caráter industrial à cultura, transformando elementos culturais em mercadoria. Esta transmutação é fruto de um longo processo produtivo com vistas a reinficar a cultura e atribuir um novo juízo estético destinado apenas ao lazer e a diversão. A cultura passa a ser tratada exclusivamente como mercadoria, tendo como objetivo satisfazer o consumidor em sua busca por distinção social. E nesse sentido, a busca constante pela crescimento e ampliação do leque de mercadorias em diversos campos acabam por estimular as relações de consumo, a qual será discutida na próxima seção.

3.2.2 Relações de consumo

Raramente o consumo é retratado como um aspecto essencial no conjunto de fenômenos que deram origem a economia de mercado (SASSATELLI, 2007). Segundo a autora, a literatura convencional utiliza a revolução industrial e os novos processos de produção da época como ponto de nascimento da economia de mercado. Contudo, o consumo pode ser considerado a força propulsora por trás dos processos históricos que deram origem a sociedade capitalista moderna, sendo fundamental na compreensão das relações sociais e das identidades formadas (SASSATELLI, 2007).

De acordo com Slater (2002), a compreensão do consumo perpassa o reconhecimento da construção da constante transformação e reavaliação a ideia da necessidade de consumir. Em um primeiro momento, a expansão dos mercados sugere a transformação do lazer em mercadorias em paralelo a ampliação da oferta de produtos pela revolução industrial. Entretanto, a “disseminação social do sistema de moda”, com ciclos intermitentes de estilos, desenvolve uma nova dinâmica de demanda por parte do consumidor (SLATER, 2002, p.27).

Considerando as discussões propostas por Sahlins (2003), o consumo pode ser descrito como uma forma de se estabelecer afinidades sociais, determinando um fluxo de expressões coletivas e individuais que fortalecem as relações entre os pares. Em pesquisas realizadas sobre sociedades de caçadores-coletores, Sahlins (2003) busca comprovar que o ser humano não é naturalmente consumidor de bens não alimentares. Segundo o autor, nestas sociedades os desejos de acumulação não estavam presentes, tendo sido construídos em um momento posterior a colonização europeia. Para Sahlins (2003), ao comparar os caçadores e coletores com a sociedade moderna é possível auferir que, considerando as diferenças de objetivos e meios de produção, todas as necessidades materiais são atendidas facilmente. Logo, é a sociedade moderna que, apesar de toda tecnologia, desenvolveu barreiras à satisfação dos desejos.

De acordo com Garcia (2010), a relação de consumo se estabelece pelo anseio de um consumidor em suprir uma determinada necessidade mediante a obtenção de bens ou serviços oferecidos por um fornecedor. Segundo o autor, do ponto de vista jurídico, a relação de consumo institui-se através do binômio fornecedor e consumidor, sendo estes conceitos amplos e objetivos, não importando a finalidade econômica da aquisição ou uso do bem ou serviço.

Ferron (2000) afirma que estas relações de consumo alteraram as maneiras de agir e de pensar do indivíduo, instituindo desejos de consumir, usar e usufruir de forma voraz. Segundo o autor, o magnetismo das vontades encontra na sociedade moderna potencial campo de expansão, podendo ser considerado catalizador de transformações mesmo em situações ideológicas antagônicas

Segundo Baudrillard (2008), o valor atribuído a uma mercadoria está além de sua funcionalidade, compreende também seu valor de troca, valor simbólico e valor do signo. Em outras palavras, um bem é revestido pela imagem que o signo reflete, seu valor está no signo que carrega e não no produto em si. Para o autor, na sociedade de consumo, a relevância dos objetos é estabelecida de acordo com a dimensão social na qual ele está inserido e a significação a ele atribuída, não se esgotando em sua utilidade real, mas sim no que significam ao seu possuidor.

Além disso, Baudrillard (2008) considera que o consumo é um processo constante de manipulação de significações pois a ação de consumir não ocorre de forma isolada, a mesma encontra-se atrelada a uma estrutura de interação e de intenção dependente do sentido atribuído a esta. Segundo o autor, o ato de consumir transcende o relacionamento com os objetos de consumo, não representando apenas a satisfação de uma necessidade como também a realização de desejos atrelados a significados inesgotáveis.

E nesta relação de consumo, os indivíduos são participantes ativos na transferência de significados culturais aos produtos e serviços consumidos. Segundo Reckwitz (2002), a cultura embasa a existência da prática, envolvendo formas de agir e de pensar que vão além da ação em si, construindo e reconstruindo signos, rituais e crenças por meio de práticas de mercado (WARDE, 2005).

Assim, o consumo se renova pela necessidade de acompanhar as mudanças construídas pela sociedade, e de acordo com Toaldo (1997, p.90), “a significação social de um objeto tem sua força na troca, nas posições que os indivíduos são estimulados a ocupar – sempre em relação a seus semelhantes”. Então, de acordo com Baudrillard (2008), a naturalização do consumo acaba por criar uma alienação social envolta pelo consumo de signos que possuem uma construção própria desconexa de qualquer necessidade real.

Portanto, é possível considerar que as relações de consumo abrangem não só uma perspectiva econômica como também uma perspectiva social e cultural (DIMAGGIO; LOUCH,1998). Segundo Ruchaber, Visentini e Casalinho (2016), a cultura tem influência sobre os motivos que levam ao consumo de um determinado

produto, afetando não só a escolha individual como a expressão em determinada sociedade. Na visão de Wattanasuwan (2005), esta abrangência do consumo pode ser destacada através da influência das relações interpessoais no processo de aquisição de um bem ou serviço.

E segundo Baudrillard (1972) a moda encontra-se nesse espaço, refletindo uma necessidade de diferenciação social e de prestígio, pouco se relacionando com a real necessidade de mudança. A criação de signos estabelece relações ascendentes ou descendentes em um fluxo contínuo de distinção social, criando a ilusão da igualdade de possibilidades, buscando tornar hegemônicos grupos sociais que naturalmente seriam distintos (BAUDRILLARD, 1972). Vale ressaltar que um objeto não é exclusividade de um determinado grupo social, o que constrói o signo de distinção é o uso feito pelo grupo (BAUDRILLARD, 2008)

Para Neuberger, Visentini e Chagas (2016), os grupos de referência, como família e classe social, são os principais agentes de persuasão sobre os atos de consumo. De acordo com os autores, a hierarquização proporcionada pelas classes sociais¹³ acaba moderando o comportamento consumidor conforme a posição econômica e cultural envolvida. Segundo Dalmoro (2013, p.75), “a estrutura social não permite que os consumidores apaguem a influência da cultura de massa e das categorias sociais nas ações de consumo”.

Ainda em relação à influência interpessoal, Campbell (2005) escreve que os indivíduos que compõem os grupos sociais tendem a selecionar os bens e serviços com intenções específicas, de forma a criar e manter impressões, identidades e estilos de vida. Para Baudrillard (2008), as estruturas de classes são reorganizadas através da posse de signos que identificam um indivíduo como membro de um determinado grupo. E, neste contexto, Oliveira (2013) afirma que as relações de consumo podem

¹³ De acordo com Neuberger, Visentini e Chagas (2016), existem duas visões para a caracterização de classes sociais no Brasil. Uma delas utiliza o critério de classificação econômica Brasil (CCEB), da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP), que considera características domiciliares para diferenciar a população. E uma segunda visão estabelecida pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que caracteriza as classes através do número de salários mínimos em uma divisão em cinco faixas de rendas.

ser utilizadas como caminho de identificação individual em grupos sociais, sendo um ritual de inclusão ou exclusão de acordo com o nível de compartilhamento coletivo.

Assim, com a centralidade do consumo na sociedade, desprende-se o pensamento de que tudo e todos se tornam mercadorias (BAUMAN, 2008). Os espaços são transmutados em objetos passíveis de significação, sendo estrategicamente moldados e estabelecidos como elemento de distinção. Segundo Slater (2002), o consumo transforma-se em uma relação envolta de significações, interpretações, sensações e experiências, manifestando-se em diferentes tipos de produtos culturais.

O dinamismo das relações de consumo pode ser relacionado ao conceito trabalhado por Schumpeter (1964) da destruição criativa. Para o autor, o processo de destruição criativa envolve o desenvolvimento de novos métodos e tecnologias que podem, ou não, substituir as antigas metodologias e tecnologias. Este processo nem sempre é harmônico, podendo existir a convivência simultânea de tecnologias sem impacto negativo (FELIPE; MARTINS, 2016). Segundo Costa (1997), a criação constante de novos mercados, em decorrência da inovação, contribui para o desenvolvimento econômico, desencadeando um processo contínuo de mudança dos padrões da sociedade. E nesse sentido, o consumo de novos produtos acaba sendo alavancado pela obsolescência programada dos estoques. (COSTA, 1997).

E sendo a relação de consumo permeada de significações, distinções e identificações, a fidelização dos relacionamentos está calcada na percepção de qualidade e nível de satisfação frente a estes signos (WARD; DAGGER, 2007). A manutenção das relações está sujeita ao grau de sustentação das significações atreladas ao consumo realizado, bem como sua representatividade perante a coletividade. Os laços são construídos através de fatores perceptivelmente emocionais, na busca pelos signos e não mais pelo objeto (BAUDRILLARD, 2008).

Neste contexto, o entretenimento ganhou espaço pela apropriação do tempo excedente ao trabalho pela sociedade regida pelo capital (MARIN, 2009). Como explica a autora, o entretenimento busca conglomerar a todos, atuando com os sentidos e as emoções do indivíduo, prendendo a atenção, o tempo e a consciência

das pessoas. Portanto, conforme afirma Marin (2009), o entretenimento compõe a cultura do tempo livre, e, em um ambiente mercadológico, tende a ser instrumentalizado, transformando em produtos as mais diferentes formas de fruição de humana.

Desse modo, de acordo com os autores, a relação de consumo constitui-se como um movimento social, cultural e econômico construído pelo conjunto de significações advindas das relações entre os indivíduos e destes com as organizações.

3.2.3 Empresarização e Cultura: caminhos para compreensão do tradicionalismo gaúcho

Discutir a ideia de empresarização perpassa a desnaturalização de hábitos, e de conceitos por anos perpetuados na sociedade. Nesse processo, busca-se quebrar o ciclo de universalização do pensamento moderno, o qual atribui a origem dos pressupostos empresariais à natureza do homem. De acordo com esta percepção, o homem, desde sua origem, carrega as maneiras de agir e de pensar destacadas por Abraham (2006), contudo, apenas na emergência da sociedade moderna estas características teriam encontrado a atmosfera propícia para sua manifestação. Assim, considerando esta concepção, a empresa, ao emergir do conjunto destes atributos endógenos, passa a ser vista como uma instituição natural e necessária a humanidade (SOLE, 2008).

A naturalização dos preceitos empresariais reverbera na sociedade através da incorporação de uma lógica empresarial em diferentes ambientes, em outras palavras o processo de empresarização reside na generalização do modelo empresarial a ser utilizado em tudo e sobre todos. A empresa passou a ser vista como a força organizadora do mundo, dada a amplitude de seu poder e alcance de suas ações. E neste contexto, a dinâmica criada pela relação sociedade e empresa é descrita por Solè (2008) como um processo de empresarização do mundo. Para o autor, esta dinâmica é marcada pela influência da empresa em áreas originalmente não empresariais, que, além de alterar as características destes espaços, tem influenciado as maneiras de agir e de pensar do homem.

Assim, de acordo com Solè (2008), o processo de empresarização pode ser percebido através da análise de manifestações históricas que demonstram processo de transformação social. Segundo o autor, a globalização pode ser considerada uma das grandes manifestações da empresarização, pois o desenvolvimento das relações entre países, tendo como base a mundialização empresarial, demonstra a centralidade e o poder da empresa frente a organização político-social-econômica do mundo.

Neste contexto, a adoção de preceitos empresariais sob justificativa da promoção de modernização, desenvolvimento e progresso, revela a extensão do processo de empresarização. E neste cenário, Solè (2004) destaca o processo de reorganização das organizações públicas utilizando como base os preceitos empresariais. Segundo o autor, a incorporação de um discurso empresarial com a anexação de linguagem, de métodos, de técnicas, de práticas e de modos de organização, acabou por tornar a empresa modelo obrigatório de gestão, além de passar a estabelecer comportamentos calcados na eficiência, na qualidade e na busca por resultados, independente do ambiente.

De acordo com Pagès et al (1987), desenvolve-se um sistema de controle discreto e altamente eficaz pois há uma internalização dos valores e da ideologia da empresa de maneira a confundir-se com os valores individuais. Segundo Solè (2008), outra forma de manifestação do processo de empresarização pode ser vislumbrado através da influência da empresa sobre os indivíduos fora do ambiente empresarial. O autor enfatiza que grande parte das atividades humanas envolvem a interação, em maior ou menor grau, com empresas e assim inclusive as relações no espaço e no tempo passaram a ser organizadas conforme as necessidades empresariais.

Neste contexto, Silva et al (2007) destaca a forte influência da empresa sobre organizações culturais, considerando a abrangência do processo de empresarização evidenciado por Solè (2008). Para Castilho, Arenhardt e Le Bourlegat (2009), a cultura pode ser entendida como um conjunto de elementos e atividades dinâmicas ou estáticas que compõe a singularidade de uma coletividade. De forma complementar, Carvalho e Andrade (2006) afirmam que o campo da cultura deve ser entendido em

sentido amplo, compreendendo as organizações que constroem o sentido de identidade através da arte, da dança, da música, do esporte e da religião. Assim, podemos entender a cultura como uma construção de significados que buscam adaptar as relações humanas ao ambiente natural e social (KASHIMOTO; MARINHO; RUSSEFF, 2002).

Assim, Castilho, Arenhardt e Le Bourlegat (2009) afirmam que a cultura atua como pilar para o desenvolvimento de uma sociedade, por fornecer os elementos de realidade social na construção de valores e de particularidades que são internalizados pelos próprios componentes da coletividade. Portanto, ao imprimir uma lógica empresarial em organizações culturais há uma tendência a modificação dos objetivos sociais e comunitários basilares deste ambiente, alterando a dinâmica coletiva em prol dos anseios empresariais (SILVA et al, 2007).

Frente ao exposto, a Tabela 1 reúne os indicadores que serão utilizados na análise das internadas artísticas dos CTGs selecionados para o estudo. Tais indicadores são fruto das reflexões teóricas frente ao objeto de estudo, observando elementos incorporados e naturalizados pelas internadas artísticas de competição.

Tabela 1 - Indicadores das Relações de Concorrência e de Consumo

Categoria	Indicadores
Relação de concorrência	Concorrência com outras entidades tradicionalistas
	Relação com outras organizações
	Obtenção de recursos
	Investimento
	Organização e Profissionalização
Relação de consumo	Produtos
	Serviços/eventos
	Organizadores de mercado
	Destruição criadora

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

4. Metodologia

O capítulo anterior buscou apresentar e caracterizar a cultura regional sul rio-grandense, além das relações de concorrência e de consumo a luz da teoria da empresarização, considerando suas peculiaridades e elementos constitutivos. Tais conceitos embasam os caminhos metodológicos utilizados na coleta e na análise de dados da presente pesquisa.

De acordo com Rampazzo (2005), pesquisa é um processo reflexivo, ordenado e crítico com o objetivo de auxiliar na construção de novos conhecimentos em diferentes áreas do saber. Segundo o autor, toda pesquisa possui uma intenção e busca construir o conhecimento a respeito de uma realidade-objeto do pesquisador. De forma complementar, Merriam (1998) escreve que a pesquisa não é uma fórmula unidimensional de investigação literária e assimilação de um problema, mas sim um processo iterativo de diversas idas e vindas essenciais ao andamento de uma investigação científica.

Seguindo esta linha de pensamento, Demo (1989) afirma que a metodologia é o trajeto percorrido de forma instrumental pelo cientista, sendo condição fundamental para cientificidade do estudo. Assim, sendo o trabalho uma análise do processo de empresarização das internadas artísticas adultas dos Centros de Tradições Gaúchas, busca-se neste capítulo apresentar os caminhos metodológicos adotados ao longo do estudo.

Em um primeiro momento são apresentadas as perguntas de pesquisa que norteiam o trabalho. Logo após, são reunidas as definições constitutivas e operacionais de análise, com o detalhamento dos indicadores de pesquisa. A terceira seção do capítulo procura delinear os caminhos da pesquisa, apresentando os recortes realizados frente ao objeto de pesquisa. O quarto ponto do capítulo reúne as informações a respeito da técnica utilizada para a coleta dos dados primários e secundários, apresentando as questões que compuseram o instrumento de pesquisa

e os materiais utilizados para dar suporte aos dados. Finalizando o capítulo, escreve-se sobre a técnica de análise de dados utilizada na pesquisa.

4.1 Questões norteadoras da pesquisa

Tendo como finalidade atender ao objetivo geral e aos objetivos específicos da pesquisa e procurando identificar os elementos característicos do processo de empresarização no objeto de estudo, foram elaboradas as seguintes perguntas norteadoras da pesquisa:

- Qual o papel do MTG na construção do tradicionalismo gaúcho?
- Como o Encontro de Artes e Tradições Gaúchas - ENART estimula o processo de empresarização das invernadas artísticas dos CTGS?
- Quais as características e intensidade das categorias do processo de empresarização, dentre aquelas selecionadas para o estudo, estão presentes nas invernadas artísticas?
- Quais as possíveis implicações (econômicas e culturais) da incorporação de características empresariais por parte das invernadas artísticas dos CTGs?

A partir destas questões norteadoras, as definições constitutiva e operacional das categorias de análise foram construídas, sendo apresentadas na seção subsequente.

4.2 Definição constitutiva (DC) e operacionais (DO) das categorias de análise

A definição das categorias de análise leva em consideração a observação de Kerlinger (2007) sobre a necessidade da definição e uso de variáveis e constructos para o estudo de fenômenos e relações entre fenômenos. Segundo o autor, a definição das variáveis e a forma como serão medidas ou manipuladas fornecem significado às escolhas de pesquisa realizadas. Assim, a definição constitutiva compreende uma definição conceitual utilizada de forma geral, enquanto a definição operacional permite significação através da especificação de indicadores de análise (KERLINGER, 2007).

Frente ao objetivo geral do presente estudo, percebe-se que a **Empresarização** é um dos elementos centrais do trabalho. E considerando os tópicos

discutidos na fundamentação teórica, as categorias selecionadas para o estudo são: a **relação de concorrência** e a **relação de o consumo**. A seguir, são apresentadas as definições constitutiva e operacional, as quais auxiliaram a confecção do instrumento de pesquisa.

Definição constitutiva (DC) – O **processo de empresarização** reside na generalização do modelo empresarial a ser utilizado em tudo e sobre todos. A empresa passou a ser vista como a força organizadora do mundo, dada a amplitude de seu poder e alcance de suas ações. E neste contexto, a dinâmica criada pela relação sociedade e empresa é descrita como um processo de empresarização do mundo. (SOLE, 2004, 2008).

A **relação de concorrência** será tratada como uma relação de disputa entre atores egoístas, tendo como base a crença de que tal processo contribui para o crescimento das organizações e, assim, satisfazer os desejos da coletividade (POLANYI, 2000).

A **relação de consumo** pode ser descrita como um processo constante de manipulação de signos atrelado a uma estrutura de interação e intenção dependente dos sentidos a esta atribuídos. O ato de consumir transcende o relacionamento com os objetos de consumo representando não só a satisfação de necessidades como também a realização de desejos relacionados a significados inesgotáveis. (BAUDRILLARD, 2008).

Definição operacional (DO) – as categorias serão operacionalizadas a partir dos indicadores listados e descritos conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Detalhamento dos Indicadores das Relações de Concorrência e de Consumo

Categoria	Indicadores	Detalhamento
Relação de concorrência	Concorrência com outras entidades tradicionalistas	Refere-se ao posicionamento quanto à existência e a amplitude da concorrência com outras entidades tradicionalistas.
	Relação com outras organizações	Reflete a existência de relacionamentos com os parceiros.

	Obtenção de recursos	Refere-se a forma como são obtidos os recursos necessários para o funcionamento da internada artística.
	Investimento	Reflete a forma como são administrados e aplicados os recursos da internada artística
	Organização e Profissionalização	Reflete as mudanças na organização e a profissionalização dos integrantes da internada artística.
Relação de consumo	Produtos	Reflete os produtos culturais que são consumidos
	Serviços/eventos	Aponta quais são os serviços, onde eles são comercializados e para quem
	Organizadores de mercado	Indica os agentes que organizam o mercado consumidor
	Destruição criadora	Reflete as mudanças de layout e/ou design de produtos e serviços que procuram estimular o consumo

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

4.3 Delineamento da pesquisa

Considerando que o estudo busca descrever as relações e suas implicações nos espaços culturais gaúchos, devido a empresarização, a pesquisa pode ser considerada como descritivo-interpretativa. De acordo com Richardson (2012, p.71) pesquisas descritivas “se propõem a investigar ‘o que é’, ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal”, a partir do corte transversal em uma determinada população. Segundo o autor, os dados coletados em pesquisas de corte transversal são obtidos em um período específico, procurando descrever a população naquela ocasião.

Assim, a definição da população de estudo levou em consideração os dados oficiais do MTG-RS (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2016), que relaciona 1.726 entidades tradicionalistas afiliadas e sete eventos competitivos oficiais abertos à participação de todas entidades regulares. Devido à natureza da pesquisa, a delimitação das organizações pesquisadas levou em consideração o caráter competitivo dos eventos organizados pelo MTG, desta forma optou-se por analisar o

as organizações que participam do ENART, devido sua amplitude no cenário tradicionalista.

De acordo com o relatório anual do MTG (2016), o ENART é o maior evento cultural e artístico do movimento, possuindo grande representatividade e abrangência estadual. Assim, no intuito de identificar traços característicos do processo de empresarização em internadas artísticas adulta dos Centros de Tradições Gaúchas, o ENART apresenta-se como principal fonte de delimitação das organizações a seres pesquisadas. Ressalta-se que dentre todas as atividades culturais e artísticas realizadas durante o evento, a dança tradicional foi selecionada como elemento de pesquisa visto a representatividade desta atividade frente a sociedade e grau de importância no contexto geral do ENART. A categorização das entidades na competição¹⁴ (Força A e Força B), complementa a redução do número de entidades. Sendo a Força B categoria de regramento mais simples de forma a possibilitar o início da trajetória competitiva das entidades tradicionalistas, a Força A tende a reunir as entidades com um nível de senioridade superior, agrupando internadas artísticas mais experientes na competição. Assim, a escolha da categoria Força A tem como finalidade delimitar o estudo entre internadas artísticas com uma trajetória de experiências na competição e assim permitir analisar a incorporação de características empresariais pelo grupo.

Considerando que a etapa finalíssima do ENART reúne sessenta entidades tradicionalistas na categoria Força A, os prazos para a realização da pesquisa e, principalmente, as limitações financeiras para a realização de estudos desta natureza, o universo de pesquisa foi delimitado a 26^o Região Tradicionalista¹⁵, a qual reúne as cidades de Pelotas, Capão do Leão, Turuçu, Morro Redondo e Arroio do Padre.

Em relação ao nível de análise do presente estudo, segundo Chanlat (1993), podemos classificar como organizacional, tendo como unidade de observação

¹⁴ As peculiaridades das categorias serão desenvolvidas na seção 5.2.1 Categorias de danças tradicionais no Enart: Força A e Força B.

¹⁵ Atualmente as entidades tradicionalistas são agrupadas em trinta e uma Regiões Tradicionalistas, abordadas na seção 5.1.6 Regiões Tradicionalistas.

indivíduos escolhidos por julgamento. Nesse sentido, a população da pesquisa é constituída pela totalidade dos integrantes da invernada artística adulta das entidades tradicionalistas selecionadas, considerando: dançarinos, posteiros e equipe de apoio. A abrangência dos respondentes se deu por censo, buscando abranger a totalidade de dançarinos e incorporar os demais integrantes de acordo com a disponibilidade de presença nas datas de aplicação do instrumento

A presente pesquisa possui tanto uma abordagem qualitativa quanto quantitativa de forma a atender o objetivo da pesquisa a partir de um conjunto de dados analisados quantitativamente e outros qualitativamente. De acordo com Miles e Huberman (1994) a pesquisa qualitativa possui uma dimensão subjetiva maior, oferecendo uma maior flexibilidade ao pesquisador para a adequação da teoria à prática, mas com a definição de perguntas de pesquisa, conceitos e variáveis é possível tornar a pesquisa mais objetiva e, conseqüentemente, auxiliar o pesquisador no avanço de suas ideias iniciais. Já a pesquisa quantitativa, caracteriza-se pela quantificação das modalidades de coleta de informações e no tratamento realizado por meio de técnicas estatísticas. O método quantitativo representa a intenção de garantir a precisão de resultados evitando distorções de análise (RICHARDSON, 2012).

Considerando os objetivos da pesquisa em buscar entender o fenômeno da empresarização no mundo real e assumir que este processo provavelmente engloba importantes condições contextuais na unidade de análise, o presente trabalho se enquadra como um estudo de caso realizado em centros de tradições gaúchas, força A, da 26ª região tradicionalista. De acordo com Yin (2015), o estudo de caso permite reunir diferentes perspectivas de forma a ampliar a visão do pesquisador para a compreensão e interpretação mais profunda dos fenômenos analisados e, por conseguinte, reconhecer múltiplas realidades através possíveis proposições teóricas decorrentes do estudo. Nesse sentido o autor complementa que o estudo de caso pode ser realizado uma unidade única ou unidades múltiplas de análise, sendo definida conforme o planejamento e os anseios da pesquisa.

Assim, para Triviños (1987), ao se optar pelo uso de casos múltiplos a comparação entre os elementos permite a uma melhor compreensão sobre o objeto pesquisado, pois, embora existam diferenças entre os casos a unidade de análise é a mesma. Portanto, classifica-se como um estudo de casos múltiplos que engloba três invernadas artísticas da categoria adulta da região.

Em síntese, a pesquisa está categorizada como sendo descritivo-interpretativa, com uma abordagem quantitativa e qualitativa, com o uso da técnica de estudo de casos múltiplos, tendo como unidade de análise o Centro de Tradições Gaúchas. E, frente aos recortes realizados, três organizações atendem aos requisitos de pesquisa: CTG Carreiros do Sul, CTG Thomas Luiz Osório e União Gaúcha J. Simões Lopes Neto.

4.3.1 Técnica de Coleta de dados

Segundo Triviños (1987) a coleta de dados é vital na pesquisa pelos enfoques e caminhos possíveis de aprofundamento ao longo do processo. O processo de coleta abarca dados primários e secundários, de forma a compor as fontes necessárias para o estudo.

4.3.1.1 Coleta de dados secundários

Os dados secundários, de acordo com Selltiz, Wrightsman e Cook (1987) reúnem informações coletadas anteriormente que foram tabuladas, ordenadas e catalogadas com outros fins, mas encontram-se à disposição dos interessados. Ludke e André (1986) afirmam que os dados secundários reúnem uma fonte estável de checagem de informações relativas ao objeto de estudo, além de oportunizar um aprofundamento quanto a história e a constituição das instituições pesquisadas.

Nesse sentido, o levantamento de documentos relacionados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho e aos centros de tradições selecionados permitiu o atendimento dos dois primeiros objetivos da presente pesquisa. Abaixo lista-se os materiais pesquisados:

- Coletânea da legislação tradicionalista

- Tese: O Sentido e o Valor do Tradicionalismo (1954);
- Tese: Reflexões Necessárias (2017)
- Carta de Princípios do MTG (1967)
- Regulamento Geral do Movimento Tradicionalista Gaúcho (2015);
- Regulamento do Encontro de Artes e Tradições Gaúchas – ENART (2015);
- Regulamento Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (2015);
- Regulamento o Entrevero Cultural de Peões (2015);
- Regulamento da Ciranda Cultural de Prendas (2015)
- Relatório Anual de atividades MTG (2016);
- Estatuto do Movimento Tradicionalista Gaúcho (2014);
- Estatuto da Fundação Cultural Gaúcha (2003);
- Resolução 04/09 – Lista de Destaques Tradicionalistas (2009);
- Notas de Instrução MTG (2017, 2016);
- Site: Movimento Tradicionalista Gaúcho;
- Site: Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore;
- Site: Rádio Tertúlia;
- Site: Câmara de Pelotas;
- Site: Prefeitura Municipal de Porto Alegre;
- Livro: MTG 50 anos de preservação e Valorização da Cultura Gaúcha (2016);
- Livro: Indumentária Gaúcha (2003);
- Livro: Nativismo um fenômeno social gaúcho (2008);
- Livro: Bailar Gaúcho entre a técnica e o sentir (2017);
- Livro: Ser Patrão e administração de CTG (2013);
- Livro: Rio Grande de Sul História e Identidade (2008);
- Jornal: Eco da Tradição;
- Jornal: Diário da Manhã;
- Jornal: Minuano;
- Jornal: do Comércio.

4.3.1.2 Coleta de dados primários

Os dados primários são constituídos pelas informações coletadas diretamente pelo pesquisador com o objetivo de compor o estudo proposto. Assim, na presente

pesquisa, o principal instrumento de coleta de dados foi um questionário (Apêndice A) aplicado presencialmente ao grupo da invernada adulta das entidades tradicionalistas escolhidas para análise, tendo complementação através da observação direta do grupo.

O questionário foi composto por duas partes. A primeira etapa do instrumento reúne questões para a coleta das informações gerais do respondente, de forma a permitir obter o perfil dos integrantes de cada entidade tradicionalista. As perguntas realizadas nesta seção do questionário são listadas abaixo:

1. Idade
2. Sexo
3. Escolaridade
4. Renda familiar mensal
5. Tempo de associação na entidade tradicionalista
6. Tipo de vínculo com a entidade tradicionalista
7. Tempo de vínculo com a entidade tradicionalista
8. Participação em outras entidades tradicionalistas
9. Tempo de participação em outras entidades tradicionalistas

Já a segunda parte é composta por afirmações que permitem aferir o nível de concordância dos respondentes frente as categorias estudadas nesta pesquisa. As afirmações foram elaboradas utilizando-se do conceito de atitude como varável. O construto de atitude é destacado por Richardson (2012) como sendo a predisposição do indivíduo em reagir favoravelmente ou desfavoravelmente frente a um determinado conceito, podendo ser aferido através de escalas que indicam a intensidade da aderência do sujeito ao indicador pesquisado.

Assim, o instrumento de pesquisa foi organizado utilizando-se uma escala Likert, de maneira a permitir a classificação dos respectivos indicadores entre uma atitude completamente favorável (nível 5) até outra completamente desfavorável (nível 1). De acordo com Richardson (2012), o método de Rensis Likert permite verificar o grau de concordância do indivíduo com as afirmações, e, conseqüentemente, torna-se possível verificar a aderência dos respondentes aos indicadores da pesquisa. Para

cada uma das afirmativas, o respondente foi orientado a ler com atenção e assinalar apenas uma das seguintes alternativas conforme escala apresentada na Tabela 3.

Tabela 3 - Descrição da escala utilizada

Discordo totalmente	1
Discordo parcialmente	2
Estou indeciso	3
Concordo parcialmente	4
Concordo totalmente	5

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

As afirmações, em número de sessenta e oito, foram elaboradas considerando as relações de concorrência e de consumo em conjunto com os indicadores de cada uma. A distribuição sobre a relação de concorrência é demonstrada na Tabela 4:

Tabela 4 - Descrição dos indicadores da Relação de Concorrência

Relação de Concorrência			
Código	Indicador	Descrição	Nº de questões
1	Concorrência com outras entidades tradicionalistas	Refere-se ao posicionamento quanto à existência e a amplitude da concorrência com outras entidades tradicionalistas.	6
2	Relação com outras organizações	Reflete a existência de relacionamentos com os parceiros.	8
3	Obtenção de recursos	Refere-se a forma como são obtidos os recursos necessários para o funcionamento da invernada artística.	5
4	Investimento	Reflete a forma como são administrados e aplicados os recursos da invernada artística	8
5	Organização e Profissionalização	Reflete as mudanças na organização e a profissionalização dos integrantes da invernada artística.	4

Fonte: Elaborado pela Autora, 2017.

Referente a relação de consumo, a distribuição dos indicadores e afirmativas apresentou-se de acordo com a Tabela 5.

Tabela 5 - Descrição dos indicadores da Relação de Consumo

Relação de Consumo			
Código	Indicador	Descrição	Nº de questões
6	Produtos	Reflete os produtos culturais que são consumidos	6
7	Serviços e Eventos	Aponta quais são os serviços, onde eles são comercializados e para quem	8
8	Organizadores de mercado	Indica os agentes que organizam o mercado consumidor	13
9	Destruição criadora	Reflete as mudanças de layout e/ou design de produtos e serviços que procuram estimular o consumo	5

Fonte: Elaborado pela Autora, 2017.

Nesta distribuição das afirmativas, utilizou-se uma afirmação relacionada diretamente a relação de concorrência em sentido amplo, ou seja, sem um indicador definido e outras quatro afirmativas não relacionadas diretamente a nenhuma das relações e indicadores especificamente.

De forma proposital, algumas das afirmativas da segunda parte do questionário foram distribuídas de forma desordenada para evitar a identificação de sequências nas formulações.

As afirmativas de espectro geral são relacionadas na Tabela 6, e tem como objetivo auxiliar na compreensão da importância atribuída ao MTG pelos respondentes.

Tabela 6 - Descrição das afirmações relacionadas ao MTG

Questões Gerais	
Código	Afirmativas
Q11	A internada artística tem por finalidade a preservação, valorização e divulgação da tradição, dos usos e costumes e da cultura gaúcha
Q12	O tradicionalismo deve acompanhar as mudanças sociais e atualizar suas diretrizes
Q15	O MTG é crucial para a preservação da cultura gaúcha
Q71	A internada da qual faço parte, muitas vezes, parece uma empresa

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

As questões apresentadas na Tabela 7 foram elaboradas e agrupadas de maneira a identificar a aderência do respondente ao indicador referente a relação de concorrência.

Tabela 7 - Descrição das afirmações relativas a relação de concorrência

Questão genérica	
Código	Afirmativas
Q37	Ao realizar eventos artísticos e culturais, a invernada busca o apoio do MTG, através da coordenadoria regional.
Indicador 1 - Concorrência com outras entidades tradicionalistas	
Código	Afirmativas
Q38	O relacionamento entre as invernadas da região ultrapassa as competições
Q41	Ao participar de uma competição artística, o principal objetivo da invernada é a vitória
Q43	Entidades tradicionalmente vencedoras do ENART são consideradas as principais concorrentes da invernada
Q46	As invernadas artísticas da região são consideradas concorrentes diretas.
Q70	A cada edição do ENART, percebo uma maior profissionalização das invernadas.
Indicador 2 - Relação com outras organizações	
Código	Afirmativas
Q26	A invernada artística conta com o apoio financeiro do CTG
Q28	A invernada artística conta com apoio financeiro de empresas da região
Q32	A invernada artística conta com apoio financeiro de órgãos públicos.
Q40	Competições propiciam o reconhecimento do trabalho da invernada pela comunidade
Q42	A invernada mantém um relacionamento próximo da comunidade, dos familiares dos integrantes e dos sócios da entidade
Q17	Outras formas de entretenimento/lazer são concorrentes da dança.
Q13	O MTG, através das coordenadorias regionais, é o principal agente fiscalizador das atividades da invernada artística e da entidade.
Q16	O MTG deve manter-se rígido quanto as regulamentações para preservar a cultura gaúcha
Indicador 3 - Obtenção de recursos	
Código	Afirmativas
Q19	Os integrantes da invernada são responsáveis pela captação financeira
Q20	O planejamento financeiro da invernada é decidido conforme o poder aquisitivo do grupo.

Q21	A gestão financeira visa ampliar a capacidade de competir e melhorar os resultados do grupo.
Q24	A mensalidade paga pelos integrantes cobre todas as despesas da internada
Q25	Os integrantes devem participar ativamente dos eventos para suprir o planejamento financeiro

Indicador 4 – Investimento

Código	Afirmativas
Q18	A cada ano a internada tem aumentado o orçamento investido em suas atividades.
Q22	O investimento dos recursos financeiros leva em consideração o cronograma de competições anual.
Q23	O grupo decide sobre o direcionamento dos investimentos
Q29	A internada vem investindo recursos financeiros e/ou humanos na melhoria de seu desempenho competitivo
Q30	A tomada de decisões relativas a investimentos e recursos é centralizada pela coordenação.
Q31	Os recursos e investimentos são centralizados e controlados pelo coordenador da internada.
Q72	Os custos da indumentária são exclusivamente meus.
Q78	Já pensei em deixar de dançar devido aos custos com mensalidade e adicionais

Indicador 5 - Organização /Profissionalização

Código	Afirmativas
Q44	A competição com outros grupos influencia a organização interna da internada.
Q45	A internada possui um cronograma de ensaios e treinamentos voltados à participação do grupo no ENART.
Q47	A frequência dos ensaios é intensificada no período que antecede do ENART
Q73	Percebo que em algumas internadas existem integrantes profissionais de dança

Fonte: Elaborado pela Autora, 2017.

Já as questões relativas aos indicadores que compõe a relação de consumo são apresentadas na Tabela 8 abaixo.

Tabela 8 - Descrição das afirmações relativas a relação de consumo

Indicador 6 – Produtos	
Código	Afirmativas

Q54	A indumentária distingue a internada artística, representando o estilo e o propósito do grupo.
Q14	Considero a dança tradicional gaúcha como uma forma de entretenimento.
Q55	A internada procura apresentar-se sempre uniformizada em eventos tradicionalistas, como forma de demonstrar sua entidade de origem.
Q56	A troca periódica de indumentárias pode ser vista como estratégia para manter o interesse da comunidade nas atividades realizadas pela internada artística.
Q63	O consumo de produtos tradicionalistas tem aumentado nos últimos anos.
Q77	O preço da indumentária é alto.

Indicador 7 – Serviços/Eventos

Código	Afirmativas
Q57	O mistério em torno de cada pré-estreia tem como objetivo atrair a comunidade e outros tradicionalistas para o evento.
Q58	A internada busca trabalhar com fornecedores (coreógrafos, costureiras) locais
Q59	Os produtos/serviços oferecidos pela internada são escolhidos para atender a comunidade e promover a cultura gaúcha
Q60	Produtos/Serviços pouco vendidos são substituídos.
Q61	Os fornecedores são escolhidos considerando sua experiência em competições tradicionalistas, como por exemplo o ENART.
Q62	Houve um crescimento no número e na qualidade dos fornecedores de produtos tradicionalistas especializados em competições como o ENART
Q64	A internada costuma fidelizar fornecedores, trabalhando várias vezes com os mesmos profissionais.
Q65	A internada utiliza fornecedores de outras regiões visando diferenciar o trabalho

Indicador 8 – Organizadores de mercado

Código	Afirmativas
Q27	A contratação de profissionais (coreógrafo, musical, instrutores) é cada vez mais frequente.
Q34	A internada artística, da qual faço parte, costuma realizar apresentações em bailes e jantares oferecidos pela entidade.
Q35	A internada artística da qual faço parte tem como principal objetivo participar de eventos competitivos.
Q36	Dentre as competições tradicionalistas, o ENART é a competição foco da internada artística da qual faço parte
Q39	O ENART é um dos eventos centrais de divulgação do tradicionalismo gaúcho

Q53	A frequência de troca de indumentária é estabelecida conforme necessidade de renovação do grupo (estilo, competições, ingresso de integrantes).
Q66	A invernada fornece produtos e serviços à comunidade como forma de promover o tradicionalismo
Q67	A semana farroupilha é o período de maior comercialização de produtos/serviços pela invernada
Q68	A escolha de produtos/serviços sofre influência direta de outras invernadas artísticas, principalmente aquelas tradicionalmente vendedoras de grandes competições
Q69	Sinto que a troca de indumentária está mais relacionada com o mercado de produtos tradicionalistas do que com o próprio tradicionalismo.
Q76	Os CTGs fazem parte de um mercado de cultura tradicionalista.
Q74	Já pensei em deixar de dançar pelo preço da indumentária.
Q75	As vezes ser gaúcho custa caro.

Indicador 9 – Destruição criadora

Código	Afirmativas
Q48	A escolha da indumentária e temática é realizada pelo grupo administrativo da invernada, sendo mantido segredo até a pré-estreia.
Q49	Os integrantes da invernada têm pouca, ou nenhuma, participação no processo de escolha da indumentária e da temática.
Q50	As trocas de indumentária e de temática são realizadas visando a participação do grupo no ENART.
Q51	A invernada sempre apresenta temática e indumentária inéditas no ENART.
Q52	A troca de indumentária é uma forma de renovar o sentimento tradicionalista do grupo.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2017.

O questionário foi testado previamente por uma amostra composta pelos integrantes de uma invernada artística adulta de um CTG que participa da força B do ENART. Neste pré-teste foi solicitado aos respondentes indicar quaisquer dúvidas referentes as afirmações e organização do questionário. A escolha da organização se deu pela facilidade de acesso aos integrantes além de levar em consideração a participação da invernada artística no ENART. A realização do teste em uma invernada participante da competição teve como objetivo verificar se a assimilação do conteúdo pelos respondentes iria ao encontro à expectativa da pesquisa, além de avaliar se as afirmativas se encontravam inteligíveis frente a população em estudo.

Foram aplicados dezesseis questionários que correspondeu a totalidade de dançarinos da internada adulta no ano de 2017.

Durante o teste do instrumento, o tempo de preenchimento total foi cronometrado para verificar se o tempo de dedicação dos respondentes o que poderia tornar o questionário cansativo e afetar a qualidade das respostas. O tempo médio foi de 28 minutos. O final do pré-teste foi verificado a necessidade de ajustes apenas na primeira parte do instrumento com a adição de categorias referente a escolaridade e renda familiar. No campo de escolaridade foi adicionado o “Ensino Técnico” pois muitos respondentes estavam cursando ou haviam cursado, e no campo de renda familiar a categorização através de salários mínimos causou dúvidas quanto aos valores, sendo sugerida a alteração para os valores em reais.

A aplicação dos questionários testados foi realizada presencialmente em cada uma das entidades tradicionalistas selecionadas para o estudo. Inicialmente foi feito um contato com o coordenador de cada internada adulta através das redes sociais para estabelecer uma data para visita. Todas as visitas foram realizadas no mês de novembro de 2017.

No CTG Cel. Thomaz Luiz Osório, a aplicação do questionário foi realizada antes do horário do ensaio. Os integrantes haviam sido informados pela coordenadora da visita e foram abordados conforme iam chegando a entidade. Os respondentes possuíam cerca de uma hora para a finalização do instrumento, visto o horário de início do ensaio. Os integrantes espalharam-se pelo salão para realizar o preenchimento do instrumento, poucos conversaram entre si para dirimir alguma dúvida. De acordo com a coordenadora do grupo, na data de aplicação dos questionários, a internada artística contava com trinta e oito integrantes. Foram preenchidos trinta e seis questionários, correspondendo a totalidade de integrantes presentes e disponíveis no momento de aplicação do instrumento. A média de tempo para responder foi de 25 minutos.

Na União Gaúcha J. Simões Lopes Neto, o questionário foi aplicado em horário posterior ao ensaio, todos os integrantes foram dispostos em roda pelo coordenador para instruções iniciais. Após distribuídos os instrumentos, algumas respostas foram

combinadas entre os dançarinos, contudo o preenchimento foi individual. Estavam presentes no dia dois dançarinos coreógrafos que não realizaram o preenchimento do questionário por não se sentirem confortáveis em falar sobre o meio tradicionalista. Ambos informaram ser da dança contemporânea e já trabalharam com o grupo em outros momentos. Foram preenchidos trinta questionários, sendo vinte e nove por dançarinos e um pela coordenadora financeira do grupo. Segundo o coordenador do grupo, estavam presentes todos os dançarinos do ano de 2017.

O CTG Carreiros do Sul foi a entidade com maior dispersão para coleta dos dados. Após contato com o coordenador da invernada, não foi possível acertar uma data para visita ao ensaio, desta forma, a opção encontrada foi a abordagem dos dançarinos durante o ENART em Santa Cruz do Sul e através internet com o envio do questionário via rede social. Em todas as abordagens era realizada a apresentação do que era o trabalho e verificada a disponibilidade para respostas com tempo suficiente. No caso dos questionários respondidos on-line, os mesmos foram transcritos para a versão impressa posteriormente. Foram respondidos vinte e nove instrumentos de um total de trinta e um integrantes da invernada de 2017. Por não existir identificação dos formulários, não foi possível verificar quais dançarinos não preencheram a versão online do questionário.

De forma complementar, a observação direta do objeto de estudo é imprescindível na composição dos dados primários da pesquisa. Lakatos e Marconi (2002), afirmam que a observação permite perceber aspectos da realidade como um espectador externo. Nesse sentido, a observação tornou-se a segunda ferramenta de coleta de dados primários na identificação de elementos característicos da empresarização decorrentes das relações de consumo e concorrência.

A observação foi realizada durante as visitas para aplicação dos questionários, além do acompanhamento das invernadas nas fases inter-regional e finalíssima do ENART do ano de 2017. De forma complementar, foi realizado o acompanhamento das invernadas através das redes sociais oficiais.

4.4 Técnica de Análise de dados

A fase da análise de dados abrange as atividades de descrição, interpretação e explicação das informações angariadas no processo de coleta de dados. Ainda que predominantemente quantitativa, o presente trabalho também realizou análises de cunho qualitativo. Assim, considerando as características da presente pesquisa, a análise foi dividida em quatro partes: caracterização do Movimento Tradicionalista Gaúcho, caracterização do ENART, caracterização das entidades tradicionalistas pesquisadas em conjunto com a caracterização dos integrantes de cada invernada artística; caracterização da percepção dos grupos frente as relações de concorrência e de consumo e a comparação da intensidade dos grupos considerando estas relações.

A primeira parte da análise busca descrever a origem do Movimento Tradicionalista Gaúcho, trazendo a história, suas principais características e singularidades construídas ao longo do tempo. Este levantamento torna-se importante na medida em que auxilia na compreensão dos aspectos estruturais do movimento e sua influência nas relações pesquisadas. Para a composição da origem do MTG, o livro escrito por Barbosa Lessa (2008) foi a principal fonte de dados. A partir dos escritos do autor, o Regulamento Geral e Estatuto do MTG forneceram os subsídios legais da organização, sendo complementados pelo livro comemorativo aos 50 anos do MTG publicado no ano de 2016 (BASTOS, 2016). Os dados foram organizados de forma a permitir uma descrição partindo dos elementos históricos até a atual configuração do movimento tradicionalista.

Neste mesmo sentido, a caracterização do ENART busca mostrar a origem e o formato atual da competição sob égide do MTG. Ao delinear a história e o formato do ENART torna-se possível identificar os aspectos que contribuem nas relações das entidades tradicionalistas com o movimento. Esta seção teve como documento central de análise o regulamento oficial da competição e histórico do evento disponível no site do MTG. Reportagens e artigos sobre a competição complementam a seção com dados sobre a atualidade do evento. A seção ainda traz uma análise sobre as categorias de danças tradicionais no ENART (Forças A e B) e finaliza com o tema do amadorismo no ENART com base nos escritos de Savaris e Callegaro, ex e atual presidente do MTG, respectivamente.

A caracterização das entidades tradicionalistas procura demonstrar a história de cada organização estudada, levantando as principais características da entidade como um todo e da internada artística adulta. Assim como as demais caracterizações, esta descrição auxilia na compreensão do funcionamento e das particularidades de cada entidade. Através da análise dos dados coletados é possível ter uma visão macro das características distintivas de cada grupo de tradicionalistas estudado. Esta seção reúne informações sobre a 26ª Região Tradicionalista e os três CTGs selecionados para o estudo. Vale ressaltar que muito da história dos CTGs não se encontra escrita ou sistematizada, assim, a seção acaba sendo um trabalho de composição de fragmentos resgatados de notícias, artigos, postagens em redes sociais e de observação do campo. Por fim, esta seção do trabalho reúne a identificação do perfil de cada internada artística estudada, através das informações provenientes da primeira parte do questionário. Os dados foram tabulados e foi realizada a média aritmética dos resultados, separando por gênero e o total. Ao final são comparados os dados gerais de perfil das três internadas artísticas.

Na sequência, a caracterização da percepção das internadas artísticas frente a relação de concorrência e de consumo foi realizada através dos dados da segunda parte do questionário. Os dados provenientes do instrumento de pesquisa permitiram a elaboração de escores padronizados, os quais identificavam a atitude dos grupos dentro de uma escala que variava de discordo totalmente a concordo totalmente. Para a análise da atitude dos respondentes em relação aos indicadores, foram realizados os cálculos de média aritmética, desvio padrão e histograma de frequências.

A análise dos dados secundários utiliza a técnica de análise documental. Segundo Richardson (2012), esta técnica busca estudar e analisar documentos de forma contextual, considerando os aspectos sociais e econômicos relacionados à época da escrita. Portanto, segundo o autor, a análise documental deve levantar os fatos sociais em conjunto com o período histórico no qual estava inserido.

4.5 Limitações da Pesquisa

Alguns foram os aspectos que limitaram a execução da pesquisa e seus resultados. As categorias trazidas na fundamentação teórica levaram a composição

das afirmações que forma colocas no instrumento. Foram organizadas sessenta e oito afirmações, número relativamente alto que pode ter tornado o instrumento exaustivo ao respondente. Entretanto, o número de questões proporcionou maior validade e confiabilidade ao instrumento.

Outra restrição ao estudo é a falta de generalização da amostra, pois apesar de ter sido realizado um censo englobando quase toda população disponível, a realidade verificada na 26^o Regiões Tradicionalistas pode não ser a mesma encontrada nas demais regiões. Fatores como posição geográfica, acesso a recursos e número de entidades tradicionalistas podem influenciar nas formas de agir e de pensar de cada invernada artística.

Em relação à pesquisa da história das entidades tradicionalistas, a falta de registros que relatem a trajetória de cada entidade limitou o acesso a estas informações. Poucos são os documentos disponíveis para análise e mais escassos ainda trabalhos que divulguem esta história. Não foram raros os casos em que ao questionar um dançarino sobre a história do CTG o mesmo soubesse informar apenas o ano de fundação, o nome do patrão fundador e o nome do atual patrão, elementos que compõe a fala obrigatória de apresentação do grupo no ENART¹⁶.

Por fim, por ser esta pesquisa um estudo de casos múltiplos, o resultado não deve ser tomado como universal frente a outras entidades tradicionalistas, sendo, apenas, uma abordagem ao processo de empresarização nas invernadas artísticas adultas.

¹⁶ Desde o ano de 2014 é obrigatória a apresentação destes elementos pela Prenda adulta titulada da entidade em todas as fases do ENART, a falta da Prenda caracteriza em desclassificação do grupo. A justificativa do MTG é a aproximação das áreas cultural e artística.

5. Análise dos dados

O presente capítulo reúne os resultados obtidos através da coleta de dados primários e secundários descritos anteriormente. A análise foi subdividida em quatro partes distintas tendo como propósito de sistematizar e de organizar os dados e suas inter-relações.

Inicialmente é realizada a descrição do Movimento Tradicionalista Gaúcho, perpassando sua constituição e origens, finalizando com a organização atual. Esta subseção ainda apresenta os departamentos centrais do MTG considerando o foco do trabalho na área cultural e artística. Em seguida, são reunidas as informações sobre o Encontro de Artes e Tradições Gaúchas – ENART. Através da análise do regulamento do evento são descritos os principais elementos que compõe a competição, fechando a seção com uma análise das categorias de danças tradicionais Força A e B e a questão do amadorismo.

O terceiro ponto da seção de análise do MTG, é composto pela 26ª Região Tradicionalista, o foco passa a ser o objeto de pesquisa, reunindo fragmentos históricos da região e das entidades tradicionalistas selecionadas para o estudo. Esta subseção ainda reúne as informações, separadas por invernada artística, que compõe o perfil socioeconômico dos respondentes, e uma comparação destes perfis.

Por fim, a quarta seção deste capítulo analisa a percepção das invernadas artísticas adultas frente a relação de concorrência e a relação de consumo, buscando verificar as peculiaridades de cada CTG. Ao final da seção, são comparadas as respostas de todos os indicadores das invernadas artísticas de forma a verificar qual encontra-se mais adiantada no processo de empresarização.

5.1 Movimento Tradicionalista Gaúcho

Segundo Oliven (2006), a representatividade do gaúcho e a construção das tradições perpassaram diferentes momentos e intensidades a partir do século XIX.

Transformações econômicas alteraram a relação do homem com o campo, além do surgimento de novas raças de gado, de novas redes de transporte e da modernização da região da Campanha que simplificou muitas das atividades pecuárias, e a figura do gaúcho marginal gradualmente se incorporou ao peão de estância. Assim, a figura do gaúcho praticamente se extingue, e de acordo com Oliven (2006), este desaparecimento acaba por tornar a temática do gaúcho um instrumento de sustentação e imposição ideológica dos mesmos grupos que a tinham destruído.

No ano de 1868, durante a Guerra do Paraguai, um grupo de intelectuais e escritores pertencentes ao Partenon Literário da cidade de Porto Alegre, passou exaltar a temática regional gaúcha, buscando representar através de seus livros, artigos de jornais e conferências a figura do gaúcho telúrico em conjunto com ideias liberais, nativistas e abolicionistas (BASTOS, 2016). Foi um período de tentativas de retratar na literatura o gaúcho que havia sido marginalizado pelo crescimento e modernização das áreas rurais (OLIVEN, 2006).

Este mesmo movimento literário ocorre no Uruguai. Em 1894 foi fundada a Sociedade Tradicionalista *La Criolla* tendo como objetivo cultuar as tradições e pensamentos patriotas uruguaios (OLIVEN, 2006). Segundo Bastos (2016), a criação desta sociedade influenciou e fortaleceu o movimento iniciado pelos escritores do Partenon Literário, servindo de inspiração à João Cezimbra Jacques¹⁷ para a criação do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre no ano de 1898.

O Grêmio Gaúcho de Porto Alegre foi a primeira associação tradicionalista do Rio Grande do Sul. Segundo seu fundador, o espaço tinha como objetivo cultuar as tradições, resgatando a figura do gaúcho, as danças e os usos gauchescos, sem excluir os costumes do presente ¹⁸ (BASTOS, 2016).

¹⁷ Segundo Oliven (2006), João Cezimbra Jacques era republicano e positivista, homem de origem modestas que havia sido soldado voluntário na Guerra do Paraguai e que terminou sua carreira militar como major do Exército Nacional.

¹⁸ Outras entidades tradicionalistas foram fundadas neste período: União Gaúcha de Pelotas (1899), Centro Gaúcho de Bagé (1899), Grêmio Gaúcho de Santa Maria (1901), Sociedade Gaúcha Lombagrandense (1938, região de colonização alemã), Clube Farroupilha de Ijuí (1943, região de colonização alemã e italiana), sendo consideradas as associações pioneiras do tradicionalismo gaúcho (OLIVEN, 2006).

Segundo Oliven (2006), o momento histórico sofria grande influência positivista, marcado pela proclamação da República e a adoção de posicionamentos políticos e econômicos alinhados à visão de progresso e ordem. Contudo, durante a década de 1930, as narrativas de temática gauchesca caíram em certo esquecimento e a cultura regional torna-se restrita a uma pequena elite intelectual, o debate só voltou à tona novamente nos anos 1940, no período pós-guerra.

O movimento tradicionalista tem sua retomada no ano de 1947, quando um grupo de oito jovens, liderados por João Carlos D'Avila Paixão Côrtes, fundou o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, na cidade de Porto Alegre. Bastos (2016) escreve que tal iniciativa teve como objetivo resgatar os costumes, os símbolos e a cultura regional tendo a figura do gaúcho e a cultura do campo como elementos centrais. Existia um sentimento de saudosismo e apego ao passado que permeava as bases do departamento. O grupo fundador era formado, em sua maioria, por jovens descendentes de pequenos proprietários rurais que se encontravam na capital para estudar, e não representavam a oligarquia rural. Oliven (2006, p.108), parafraseando um dos fundadores, destaca que “o Tradicionalismo, desde o começo, é um movimento urbano que procura recuperar os valores rurais do passado” e, apesar de exaltar características da oligarquia latifundiária, grande parte dos integrantes não compartilhavam de origem tão rica.

Segundo Nedel (2011), a organização de desfiles a cavalo em cerimônias oficiais alusivas à independência nacional permitiu o reconhecimento do Piquete da Tradição¹⁹ como a vanguarda de um movimento de massas. Conforme escreve o autor, a fundação do ‘35 CTG’ foi o marco inicial, retrospectivamente delimitado, do movimento tradicionalista. O 35 CTG, também denominado de “O Pioneiro”, foi fundado no ano de 1948, na cidade de Porto Alegre, tendo como principal objetivo o culto das tradições gaúchas (BASTOS,2016). O nome fora escolhido para

¹⁹ O grupo dos oito, ou Piquete da Tradição, é considerado pelo MTG a semente de formação do “35 CTG” no ano seguinte. O grupo era formado por estudantes secundaristas do Colégio Júlio de Castilhos, são eles: Antonio João de Sá Siqueira, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira, Cilço Campos, Ciro Dias da Costa, Orlando Jorge Degrazzia, Cyro Dutra Ferreira e João Carlos Paixão Côrtes, seu líder.

homenagear o ano do início da Revolução Farroupilha – 1835 (SILVA; CIRNE, 2013), e conforme Barbosa Lessa (2008), os vinte e quatro jovens fundadores do Pioneiro tinham como desejo encarnar a figura do gaúcho, trajando e falando ao estilo galponeiro²⁰, resgatando atividades e ambientes rurais não mais vistos pela capital gaúcha.

Após a criação do primeiro CTG, no período compreendido entre os anos de 1948 e 1954, foram fundadas aproximadamente trinta novas entidades tradicionalistas em diferentes regiões do estado. Esta expansão ensejou na criação de mecanismos de controle dos caminhos que o movimento tradicionalista iria seguir. Assim, no ano de 1952 foi realizado o primeiro encontro entre os representantes dos centros tradicionalistas e elaborado o anteprojeto do estatuto de uma federação para reunir todas as entidades tradicionalistas. Desta reunião originou-se o Congresso Tradicionalista Gaúcho, o qual teve sua primeira edição no ano de 1954 na cidade de Santa Maria.

O Congresso Tradicionalista Gaúcho tornou-se evento regular no calendário tradicionalista, sendo realizado anualmente como forma de discutir proposições entre representantes de todas as entidades tradicionalistas e dessa forma manter a unicidade do movimento. Durante a sexta edição do evento foi aprovada pela primeira divisão fisiogeográfica²¹ do Estado tendo como objetivo possibilitar uma gestão administrativa mais próxima dos centros de tradições gaúchas. Neste mesmo evento foi instituído o primeiro conselho coordenador do movimento tradicionalista, o qual segundo Dutra (2002) teve a necessidade de criação devido ao aumento do número de entidades tradicionalistas demandando uma reorganização da administração do movimento, visando auxiliar as entidades no período entre congressos.

O anteprojeto de federação tradicionalista elaborado no ano de 1952 serviu como base para criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho, no ano de 1966,

²⁰ Relativo a galpão.

²¹ Foram criadas doze Zonas Fisiogeográficas do Estado. Pelotas fez parte da 6ª zona, denominada “Do Litoral Lagunar”, que compreendia as cidades de Arroio Grande, Camaquã, Jaguarão, Pelotas, Rio Grande, São Lourenço do Sul e Tapes.

durante a décima segunda edição do congresso tradicionalista. Neste evento além da criação do MTG foi aprovado o estatuto do movimento que concedeu atribuições administrativas e executivas ao Conselho Coordenador, preservando a autonomia das entidades, e reorganizou as Zonas Tradicionalistas em Coordenadorias Regionais, ampliando a descentralização administrativa (BASTOS, 2016).

Hoje em dia, o Movimento Tradicionalista Gaúcho é uma associação civil, sem fins lucrativos, constituída pela união de cerca de 1700 entidades legalmente constituídas, sob a denominação de Centro de Tradição Gaúcha ou outra designação que demonstre seu escopo. De acordo com o estatuto do MTG (2014), o movimento tem como objetivo central preservar a história, a cultura e os costumes gaúchos, promovendo a unificação de manifestações através de atividades culturais, artísticas, campeiras e esportivas (LUVIZOTTO, 2010).

A atual sede do MTG foi estabelecida no ano de 1984 através da autorização nº 30/84 do Governo Estadual, que definiu o uso gratuito a título precário, por tempo indeterminado do imóvel, no ano de 1996 o imóvel foi doado ao MTG através da lei nº 10.835. A sede passou por reformas e ampliação no período de 1996 a 1998, com a utilização de recursos próprios da instituição além de empréstimos realizados por particulares.

Conforme escreve Maciel (1999), estes acontecimentos que construíram o movimento tradicionalista foram organizados na lembrança de seus integrantes como uma espécie de “mito de origem”, sendo recontadas através de uma narrativa especial e sacralizadas como rituais do tradicionalismo gaúcho. Para Dutra (2002), o MTG reelaborou o gaúcho, construindo novos significados e autenticidade com base em uma ideia de continuidade do passado.

Nedel (2011, p. 201) destaca que à época de criação do 35 CTG grande parte dos tradicionalistas eram “estudantes e escoteiros recém ‘convertidos’ em gaúchos” que aprendera os valores e os costumes rurais da campanha através da literatura e de reuniões informais em casa de colegas. As manifestações artísticas e culturais tinham sua origem em vivências de outrem e incorporavam variantes estilizadas de um patrimônio que havia deixado de existir. De acordo com Lessa (2008), os usos e

costumes foram criados com base na cultura tradicional, respeitando os elementos pré-existentes que pudessem ser mantidos em um contexto urbano, criando uma cultura tradicionalista adaptada às várias circunstâncias de tempo e espaço

E neste contexto, a Carta de Princípios sintetiza a lógica de apropriação de elementos culturais em prol da coesão coletiva, reunindo em um documento os ideais construídos pelo movimento tradicionalista e, com a inclusão do artigo que trata do respeito às leis e aos poderes legalmente constituídos, diminuir o sentimento de desconfiança política e militar emanada pelo governo da época (NEDEL, 2011). Contudo, após alcançar o objetivo inicial, o documento foi considerado primordial para a continuidade do movimento, tornando-se a principal lei a ser cumprida dentro do tradicionalismo. A Carta de Princípios foi aprovada no oitavo congresso tradicionalista no ano de 1961, oficializando-a como principal diretriz filosófica do tradicionalismo gaúcho.

A organização do Movimento Tradicionalista Gaúcho transcorreu diferentes fases administrativas, iniciando por uma trajetória marcada pela busca de ideais de retorno ao passado, perpassando pela construção de fragmentos de tradição e culminando na atual organização, por vezes inflexível, do que é considerado tradicionalismo.

Atualmente, a administração do movimento fica a cargo do núcleo estadual, com sede na cidade de Porto Alegre, composto pelo Conselho Diretor e pela Junta Fiscal, apoiado pelas Regiões Tradicionalistas. Os membros do Conselho Diretor são eleitos durante o Congresso Tradicionalista por um mandato de dois anos, e entre si escolhem os cargos de presidente, vice-presidente de administração e finanças, vice-presidente de cultura, vice-presidente campeiro, vice-presidente artístico e vice-presidente de esportes campeiros, com mandato de um ano, com possibilidade de recondução. A Junta Fiscal renova-se anualmente, sendo responsável pelo exame do movimento de tesouraria do MTG e opinar sobre o desempenho financeiro e contábil da instituição. A Figura 1 apresenta o organograma do Movimento Tradicionalista Gaúcho atual, com as vice-presidências e departamentos auxiliares da administração.

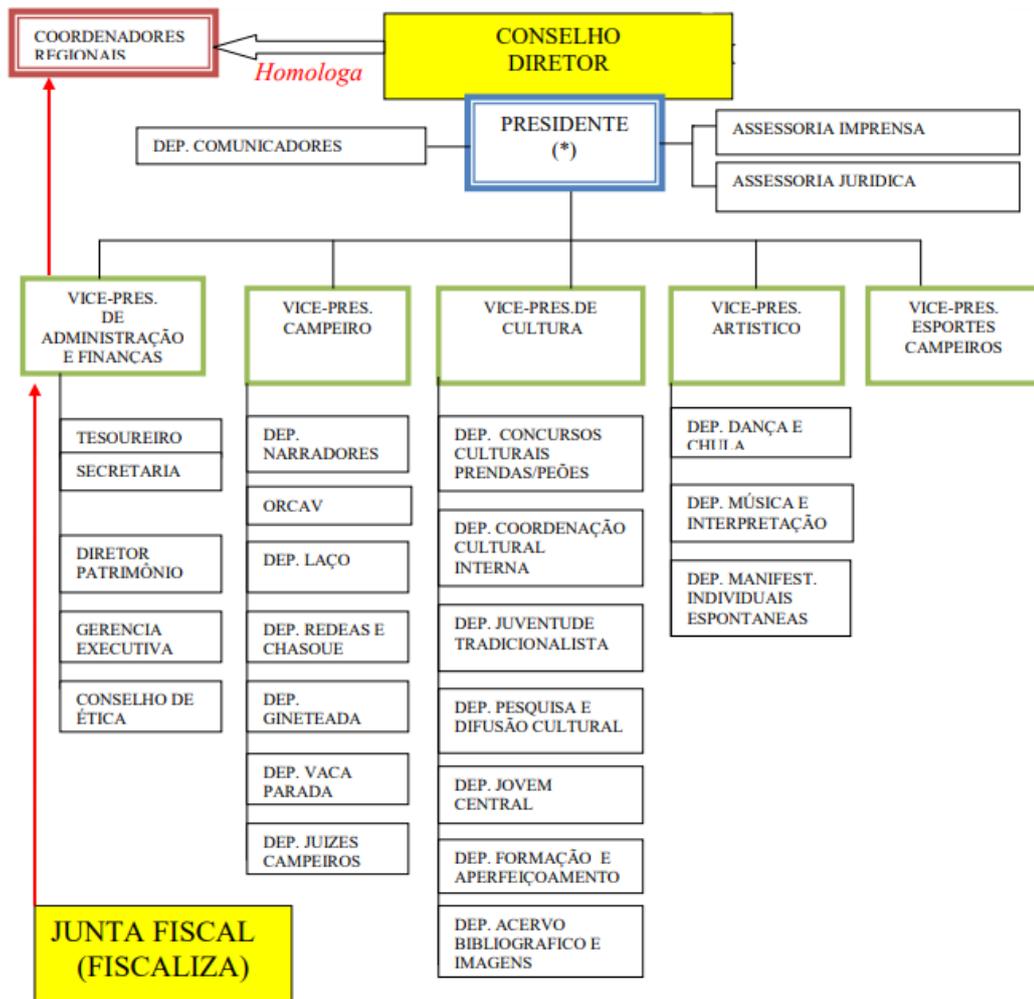


Figura 1 - Organograma do Movimento Tradicionalista Gaúcho

Fonte: Site do Movimento Tradicionalista Gaúcho (2018)

O presidente do conselho diretor representa ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente o MTG, além de todos os atos da vida social do movimento conforme define o estatuto geral da instituição. Os conselheiros possuem mandato de dois anos, enquanto o presidente tem mandato de um ano podendo ser prorrogado por mais um (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2014).

A vice-presidência administrativo-financeiro substitui, em primeiro lugar, o presidente do MTG em caso de impedimento, sendo responsável pela coordenação de todas as atividades administrativas, econômicas e financeiras do MTG, além de coordenar os congressos tradicionalistas, as convenções tradicionalistas e

festividades de aniversário do MTG (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2014).

A vice-presidência campeira é responsável pela coordenação de todas as atividades campeiras do MTG, além de fiscalizar as atividades campeiras realizadas pelas entidades tradicionalistas englobando os rodeios crioulos, as festas campeiras e os torneios de laço. A organização deste departamento compreende sete órgãos auxiliares, são eles: ordem dos cavaleiros do RS, departamento de narradores, departamento de laço, departamento de rédeas e chasque, departamento de gineteada, departamento de vaca parada e departamento de juízes campeiros (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2014). A vice-presidência de esportes campeiros coordena as atividades esportivas do MTG, principalmente a Festa Campeira do Estado – FECARS - e o Aberto de Esportes²², além de acompanhar e fiscalizar as atividades esportivas das entidades filiadas (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2014).

A vice-presidência artística tem como responsabilidade o planejamento, organização, controle e coordenação dos eventos oficiais do MTG, em especial o ENART e o FEGADAN, além de acompanhar e fiscalizar as atividades artísticas promovidos por entidades filiadas (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2014). A organização administrativa conta com três órgãos auxiliares: departamento de dança e chula, departamento de música e interpretação e departamento de manifestações individuais e espontâneas.

A área artística do movimento reúne as atividades que tem por finalidade enaltecer as manifestações artísticas consideradas tipicamente gaúchas. Conforme o regulamento do MTG (2015a), ao departamento artístico compete a organização e manutenção do quadro de avaliadores para eventos artísticos competitivos para todas as modalidades englobadas pelo Encontro de Arte e Tradição Gaúcha.

²² As modalidades do Aberto de Esportes, geralmente, são: Bocha Campeira, Bocha “Quarenta e Oito”, Truco Cego, Truco de Amostra, Solo, Tava, Tatarfe., com regulamento publicado pelo MTG.

A vice-presidência de cultura substitui, em segundo lugar, o presidente do MTG em caso de impedimento, é responsável pela coordenação das atividades culturais do MTG, além de coordenar a realização da Ciranda Cultural de Prendas, o Entrevero Cultural de Peões e o Tchê Encontro da Juventude Tradicionalista (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2014).

A área cultural do MTG concentra as ações que visam a propagação da tradição e da cultura gaúcha, desenvolvendo estratégias alinhadas ao interesse do movimento e das políticas públicas para a cultura. De acordo com o regulamento do MTG (2015a), o departamento cultural deve interagir com diferentes áreas da sociedade, engajando não só as entidades filiadas como também à área educacional buscando ampliar as pesquisas, os debates e os estudos sobre a história, o folclore e todas as manifestações culturais do Rio Grande do Sul.

Dentre as estratégias de atividades, a vice-presidência é responsável pela expedição de diretrizes regulamentadoras das ações de cunho cultural realizadas no Estado. Segundo consta no regulamento do MTG (2015a), toda e qualquer atividade cultural que verse sobre o tradicionalismo gaúcho deve seguir as regras estabelecidas pela área cultural do movimento para assim ser considerado uma expressão tradicionalista.

Dessa forma, atualmente a área cultural conta com uma estrutura administrativa que compreende sete órgãos auxiliares: departamento de coordenação cultural interna, departamento de concursos culturais para peões e prendas, departamento de formação tradicionalista e aperfeiçoamento, coordenadoria de indumentária, departamento de apoio à juventude tradicionalista, departamento jovem e departamento de apoio em acervo bibliográfico e de imagens físicas e virtuais ²³.

Tendo como foco o recorte do trabalho nas áreas cultural e artística do movimento tradicionalista, destacam-se a seguir os principais departamentos auxiliares das vice-presidências de cultura e artística do MTG. As primeiras subseções

²³ As atribuições de cada um dos órgãos são descritas no regulamento geral do MTG, sendo a principal diretriz para a atuação de cada setor.

versam sobre os departamentos de concursos culturais e de formação tradicionalista, visto serem órgãos que uniformizam o discurso sobre o tradicionalismo, buscando formas de perpetuar os constructos culturais criados. Logo após é analisada a coordenadoria de indumentária, a qual é responsável pela manutenção e perpetuação da regulamentação referente aos trajes considerados típicos pelo movimento tradicionalista. Um resgate histórico sobre a Fundação de Cultura Gaúcha sucede o tema de indumentárias, apresentando a loja mantida pelo MTG e o Jornal Eco da Tradição, meio de comunicação oficial do movimento. O departamento de danças é destacado logo a seguir, reunindo as informações sobre a coordenação e organização dos eventos artísticos competitivos oficiais do MTG. Por fim, são reunidas as informações sobre as regiões tradicionalistas e organização dos centros de tradições gaúchas.

5.1.1 Departamento de Concursos Culturais

De acordo com Ferreira (2016), historicamente o ingresso de jovens no movimento tradicionalista estava ligado a vivência de um ideal e do desejo de estar rodeado pela atmosfera cultural de um CTG, contudo, novas gerações não compartilhavam deste mesmo sentimento, reduzindo, assim, o número de novos adeptos aos galpões. Neste ponto surgem os concursos culturais com a finalidade de ser a motivação de ingresso de jovens no tradicionalismo e assim despertar o desejo de ali permanecer. Segundo o autor, ainda hoje o apelo competitivo se torna a porta de entrada de muitos jovens no tradicionalismo, sendo considerada uma área de grande relevância dentro do MTG.

No contexto de competições culturais, o departamento de concursos culturais apresenta-se como principal agente de regulação das competições culturais oficiais do MTG, tendo como principal atribuição a organização da Ciranda Cultural de Prendas e do Entrevero Cultural de Peões. Apesar da denominação de concurso, segundo o MTG, ambos eventos têm como finalidade despertar e incentivar o estudo da cultura sul-rio-grandense entre os jovens tradicionalistas.

Ambos concursos culturais são estruturados em três fases distintas, sendo a primeira a escolha das representantes das entidades tradicionalistas sob

responsabilidade destas, a segunda fase é de responsabilidade conjunta entre a Coordenadoria regional e o MTG para escolha dos representantes regionais, e a última fase de responsabilidade do MTG através do departamento de concursos culturais para a escolha dos representantes estaduais. Os eventos possuem sede itinerante, sendo realizado, preferencialmente, na cidade do detentor do título estadual.

O Concurso Estadual de Prendas, etapa final da Ciranda Cultural de Prendas, é realizado anualmente na segunda quinzena de maio, tendo como finalidade eleger 1º, 2º e 3º Prendas do Rio Grande do Sul, nas categorias adulta, juvenil e mirim. O concurso originou-se no ano de 1959 a partir de uma iniciativa conjunta da Rádio Gaúcha, do Jornal Última Hora e da VARIG. A primeira edição contou com a participação de trinta e uma prendas e ofereceu o título de “Mais Linda Prenda do Rio Grande do Sul (MALLMANN, 2009).

Conforme Mallmann (2009, p.11), “desde o início do concurso, os tradicionalistas não viam com bons olhos este evento, pela maneira como era feita a escolha”, assim durante o 15º congresso tradicionalista, no ano de 1970, o concurso passou a ser responsabilidade do MTG. O primeiro concurso, após a institucionalização, foi realizado no ano de 1971, durante o 16º congresso Tradicionalista, na cidade de Quaraí -RS.

De acordo com o regulamento do Concurso Cultural de Prendas (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015d), a finalidade do concurso é despertar o gosto pelas tradições, engajando todos os envolvidos no estudo dos assuntos da cultura do Estado. Além disso, o concurso busca elevar o nível cultural e intelectual das prendas das entidades tradicionalistas desenvolvendo o interesse pelo estudo e pesquisa dos

temas abordados nas provas culturais²⁴, assim como o aperfeiçoamento dos dotes artísticos²⁵ e desenvolvimento da comunicação oral²⁶.

Com a institucionalização do concurso de prendas o MTG regulamentou e centralizou os critérios que determinam a “Prenda ideal”. A escolha da campeã leva em consideração uma série de atributos que a tornam uma representação análoga a memória inventada da mulher gaúcha. E nesse sentido Dutra (2002) escreve que esta construção da prenda enaltece uma figura da mulher dentro de “limites estipulados para ela”.

A prenda aparece como uma figura importante para o CTG e para o Movimento, seu papel é tido como fundamental, mas não é o central, é o secundário: ela está por trás cooperando e não à frente coordenando. Seu espaço segue reduzido à condição de mulher resignada, de boa esposa e mãe, pois o objetivo não é destacar-se no espaço público; ela participa apenas para auxiliar os homens que conduzem o Movimento, cumprindo o papel de ornamento ou de educadoras das novas gerações, que têm acesso ao conhecimento para transmitir aos futuros líderes do Movimento. (DUTRA, 2002, p.7)

A representatividade feminina, dentro do tradicionalismo, existe somente em relação ao seu par masculino, figuras inventadas sob valores patriarcais que determinam papéis específicos para homens e para mulheres. O concurso cultural de prendas acaba por reproduzir e limitar o papel da Prenda aos valores e significados que remetem ao gaúcho como identidade e fundador daquilo que se considera cultura gaúcha.

Já o concurso cultural de peões teve origem a partir de proposta apresentada no Congresso Tradicionalista do ano de 1988, com a denominação de “Concurso Troféu Farroupilha. Segundo Bastos (2016), inicialmente o evento era realizado em paralelo ao concurso de prendas, passando a ser realizado em conjunto com o

²⁴ As provas culturais versam sobre geografia, história, folclore, tradição e tradicionalismo do Rio Grande do Sul, além de temas da atualidade, e uma redação.

²⁵ As provas artísticas são compostas pela avaliação das habilidades em tocar um instrumento musical ou cantar ou declamar um tema gaúcho, executar uma dança tradicional e uma dança gaúcha de salão.

²⁶ O objetivo da prova de comunicação oral é verificar a capacidade da candidata em se expressar com naturalidade e fluência. Para isso, nas categorias adulta e juvenil um tema é sorteado minutos antes da apresentação, enquanto na categoria mirim, o tema é livre.

FECARS a partir do ano de 1991. A denominação “Entrevero Cultural de Peões” foi adotada no ano de 2002 por iniciativa da Diretoria do MTG.

Segundo o regulamento do Entrevero Cultural de Peões (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015c), o concurso tem a finalidade de elevar o nível cultural dos participantes²⁷, criando condições para o desenvolvimento do espírito de liderança, além de despertar o interesse pelo estudo dos temas ligados ao tradicionalismo e criar condições para o desenvolvimento de habilidades artísticas²⁸, campeiras e artesanato campeiro²⁹. O formato do concurso cultural dos Peões evidencia os valores patriarcais ressaltados anteriormente.

As diferenças atribuídas entre homem e mulher são evidenciadas pelos próprios objetivos do concurso cultural, no qual o peão deve desenvolver o espírito de liderança (Art.2º Parágrafo único, b – Regulamento do Entrevero Estadual de Peões), enquanto a prenda deve representar “as virtudes, a dignidade, a graça, a cultura, os dotes artísticos, a beleza, a desenvoltura e a expressão da mulher gaúcha” (Art.2º, IV – Regulamento da Ciranda Cultural de Prendas). Nesse sentido, Silva e Cirne (2013, p. 12) destacam que “o gaúcho é retratado como forte, desbravador”, enquanto as mulheres “se tornavam responsáveis pela sobrevivência e na manutenção da vida familiar”. Existe um reforço por parte do MTG em relação a divisão do trabalho de acordo com o gênero, sendo perpetuado através dos concursos culturais de peão e de prenda.

Assim, o departamento de concursos culturais perpetua uma visão que foi construída em relação ao peão e a prenda, valorizando habilidades enraizadas em um passado tido como glorioso pelo movimento. Visão que permeia não só as regras e avaliações dos concursos culturais, mas também é reproduzido nos cursos de

²⁷ As provas culturais versam sobre os conteúdos de história do Rio Grande do Sul e do Brasil, geográfica, tradicionalismo, tradição e folclore do Rio Grande do Sul.

²⁸ A prova artística exige do candidato a apresentação de uma dança de salão gaúcha, uma dança tradicional e declamar ou tocar ou cantar ou trovar temas tradicionais gaúchos.

²⁹ A prova campeira é composta por três partes: A primeira uma prova sorteada entre: fazer churrasco, charquear, cevar o mate ou emalar capa/poncho. A segunda uma prova a pé (trançar, tosquiar ou tosar um animal) e uma prova a cavalo (laçar, apartar ou prova de rédeas). A terceira etapa consiste em encilhar, montar e cavalgar demonstrando os vários andaduras do cavalo.

formação tradicionalistas oferecidos pelo movimento. E nesse sentido, a próxima subseção apresenta como se organiza a formação tradicionalista.

5.1.2 Departamento de Formação Tradicionalista

Nas palavras de Brum (2009), o culto às tradições gaúchas exige um constante esforço do movimento tradicionalista para manter a unicidade dos elementos tidos como autênticos. Tal esforço desdobra-se em ações de manutenção de ambientes já reconhecidos como espaços tradicionalistas e a busca pela ampliação do universo de culto ao gaúcho. A transmissão das tradições é reinventada constantemente de forma a manter sua continuidade, permanecendo e se reproduzindo dentro da sociedade (LUVIZOTTO, 2010). E nesse sentido é necessário perceber os processos educacionais voltados à formação de novos tradicionalistas de acordo com as regras estabelecidas pelo MTG.

Contudo, para ser considerado um tradicionalista é necessário aperfeiçoar os conhecimentos sobre o simbolismo do gaúcho, compreender as regras que definem a autenticidade das atividades desenvolvidas pelo movimento e assim perpetuar o culto as tradições. De acordo com Lessa (2008) o tradicionalista é um “soldado do movimento” devendo portando se valer dos conhecimentos já produzidos e assim vivenciar o folclore e perpetuar as tradições.

E para esta transformação de gaúcho à tradicionalista, a vice-presidência de cultura conta com o departamento de formação tradicionalista, órgão responsável pela realização das ações de capacitação e formação tradicionalistas. Os cursos oferecidos são organizados de forma a abranger as áreas consideradas críticas para a manutenção e ampliação do tradicionalismo, e assim sustentar a continuidade do movimento. A necessidade da realização de cursos de aperfeiçoamento tradicionalistas é destacada por Savaris³⁰ (2008) como sendo uma forma de manter a unicidade do movimento frente as “culturas estranhas”.

Os estudiosos e teóricos do tradicionalismo devem estar presentes e cumprir o seu papel de guardiões, como “soldados especiais” pois a presença cada

³⁰ Vale ressaltar que Manoelito Savaris foi presidente do MTG por sete anos (não consecutivos), sendo criticado pelo posicionamento conservador adotado dentro do movimento.

vez mais intensa de culturas estranhas ao meio social gauchesco, colocam em risco o “núcleo cultural” que, por sua juventude, não possui anticorpos suficientes para defender-se das chamadas “alternativas sociais” (SAVARIS, 2008, p. 191)

Os cursos regulares oferecidos pelo departamento contemplam desde a formação tradicionalista básica até a capacitação dos instrutores de dança. São cursos abertos a toda comunidade e obrigatórios para habilitação em determinados cargos dentro do movimento tradicionalista. Os cursos e capacitações são realizados, em sua grande maioria, na sede do MTG em Porto Alegre e, geralmente, acompanhados de um investimento por parte do interessado. Atualmente, os cursos oferecidos pelo departamento de formação tradicionalista são os seguintes:

- **CFor Básico** (Curso de Formação Tradicionalista básico): Abrange temas considerados fundamentais para o movimento, como a história do Estado e do Tradicionalismo, noções da cultura gaúcha, a Carta de Princípios e gestão de pessoas. Obrigatório para instrutores e avaliadores. Curso pago.
- **CFor Avançado** (Cursos de Formação Tradicionalista Avançado): Amplia os conteúdos trabalhados no curso básico, com enfoque nas teses tradicionalistas, na organização de departamentos, na comunicação social e marketing. Curso pago.
- **Cfor Patronagem**: Curso focado na organização e funcionamento do MTG e do CTG, responsabilidades fiscais e legais, lei do voluntariado, eventos e protocolos e gestão de pessoas. Curso pago
- **Capacitação de Novos Instrutores para Danças Tradicionais**: Palestras e dinâmicas que abordam o regulamento geral do MTG e artístico do Estado, indumentária e danças tradicionais. Curso Pago e obrigatório para a função de Instrutor de danças tradicionais.
- **Capacitação para Novos Instrutores para Dança de Salão Gaúcha**: Palestras e dinâmicas que abordam o regulamento geral do MTG e artístico do Estado, indumentária e danças gaúchas de salão. Curso Pago e obrigatório para a função de Instrutor de danças de salão.
- **Capacitação para Avaliador de Prendas e Peões**: Engloba assuntos como a ética nos processos avaliativos, forma de avaliação de relatórios,

indumentária, manifestações artístico-culturais, noções de campeira e forma de avaliação de planilhas. Curso pago e obrigatório para avaliadores.

- **Formação de Avaliadores para Danças Tradicionais em nível Regional:** Curso voltado para a capacitação de avaliadores de rodeios artísticos promovidos pelos Centros de Tradição Gaúcha. Curso gratuito e restrito a pessoas que não participem de grupos de dança.
- **Formação Tradicionalista para Músicos:** Curso versando sobre a organização do MTG, indumentária, conduta ética e voluntariado. Curso gratuito e restrito à músicos.
- **Formação de Posteiros Artísticos:** Curso teórico e prático sobre os ciclos coreográficos, técnicas de execução das danças e questões pedagógicas do ensino da dança. Cursos gratuito com limitação de vagas e necessidade de autorização do patrão da entidade.
- **Curso para Juízes de Campeira:** Abrange além dos temas básicos sobre o MTG, a encilha de equinos, o regulamento campeiro do estado e o regulamento do FECARS. Curso pago e obrigatório para exercer a atividade de juiz campeiro.

Segundo dados do informativo Eco da Tradição, em 2017 foram realizadas vinte e duas edições dos cursos, somando 1.500 pessoas participantes, obtendo um crescimento de 36% em relação ao ano anterior. De acordo com o informativo, grande parte desta ampliação foi resultado da descentralização dos cursos com o oferecimento turmas no interior do estado e da criação de novos cursos alinhados com os anseios tradicionalistas. Segundo o atual presidente do MTG, Nairo Callegaro, os cursos oferecidos pelo departamento de formação são uma excelente oportunidade para quem deseja ampliar conhecimentos acerca dos temas que são basilares no tradicionalismo gaúcho (VERONEZE, 2018).

No rol de novas capacitações estão a Formação Tradicionalista para músicos e a Formação de Posteiros Artísticos (ensaiadores), cursos oferecidos gratuitamente buscando preencher lacunas percebidas pelo movimento. O primeiro faz parte de uma série de ações desenvolvidas pelo MTG com a finalidade de aproximar-se dos

músicos tradicionalistas e nativistas³¹. Já o curso de formação de posteiros artísticos buscou fornecer subsídios técnicos para tradicionalistas que já atuam ou desejam atuar como ensaiadores dos grupos de danças de suas entidades de origem, ampliando assim o número de ensaiadores capacitados a comandar grupos de danças.

Todos os cursos compartilham a base de conhecimento sobre a regulamentação do MTG, a Carta de Princípios e a indumentária gaúcha. São os pontos considerados essenciais na formação de um tradicionalista. Percebe-se um esforço na padronização e profissionalização dos conhecimentos a respeito da cultura gaúcha, a obrigatoriedade de alguns cursos para reconhecimento do exercício da função dentro de uma entidade tradicionalista demonstra o desejo da manutenção da centralidade do movimento. E nesse sentido, a indumentária assume papel primordial na manutenção dos signos atrelados ao gaúcho tradicionalista, assunto trabalhado na próxima subseção do trabalho.

5.1.3 Coordenadoria de Indumentária

A relação entre a indumentária e o tradicionalismo é destacada por Brum (2008, p.11) como sendo um caso peculiar na “construção da alma regional”, visto as dimensões que este elemento ocupa dentro do movimento tradicionalista. Em muitos momentos estar pilchado transparece a identificação com um projeto cultural de afirmação do gauchismo, traria um sentimento de pertencimento dentro do universo tradicionalista e o reconhecimento pessoal de fazer parte da identidade coletiva (BRUM, 2008).

E nessa busca por identificação através da indumentária, o MTG passou a controlar as representações e apropriações realizadas pelos tradicionalistas de maneira a desenvolver uma significação única do que seria ser gaúcho tradicionalista. Brum (2008, p.14) destaca que “não é a falsidade ou a veracidade das

³¹ Dentre as iniciativas pensadas pelo MTG está a criação de um conselho de músicos para a construção de diretrizes que aproximem os artistas das entidades tradicionalistas, tendo a possibilidade de inclusão de novas modalidades musicais no ENART e maior número de eventos voltados para a música considerada autêntica pelo movimento (ECO DA TRADIÇÃO, 2018).

representações, mas a relação estabelecida com o passado e as delimitações simbólicas de sua recriação no presente, que são significativas”.

O regramento sobre indumentária reúne diretrizes obrigatórias sobre o que seria a correta utilização da pilcha gaúcha. A vestimenta do gaúcho é considerada elemento distintivo da identidade do gaúcho, tendo sido oficializada como traje de honra e de uso preferencial no Rio Grande do Sul pela Lei nº 8.813/89. Contudo, sua admissibilidade está condicionada a correta observância de regras extremamente detalhas estabelecidas pelo MTG.

Assim, como forma de estabelecer os limites considerados aceitáveis para a indumentária, o MTG editou o livro “Indumentária Gaúcha” (ABREU, 2003), obra resultante da compilação de diversas fontes de conhecimento e adotado como principal referência dentro do movimento tradicionalista. O livro é complementado por diretrizes e notas oficiais emitidas pela vice-presidência de cultura, que reúnem orientações sobre elementos específicos dos trajes.

De acordo com o MTG, a indumentária deve refletir o patrimônio sociocultural gaúcho baseado na origem pastoril do movimento, assim, a disciplina no uso das pilchas tem como principal função preservar os costumes, os hábitos e a cultura do gaúcho rural. Contudo, conforme ressalta Oliven (2006), muitos dos elementos construídos como tradição não condizem com a realidade vivida pelos povos ora representados. E dentro do âmbito da indumentária, a figura da prenda é o elemento de maior destaque.

Segundo afirma Dutra (2002), a invenção da prenda surgiu com a fundação do “35 CTG”. Os elementos que a compõe foram criados de acordo com a representatividade que os tradicionalistas imaginavam ser condizente com uma “mulher gaúcha do passado”.

E como é que é o vestido das moças? Como modelo, aproximado, só havia os vestidos caipiras, das festas juninas de São Paulo, ou as “folhinhas” anuais distribuídas pela Cia. Alpargatas na Argentina. Paixão encasquetou que deviam ser vestidos compridos até os tornozelos; eu argumentei que se nós, rapazes, estávamos trajando nossas costumeiras bombachas, não carecia que as moças se voltassem para tão longe nos antigamente; isto não chegou

a ser posto em votação, mas o bigodudo Paixão nos venceu pelo cansaço (LESSA, 2008, p. 66)

E nesse mesmo sentido, Fagundes (1992, p. 28) confirma a invenção do traje ao escrever em seu livro sobre Indumentária Gaúcha que “assim, consultando fotos antigas das próprias famílias e inspirados no ‘traje de china’ das tradicionalistas uruguaias e até mesmo – forçoso é reconhecer – no vestido caipira que eles combatiam, criaram o hoje famoso ‘vestido de prenda’”. A indumentária da prenda é elemento essencial da simbologia gaúcha inventada e apropriada pelo movimento tradicionalista. De acordo com Dutra (2002, p.67), “o vestido deveria enfeitar a mulher, valorizar seus movimentos nas danças e, especialmente, traduzir a ideia da mulher romântica, ‘naturalmente’ delicada, dócil e dependente do homem forte e independente”.

O MTG, através da coordenação de indumentárias, regulamentou o uso “adequado” das pilchas, determinando o comprimento do vestido, as estampas, a textura e as cores dos vestidos, além dos enfeites e do estilo de mangas permitidos, o tipo e as cores de meias e sapatos. As diretrizes que tratam da indumentária feminina são voltadas para montar mulheres idealizadas pelo movimento, personificando uma “mulher ‘enfeite’, submissa, porém, portadora de um grande ‘destino social’, o de ‘guardiã da moral, dos bons costumes e do zelo cívico’” (DUTRA, 2002, p.70). As diretrizes da Indumentária da Prenda Atual³² ilustram como os trajes femininos são essenciais na manutenção da prenda criada pelo movimento.

1. O TRAJE: vestido, saia e casaquinho, de uma ou duas peças, com a barra da saia no meio do pé, podendo ser godê, meio godê, em panos, em babados ou evasês, com cortes na cintura, cadeirão ou corte princesa, atentando para a idade e estrutura física

2. MANGAS: longas, três quartos ou até o cotovelo, admitindo-se pequenos babados nos punhos, sendo vedado o uso de “mangas boca de sino” ou “morcego”.

3. DECOTE: pequeno, sem expor ombros e seios.

³² Os trajes são classificados como Primitivo, Farroupilha, Estanceiro e Atual, cada um representando uma época da história do Rio Grande do Sul. Os trajes de época não restritos a momentos como: desfiles, mostras e concursos artísticos sendo aceito o uso apenas pelo grupo de danças (ABREU, 2003).

4. ENFEITES: de rendas, bordados, fitas, passa-fitas, gregas, viés, transelim, crochê, nervuras, plisses, favos. É permitida pintura miúda, com tintas para tecidos. Não usar pérolas e pedrarias, bem como, os dourados ou prateados e pintura a óleo ou purpurinas.

5. TECIDOS: lisos ou com estampas miúdas e delicadas, de flores, listras, petit-poa e xadrez delicado e discreto. Podem ser usados tecidos de microfibra, crepes, oxford. Não serão permitidos os tecidos brilhosos, fosforescentes, transparentes, slinck, lurex, rendão e similares.

6. Cores: devem ser harmoniosas, sóbrias ou neutras, evitando-se contrastes chocantes. Não usar preto, as cores da bandeira do Brasil e do RS

7. SAIA DE ARMAÇÃO: deve ser discreta e leve, na cor branca. Se tiver babados, estes devem concentrar-se no rodado da saia, evitando-se o excesso de armação. Comprimento inferior ao do vestido.

8. BOMBACHINHA: branca, de tecido leve com enfeites de rendas discretas, comprimento abaixo do joelho.

10. MEIAS: devem ser longas o suficiente para não permitir a nudez das pernas, brancas ou beges.

11. SAPATOS: pretos, marrom ou bege, salto até 5 centímetros, com tira sobre o peito do pé, que abotoe do lado de fora.

12. CABELOS: podem ser soltos, presos, semi-presos ou em tranças. Para prendas adultas e veteranas é permitido o coque. Enfeites com flores naturais ou artificiais, ou pequeno passador. Vedado os brilhos, purpurinas e peças de plástico.

13. MAQUIAGENS: discreta e de acordo com a idade e o momento social.

14. JOIAS: devem ser sempre discretas, de acordo com a idade, a classe e o momento social. São permitidas as joias e semi-joias com uso de pérolas, nas cores branco, rosado, creme e champanhe, nos brincos, anéis e camafeus.

(MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2014b)

Os elementos constitutivos da diretriz de indumentária atual feminina demonstram a rigidez construída e instituída pelo MTG. E de acordo com Brum (2008), os trajes gaúchos compõe um conjunto de signos que concorrem e reafirmam elementos do considerado gauchismo. A pilcha, tanto feminina quanto a masculina, reveste-se de significados de aceitação e submissão à normas e comportamentos que constituem o tradicionalismo tido como correta representação cultural do gaúcho.

No ano de 2015 durante o 63º Congresso Tradicionalista foi aprovado e criado o grupo de estudos sobre indumentária, com o objetivo de revisar as regras referentes aos trajes históricos de forma a uniformizar o entendimento entre tradicionalistas. A

relevância atribuída a correta utilização de indumentárias, assim como o desconto pela inadequação em eventos competitivos, ampliou o escopo de atuação do grupo, tornando esta equipe responsável por dirimir dúvidas não só referente a trajes folclóricos, julgando a aceitabilidade de qualquer categoria de indumentárias a serem utilizadas em eventos competitivos oficiais.

De acordo com o relatório de atividades do MTG do ano de 2016, foram realizados vinte e três atendimentos presenciais individuais aos grupos de entidades tradicionalistas, além de atendimentos via e-mail de cerca de cinquenta grupos no período anterior as etapas inter-regionais e outros sessenta grupos no período anterior ao ENART.

Estes atendimentos são realizados com o intuito de alinhar as interpretações realizadas pelos grupos sobre as regras de indumentária, visto existir avaliação de indumentárias ao longo dos eventos competitivos oficiais (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2016). No ano de 2016 foram avaliados os seguintes eventos: FestMirim³³, JuvEnart³⁴, FestXirú³⁵, Etapas regionais e inter-regionais do ENART, Etapa final do ENART e FEDAGAN³⁶.

5.1.4 Fundação de Cultura Gaúcha

A Fundação de Cultura Gaúcha (FCG), pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, criada no ano de 1980 durante o 25º Congresso Tradicionalista, tendo

³³ FestMirim – Festival Tradicionalista Mirim, realizado anualmente na cidade de Santa Maria, organizado pelo CPF Piá do Sul em conjunto com o MTG. O evento faz parte do calendário oficial do Município e do Estado. Os participantes poderão ter idade até 14 anos incompletos na data de sua apresentação.

³⁴ JuvEnart Concurso Estadual de Danças Tradicionais Juvenil, evento anual realizado pelo CTG Sentinela da Querência em parceria com o MTG, a UFSM e a Prefeitura na cidade de Santa Maria. O concurso faz parte do calendário oficial do Município e do Estado. Participam deste evento dançarinos com até 18 anos incompletos na data de início da competição.

³⁵ FestXirú - Encontro Estadual Artístico Cultural de Veteranos e Xirús, evento anual realizado pelo CPF Pia do Sul na cidade de Santa Maria. Os dançarinos devem possuir mais de 30 anos na categoria veterana e mais de 40 anos completos na categoria Xirú.

³⁶ FEDAGAN – Festival de Danças Gaúchas. Evento criado em 2014 tendo como objetivo ser uma competição que valoriza a dança gaúcha da forma mais natural possível. Realizado de forma itinerante contando com a organização do MTG e o CTG anfitrião. Possui categorias Danças Adulta, Veterana, Juvenil e Mirim, Danças Biriva do Tropeirismo, Melhor indumentária, Musical mais autêntico, Troféu de Campeão geral.

natureza cultural e objetivo principal suprir as demandas econômico-financeiras do MTG. Assim a fundação apresenta-se como o braço executivo do MTG, desenvolvendo a cultura popular, atuando em atividades artísticas, produção e comercialização de produtos tradicionalistas, administração de cursos de qualificação e proporcionando os meios e condições indispensáveis para sobrevivência do MTG. No ano de 1999 a estrutura administrativa da FCG foi profissionalizada e ampliada, passando a abranger também as atividades de marketing e relações públicas do MTG.

No âmbito administrativo, a FCG conta com três órgãos de gerência: o Conselho Deliberativo, a Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal. Os membros são indicados livremente pelo Conselho Diretor do MTG, possuindo mandatos e atribuições estabelecidas pelo estatuto do FCG. Os integrantes destes órgãos não recebem remuneração para o desempenho de suas funções, salvo o cargo de Diretor Executivo e de Tesoureiro que são empregados CLT da fundação.

A sede própria da FCG, adquirida com recursos próprios, foi inaugurada no ano de 2005, agregando no espaço a administração da FCG, o informativo Eco da Tradição e a Loja tradicionalista. Em 2010 o ambiente foi reformulado, possibilitando agregar a biblioteca Guilherme Schultz Filho e o Museu Onésimo Carneiro Duarte.

A origem do Eco da Tradição remonta ao ano 1976, com a fundação do Jornal Tradição na cidade de Novo Hamburgo. O modelo de editorial incluía informações, curiosidades e diversos assuntos do mundo tradicionalista, podendo ser adquirido avulso ou via assinatura, e passou a ser o instrumento de comunicação oficial do MTG no ano de 1983. Contudo, em 1989 a circulação do jornal foi interrompida, sendo retomada em 1992 por Edson Otto, primeiro editor do jornal. Apenas no ano de 1999 o MTG voltou a participar de forma ativa na edição e no financiamento do jornal através da Fundação de Cultura Gaúcha.

Apesar do suporte através da FCG, as dificuldades financeiras que já haviam interrompido a circulação do periódico acabam por forçar o fim do Jornal Tradição no ano de 2001. Contudo, frente a necessidade da existência de um canal de comunicação oficial do MTG, no mesmo ano é realizada uma reformulação do antigo jornal criando o Eco da Tradição, um informativo que manteria vivo o espírito do Jornal

Tradição agregando como significado o “ecoar da própria tradição que se manifesta no fazer do Movimento Tradicionalista” (SAVARIS, 2014 p.1). A reformulação agregou ao informativo o caderno Pia 21, publicado mensalmente como objetivo fornecer suporte pedagógico aos projetos desenvolvidos pelo departamento cultural dos CTGs. O novo formato compreende distribuição impressa e on-line³⁷, além de possibilidade de assinatura impressa e de consumo via aplicativo de celular.

No período do ENART, o Eco da Tradição lança uma edição especial do evento contendo informações sobre a temática de cada um dos quarenta finalistas força A. Todos os CTGs são listados pelo informativo trazendo a história que será contada nas projeções folclóricas de entrada e saída além de foto do grupo de dançarinos.

Desde sua fundação, a FCG é responsável pela loja oficial do movimento tradicionalista, oferecendo produtos considerados de interesse da comunidade tradicionalista, além de bibliografia extensa sobre temas regionalistas. No ano de 2013 foi lançada a versão virtual³⁸ da loja somando-se a loja física anexa à sede da FCG e a unidade móvel presente nos eventos oficiais do MTG.

A comercialização de obras de temática tradicionalista vem ao encontro do disposto no estatuto da FCG (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2008) que determina a participação direta ou indireta de toda e qualquer obra de conteúdo regionalista. Dessa forma, a loja da FCG possui o controle de boa parte do mercado das obras consideradas oficiais para concursos e competições tradicionalistas, além da bibliografia básica para a montagem de espaços de leitura nas entidades tradicionalistas.

A loja da FCG desde sua origem tem como finalidade oferecer meios financeiros para a sustentação da fundação, visto que a fundação é responsável pelo patrocínio de todo e qualquer evento que tenha por objetivo a autossuficiência do

³⁷ Todas as edições do informativo Eco da Tradição podem ser acessadas gratuitamente no endereço <<http://www.ecodatradicao.com.br>>.

³⁸ A loja virtual da FCG pode ser visitada no endereço <<https://lojafcg.lojavirtualnuvem.com.br/>>

MTG. As receitas da loja agregam-se ao patrimônio da fundação na execução e manutenção das finalidades previstas pelo estatuto da instituição

5.1.5 Danças Tradicionais, campeiras e de salão

De acordo com Barbosa (2017), as danças gaúchas são todas de salão, reunindo características das danças de salões das capitais do mundo. As danças tradicionais gaúchas, as respectivas músicas e letras, fazem parte do patrimônio cultural imaterial do Estado do Rio Grande do Sul, conforme a Lei estadual nº 12.372/05. As danças tradicionais foram criadas ou recriadas a partir da reunião de fragmentos históricos gaúchos. Segundo Lessa (2008), diferentemente de outras regiões do país, o legado referente a dança era escasso, sendo necessário recriar muito dos elementos coreográficos, suas músicas e letras.

Segundo Biancalana (2014), o fandango foi o primeiro ciclo coreográfico registrado no Estado, englobando danças de pares soltos e autônomos. O segundo grupo de danças corresponde ao ciclo do minueto, com pares que preservam a separação física e realizam giros lentos e referências. O terceiro ciclo é denominado de contradanças, de característica descontraída com a formação de figuras geométricas no salão. O último ciclo coreográfico reúne danças de pares enlaçados e independentes inspirado nas valsas vienenses.

No ano de 2000, um grupo composto por dançarinos, instrutores e estudiosos de dança realizou um trabalho de reelaboração das danças tradicionais reconhecidas pelo movimento tradicionalista. De acordo com Camillo e Pereira (2013), a finalidade do trabalho foi tornar mais simples e atraente a execução das danças. As vinte e cinco danças reconhecidas como tradicionais pelo MTG devem ser apresentadas de acordo com as normas editadas pelo movimento, considerando a harmonia, a interpretação e a correção das danças. As vinte e cinco danças consideradas oficiais para o movimento tradicionalista são (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015):

- Anu
- Balaio
- Cana Verde

- Caranguejo
- Chico Sapateado
- Chimarrita
- Chimarrita Balão
- Chote Carreirinho
- Chote de “Quatro Passi”
- Chote de Duas Damas
- Chote de Sete Voltas
- Chote Inglês
- Havaneira Marcada
- Maçanico
- Meia Canha
- Pau de Fitas
- Pezinho
- Quero Mana
- Rancheira de Carreirinha
- Rilo
- Roseira
- Sarrabalho
- Tatu
- Tatu de Volta no Meio
- Tirana do Lenço

Por harmonia entende-se a execução melodiosa dos movimentos da dança. Já a interpretação compreende o efeito de expressar sentimentos conforme o contexto da dança. A correção engloba a correta execução dos passos tidos como obrigatórios no livro de regras oficiais do MTG. Estes três elementos, são considerados obrigatórios para a correta apresentação de danças tradicionais gaúchas (CAMILLO; PEREIRA, 2013). Em competições, como o ENART, a falha de harmonia, de interpretação ou correção configura perda entre 0,02 a 2,00 pontos, de acordo o tipo de infração realizada.

5.1.6 Regiões Tradicionalistas

De acordo com o estatuto geral do MTG, as regiões tradicionalistas são órgãos de desconcentração territorial do movimento, compostas por um número ilimitado de entidades tradicionalistas devidamente filiadas (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2014). As regiões estão definidas conforme divisão territorial estabelecida no art. 195 do Regulamento Geral do MTG. Esta divisão pode sofrer alterações mediante solicitação dos municípios ou no caso de emancipação, no qual o novo município automaticamente é integrado a região a qual pertence o município de origem. (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015).

Atualmente são reconhecidas trinta e uma regiões tradicionalistas, são trinta regiões que abrangem cidades do Rio Grande do Sul e uma região que compreende todo território brasileiro, exceto o Rio Grande do Sul, e territórios em outros países que estejam instaladas entidades ou agrupamentos tradicionalistas.

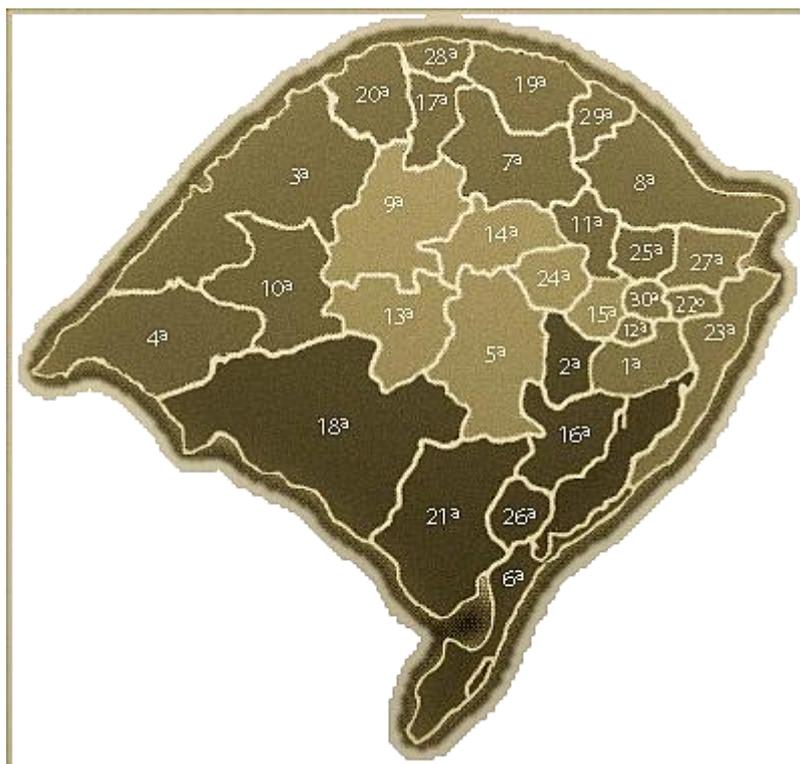


Figura 2 - Mapa das Regiões Tradicionalistas do Rio Grande do Sul

Fonte: Site do Movimento Tradicionalista Gaúcho (2018)

Cada região é administrada por um Coordenador Regional com mandato de um ano, que representa a região frente aos demais órgãos do MTG. Todo coordenador

deve possuir certificado de participação no curso de Formação tradicionalista além de requisitos administrativos-financeiros³⁹ no caso de reeleição. A estrutura de cada região é definida por estatuto próprio, devendo ser composta por pelo menos um Agregado das Pilchas, um Sota Capataz e Diretores dos departamentos cultural, campeiro, artístico e de esportes.

Dentre as atribuições das coordenadorias regionais estão o desenvolvimento e a integração das entidades tradicionalistas de sua abrangência, apoio e prestígio das programações de eventos, elaboração de calendário regional de eventos visando organização dos principais acontecimentos promovidos pelas entidades, representação das entidades filiadas junto aos órgãos do MTG.

Sob responsabilidade das regiões está a organização e realização do Encontro Regional com a participação dos patrões de todas as entidades filiadas. Este evento deve ser realizado periodicamente com vistas a debater assuntos de interesse das entidades filiadas, preparar temas a serem apresentados no Congresso Tradicionalista, examinar documentos financeiros da região, além de outras atividades definidas em estatuto próprio.

Também faz parte do escopo de atuação das coordenadorias regionais, o encaminhamento, a fiscalização e a administração dos cartões de identidade tradicionalista. Em eventos de caráter competitivo, a comprovação de vínculo dos competidores à entidade tradicionalista é realizada mediante apresentação do cartão de identidade tradicionalista. Este cartão foi criado com a finalidade de organizar e fortalecer o quadro de associados das entidades tradicionalistas, vinculando o portador a representação de apenas uma entidade tradicionalista.

De acordo com o regulamento geral do MTG (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2105a), os cartões possuem validade de três anos e permitem troca de entidade apenas após o sócio completar um ano com o cartão na entidade que está se desvinculando. Caso haja interesse na realização da troca antes

³⁹ Para ser elegível, o candidato a reeleição deve ter aprovadas todas seus relatórios financeiros da gestão anterior pela junta fiscal do MTG.

deste período, fica estabelecido um custo de uma anuidade plena como taxa de liberação do sócio, sendo destinado a entidade de desfiliação e à coordenadora regional.

5.1.6.1 Centro de Tradições Gaúchas

Os Centros de Tradições Gaúchas, conhecidos como CTG, são sociedades civis sem fins lucrativos que funcionam como clubes de cunho cultural, não admitem qualquer filiação expressa político-partidária ou religiosa. Independentemente das variações de perfil mais inclusivo ou mais elitista, todas essas entidades valem-se do saber histórico, da literatura e dos estudos de folclore para elaboração das danças e alegorias que compõem suas invernadas artísticas e culturais, bailes tradicionalistas, fandango, rondas, desfiles e rodeios, entre outras formas de encenação dos hábitos da campanha, denominados 'campeiros'.

De acordo com o regulamento do MTG (2015b) os CTGs podem ser divididos em categorias conforme suas atividades. As entidades de participação plena possuem um número mínimo de oitenta associados titulares, sede própria ou permanente e estrutura organizacional composta por no mínimo as invernadas cultural, artística e campeira. Já as entidades de participação parcial têm um número mínimo de quarenta sócios titulares, e uma estrutura organizacional composta pela área cultura e mais uma área de atuação. A terceira categoria engloba as entidades especiais que tem como característica dedicar-se à uma área da cultura ou do folclore gaúcho e tem um mínimo de quinze sócios titulares.

A filiação de novas entidades tradicionalistas inicia com uma autorização provisória de doze meses. Neste período a entidade passa por observação e acompanhamento de suas atividades pela Coordenadoria Regional, de forma a verificar se os objetivos e finalidades do tradicionalismo estão sendo seguidos. Nesse período, a participação da entidade em eventos deve ser autorizada pelo coordenador regional, contudo é vedada a participação em eventos de nível estadual. Com base nos pareceres enviados pela região, o Conselho Diretor do MTG concede a filiação definitiva.

A estrutura das entidades tradicionalistas segue o modelo construído na criação do 35 CTG, tendo como finalidade representar o ambiente de outrora do gaúcho interiorano. De acordo com Lessa (2008) a estrutura reproduz a hierarquia existente nas estâncias, revivendo um período de supremacia do latifúndio, tendo como objetivo aproximar o tradicionalista dos elementos existentes à época que se deseja representar. Assim, o grupo administrativo da entidade tradicionalista é denominado Patronagem, podendo ser composta pelos seguintes funções:

- Patrão: Presidente da entidade, geralmente eleito por um período de um a dois anos. Responsável pela coordenação geral do CTG e nomeação de todas as funções da patronagem.
- Vice Patrão: É o administrador ou gerente da entidade, sendo um cargo utilizado em entidades com bastante movimentação e expressivo patrimônio.
- Capataz: É a pessoa com capacidade de substituir o Patrão em caso de ausência, sem que se altere a rotina da entidade;
- Sota-Capataz: Responsável pelos ofícios, atas, correspondências e cadastro de todos os sócios;
- Agregado das Pilchas: Responsável pelo livro caixa da entidade e elaboração dos balancetes mensais;
- Assessoria Jurídica: Serviço de orientação jurídica da entidade
- Responsável pela Cozinha: Coordenador da cozinha e responsável pela equipe de trabalho do setor;
- Invernada Cultural: Departamento obrigatório nas entidades de participação plena e parcial, sendo responsável pelo planejamento e coordenação de todas as atividades culturais;
- Invernada Artística: Departamento obrigatório em entidades de participação plena, sendo responsável por todas as manifestações artísticas do CTG;
- Invernada Campeira: Segmento responsável pela campeira, também obrigatório para entidades de participação plena.

- Invernada dos Esportes: Responsável pelos esportes campeiros de integração.
- Invernada de Eventos: Departamento responsável pela promoção das atividades realizadas pela entidade, atua em conjunto com a Invernada Social;
- Invernada de Divulgação: Departamento responsável pela divulgação das atividades realizadas pelo CTG;
- Invernada Social: Departamento encarregado de organizar atividades sociais;
- Invernada do Patrimônio: Encarregado de todo patrimônio da entidade tradicionalista, com a realização de registro e identificação de todo material recebido;
- Invernada Jovem: Núcleo que reúne a ala jovem do CTG, com a promoção de eventos que incentivem a participação dos sócios nas atividades;
- Conselho Fiscal: Departamento responsável pela fiscalização da documentação de caixa do CTG. É obrigatório em todas as entidades tradicionalistas.

Esta estrutura sofre adaptações conforme a realidade de cada entidade tradicionalista. A administração do CTG deve ser realizada conforme as regras estabelecidas pelo MTG, com envio de relatórios anuais via Coordenadoria Regional. Vale ressaltar que todo trabalho realizado pela patronagem deve ser voluntário, ou seja, salvo a contratação de profissionais especializados⁴⁰, a administração do CTG deve ser realizada por voluntários eleitos pelos sócios.

5.2 Encontro de Artes e Tradições Gaúchas - ENART

A dança tradicional gaúcha pode ser considerada uma das atividades mais difundidas pelo tradicionalismo gaúcho. Originalmente, as apresentações eram

⁴⁰ De acordo com Cirne (2013), entidades tradicionalistas com um expressivo número de sócios e patrimônio alto deve se valer da contratação de profissional especializado para organização e manutenção da contabilidade da entidade.

revestidas de uma aura popular, compondo o rol de atividades de festivais culturais. Contudo, ao longo dos anos, a prática da dança tradicional modificou-se, adquirindo um caráter competitivo através de rodeios artísticos destinados a avaliação e premiação dos grupos de dança (SAVARIS, 2017).

Esta mudança está atrelada a necessidade histórica de atração de novos tradicionalistas ao movimento. Em um determinado momento, a continuidade das entidades tradicionalistas e do movimento como um todo exigiu a adoção de estratégias que motivassem e repovoassem os CTGs. De acordo com Viana (2011), devido ao processo de socialização, em uma sociedade competitiva a criança e o jovem tendem a se interessar mais quando convidado a participar de uma atividade competitiva, e assim reproduzir e reforçar a mentalidade de concorrência constante.

Neste contexto, encontra-se o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (ENART) promovido anualmente pelo MTG. O concurso reúne competidores de todas as regiões tradicionalistas do estado, na disputa coletiva e individual de diversas modalidades artísticas e culturais. De acordo com Brum (2013a), o ENART encontra-se no rol de megaeventos⁴¹ promovidos pelo movimento tradicionalista, exigindo estrutura de hotéis, restaurantes e amplos espaços para acolher um grande público de competidores e espectadores.

Conforme escreve Bastos (2016), a história do ENART remonta a década de 70, quando o professor e advogado Praxedes da Silva Machado, responsável cultural pelo MOBREAL, buscou o apoio do MTG e do IGTF na criação de um festival que promovesse a divulgação da cultura gaúcha e o surgimento de novos valores artísticos regionais. Assim, o evento foi concebido para ser anual e itinerante, sob responsabilidade do MOBREAL e denominação de Festival Estadual de Arte Popular e Folclore, tendo como escopo ampliar o acesso à cultura e as artes regionais e elevar a autoestima do povo (BASTOS, 2016).

⁴¹ Os megaeventos, segundo Brum (2013), são o ENART, o FEDAGAN, o FECARS, o Congresso tradicionalista e o Acampamento Farroupilha

Nos moldes originais, o evento contou com nove edições, sendo a primeira no ano de 1977 na cidade de Bento Gonçalves. Contudo, devido ao interesse da cidade de Farroupilha/RS em sediar continuamente o evento, no ano de 1986 o festival passou a ser realizado pelo MTG em parceria com o IGTF e a prefeitura municipal, trocando sua denominação para Festival Gaúcho de Arte e Tradição – FEGART. O novo modelo teve onze edições realizadas na cidade de Farroupilha/RS, crescendo em público e estrutura a cada ano. No entanto, em decorrência do desinteresse da cidade de Farroupilha em continuar sediando o evento, no ano de 1997 o evento foi transferido para a cidade de Santa Cruz do Sul/RS. Conforme destaca Bastos (2016), embora tenham sido realizadas duas edições do FEGART em Santa Cruz do Sul/RS, a cidade de Farroupilha/RS reivindicou a detenção do nome do festival, obrigando a mudança da nomenclatura para Encontro de Artes e Tradição Gaúcha – ENART.

Assim, em 1999 é realizada a primeira edição do ENART sob responsabilidade do MTG em parceria com a prefeitura de Santa Cruz do Sul/RS. De acordo com Brum (2013a), um dos pontos de destaque na parceria do atual modelo do festival é a propriedade da marca ENART pelo movimento tradicionalista. Segundo a autora, este fato vai ao encontro do objetivo do MTG em ser o guardião e o agente de difusão da tradição gaúcha.

A estrutura do evento prevê a realização de três etapas: a regional, a inter-regional e a final, sendo a última realizada na cidade de Santa Cruz do Sul/RS. A fase regional é organizada sob responsabilidade das coordenadorias regionais, tendo como principal objetivo adequar o número de concorrentes as limitações impostas pelo regulamento (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015).

Já a fase denominada inter-regional é realizada em três eliminatórias, com a participação de dez regiões tradicionalistas em cada edição. A distribuição das regiões obedece a regras definidas na convenção tradicionalista, assim como a sede do evento, que é definida conforme candidatura das cidades interessadas e escolhida durante o congresso tradicionalista. Para o ano de 2018, as inter-regionais foram organizadas por proximidade geográfica, com o objetivo de diminuir os custos de deslocamento para as entidades. Assim, foram criadas três macrorregiões, são elas:

região Fronteira⁴², região Litoral⁴³ e região Serra⁴⁴. Nesta etapa são classificados, para a finalíssima em Santa Cruz do Sul, competidores de todas modalidades conforme número de vagas definidas pelo regulamento.

Atualmente, a fase final do ENART ocorre no terceiro final de semana do mês de novembro, na cidade de Santa Cruz do Sul, e reúne cerca de quatro mil competidores em vinte modalidades artísticas e culturais⁴⁵. Esta etapa subdivide-se em uma etapa classificatória realizada na sexta e no sábado e a etapa finalíssima realizada no domingo.

Na modalidade de danças tradicionais, o regulamento do ENART (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015), define as vinte e cinco danças que podem ser apresentadas no evento. Estas são subdivididas em quatro blocos que misturam danças de roda, de fila e de pares independentes, e, a cada ano é feito um rodízio das danças que devem ser preparadas pelos grupos.

A apresentação da invernada artística é composta por uma projeção folclórica⁴⁶ de entrada e de saída, mais três danças sorteadas quinze minutos antes da entrada na sala, sendo obrigatoriamente uma de roda, uma de fila e uma de pares independentes. O grupo dispõe de vinte minutos para sua apresentação⁴⁷ e existem penalidades no caso de ultrapassar o tempo permitido.

O evento é realizado no parque da OktoberFest de Santa Cruz do Sul, sendo disponibilizada área para acampamento, espaço para comercialização de produtos

⁴² Inter-Regional na cidade de Santo Ângelo: RTs: 3º, 4º, 5º, 9º, 10º, 13º, 14º, 18º, 20º e 21º.

⁴³ Inter-Regional na cidade de Campo Bom: RTs: 1º, 2º, 6º, 12º, 15º, 16º, 22º, 23º, 26º e 30º.

⁴⁴ Inter-Regional na cidade de Lajeado: RTs: 7º, 8º, 11º, 17º, 19º, 24º, 25º, 27º, 28º e 29º.

⁴⁵ As modalidades competitivas do ENART são: Danças tradicionais - forças A e B, chula (somente masculino), Gaitas (gaita piano, de botão até 8 baixos, de botão mais de 8 baixos, de boca, bandoneon), violino ou rabeca, violão, viola, conjunto instrumental, conjunto vocal, solista vocal (masculino e feminino), trova galponeira (campeira, martelo, estilo Gildo de Freitas), declamação (masculino e feminino), pajada, concurso literário gaúcho (poesia e conto), causo gauchesco de galpão, danças gaúchas de salão, criação coreográfica de entrada e de saída, conjunto musical de danças tradicionais.

⁴⁶ De acordo com a conceituação do MTG, projeção folclórica consiste no aproveitamento dos fatos folclóricos para outras finalidades fora da época em que se realizam.

⁴⁷ O tempo de apresentação é aumentado para vinte e cinco minutos quando forem sorteadas as danças: Pau de Fitas, Meia Canha, Roseira e Anú.

gaúchos, área de alimentação, oficinas e atividades paralelas de maneira a compor a ambientação tradicionalista desejada e esperada pelos participantes.



Figura 3 - Folder de divulgação ENART 2017

Fonte: Site do Movimento Tradicionalista Gaúcho (2017)

A participação das entidades tradicionalistas no ENART é condicionada a comprovação de vivência tradicionalista através de atividades estaduais e regionais consideradas oficiais pelo movimento. De acordo com o MTG (2017), a demonstração desta vivência tem como principal objetivo fortalecer a unidade da cultura gaúcha, e demonstrar o engajamento das entidades tradicionalistas nesse sentido.

A vivência é composta por todas as atividades realizadas pelos integrantes da entidade e pontuadas conforme a Resolução 04/09 do MTG, seguindo o critério de participação independentemente de classificação. Esta pontuação é utilizada para a composição anual na Lista Destaques Tradicionalistas, e conforme sua pontuação a entidade pode optar pela participação na Força A ou Força B do ENART.

Para a competição de danças tradicionais, além da pontuação mínima necessária, há o requisito de inscrição de no mínimo cinco competidores em pelo menos duas modalidades individuais diferentes no ENART. De acordo com o MTG, esta exigência visa manter as modalidades individuais vivas dentro das entidades

tradicionalistas. Cabe ressaltar que, em entidades menores, este requisito muitas vezes é cumprido pelos próprios dançarinos da invernada artística.

Brum (2013, p.324) destaca que “o ENART pode ser pensado a um só tempo como uma festa, um espetáculo e um concurso”, visto sua expressividade entre competidores e espectadores. A autora escreve que, sem embargo ao caráter lúdico do evento, a proposta competitiva das atividades constitui espaços de muito empenho por parte dos competidores, de maneira a superar os limites individuais e coletivos nas diversas modalidades.

5.2.1 Categorias de danças tradicionais no Enart: Força A e Força B

Dentre as modalidades disputadas no ENART, a dança tradicional é aquela que se destaca entre competidores e comunidade em geral. O número de entidades tradicionalistas envolvidas no evento tem crescido a cada ano, aumentando o grau de competitividade e abrangência do festival.

A divisão do ENART em duas categorias ocorreu no ano de 2009 através de uma ação realizada por patrões de entidades tradicionalistas em conjunto com o MTG com o objetivo de ampliar a participação de grupos de dança no evento. De acordo com Ferreira (2016), a força B foi organizada de maneira a permitir a participação de invernadas artísticas dentro de uma lógica mais próxima da realidade financeira dos CTGs menores, a avaliação seria educativa, com menos exigências quanto a musical, permitindo o amadurecimento e crescimento do grupo para uma possível participação na força A, ou ser apenas um espaço para apresentação do trabalho realizado ao longo do ano.

No primeiro ano, a categoria seguiu os mesmos requisitos da Força A, porém com a liberação de avaliação de musical e possibilidade de menos pares em sala. Entretanto, as pressões externas de músicos, de fabricantes de pilchas e de avaliadores alterou a lógica da categoria, exigindo uma atualização das regras e impondo formas de avaliação que aumentaram a competitividade da força B. Muitos grupos considerados avançados passaram a competir nessa categoria para alcançar resultados que não eram alcançados na outra categoria (FERREIRA, 2016).

Conforme o regulamento do ENART (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015), a escolha da categoria para participação no evento é de livre escolha da entidade tradicionalista, desde que seja alcançado o mínimo de 50% para a Força A e de 30% para a Força B da pontuação máxima possível da lista de destaques elaborada anualmente pelo MTG.

Em relação as danças tradicionais, os grupos da Força A preparam dezoito danças conforme o rodizio realizado anualmente pelo MTG. Já os grupos da categoria B, pode escolher nove danças dentre as vinte e cinco disponíveis, sendo obrigatoriamente três de roda, três de fila e três de pares independentes.

A composição dos grupos também sofre flexibilização conforme a categoria escolhida. No caso do grupo instrumental, ambas categorias devem contar com no mínimo uma gaita e um violão, sendo que na Força A se admite o máximo de oito músicos, enquanto a Força B limita em seis o número de músicos. Em relação ao grupo de danças, a Força A exige o mínimo de oito e o máximo de doze pares para as danças tradicionais e até trinta e dois integrantes para coreografias de entrada e saída. Já a Força B fixa entre cinco e doze pares para as danças tradicionais e vinte e quatro dançarinos para coreografias.

A avaliação em ambas categorias leva em consideração a harmonia de conjunto⁴⁸, a interpretação artística⁴⁹, a correção coreográfica⁵⁰, a indumentária⁵¹ e o grupo musical. Todavia, nas etapas final e finalíssima, na Força A o número de avaliadores pode chegar a vinte e um, havendo juízes pelos três lados do tablado, enquanto na força B, são no máximo cinco avaliadores dispostos apenas na frente do salão. Esta diferenciação vai ao encontro do objetivo inicial da categoria B de atribuir uma avaliação educativa como incentivo ao crescimento técnico aos grupos.

⁴⁸ Compreende a simultaneidade dos gestos dos dançarinos e alinhamentos do grupo em sala.

⁴⁹ Compreende a execução de interpretação conforme o ciclo coreográfico descrito pelo Manual de Danças do MTG.

⁵⁰ Compreende a execução correta de todos os passos obrigatórios descritos pelo Manual de Danças do MTG.

⁵¹ As indumentárias devem seguir as regras determinadas pelo MTG, além de ser condizente com a temática apresentada nas coreografias de entrada e saída.

Em relação as premiações, o campeão da Força B, além do troféu, recebe o direito de participar de forma automática na força A do próximo ano, sem a necessidade de participação das classificatórias. Segundo Ferreira (2016), este benefício visa permitir uma certa rotatividade entre os campeões da categoria B, mas é uma deliberação da entidade “subir” ou não de categoria. No caso da Força A, ao campeão cabe a guarda do troféu rotativo do ENART, além da realização do espetáculo de abertura do festival no ano seguinte de acordo com a orientação e supervisão do MTG.

5.2.2 A questão do amadorismo

Uma das premissas do ENART é sua categorização como evento para artistas amadores com a finalidade de valorizar a cultura popular do Rio Grande do Sul. E nesse sentido, o regulamento do ENART estabelece o amadorismo como regra de participação (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015, p.2):

Art. 5º - Participação dos concursos do ENART, individual ou coletivamente, apenas artistas amadores.

§ 1º - São considerados amadores, para efeitos de participação no ENART, os candidatos que, eventualmente, tenham participado como integrantes de grupos que se apresentam mediante remuneração e/ou participação de gravações fonográficas, individuais ou coletivamente, observando-se o prescrito no artigo 3º, e seus incisos.

§ 2º - Não se aplica o parágrafo anterior para os músicos das Forças A e B (Danças Tradicionais).

Ao consultar o dicionário Aurélio temos como definição de amador: “1. V. amante 2. Diz-se daquele que se dedica a uma arte ou ofício por prazer sem fazer deste um meio de vida [...] 7. Aquele que entende superficialmente de alguma coisa”. (FERREIRA, 2004, p 111). Logo, o conceito de amadorismo está atrelado a realização de uma atividade por puro desejo, sem pretensão de exercer determinada atividade de forma profissional.

Entretanto, Savaris (2017) questiona as distorções do conceito frente as ações vislumbradas dentro do movimento tradicionalista. Conforme o autor destaca, existem determinadas atividades tradicionalistas que evoluíram ao ponto de permitir o profissionalismo de seus agentes. Como é o caso de instrutores de danças,

narradores de rodeios crioulos e músicos que desenvolvem seu trabalho de forma profissional em diversas entidades tradicionalistas do estado. Esta profissionalização dos músicos e instrutores de dança é reconhecida e regulamentada pelo MTG, ao ponto de em ambos os casos, a atividade só pode ser exercida com a expedição de Cartão administrativo de Músico ou de Instrutor⁵².

O amadorismo dos artistas do ENART, foi revestido por um trabalho que envolve o serviço de diversas áreas (coreógrafos, instrutores, músicos, educadores físicos, bailarinos), construindo grupos de dançarinos que se mantem na categoria amadora apenas por não serem pagos (SAVARIS, 2017).

Para Callegaro (2017a), mudanças e atualizações são necessárias em todos os setores do movimento tradicionalista. Pois segundo o autor, a característica amadora do ENART não deve ser substituída ao ponto de prejudicar entidades tradicionalistas menores. E nesse sentido, a criação da categoria Força B teve como finalidade manter e ampliar o caráter amador da competição. Entretanto, a pressão e as distorções do que seria considerado amadorismo pelo movimento tradicionalista, alteraram as flexibilidades da categoria (FERREIRA, 2016).

5.3 Apresentação e análise das organizações selecionadas

A 26^o Região Tradicionalista foi criada no ano de 1974, por iniciativa da UG J. Simões Lopes Neto durante o 19^o Congresso Tradicionalista realizado na cidade de São Borja. Sua criação ocorreu da decomposição da 6^o Região Tradicionalista⁵³ e teve como justificativa o crescimento da localidade, com a emancipação de municípios e proximidade cultural dos integrantes. Assim, a região é composta pelos municípios de Arroio do Padre, Capão do Leão, Morro Redondo, Pelotas e Turuçu, tendo como sede a cidade de Pelotas. Atualmente, a 26^o Região conta com vinte e duas entidades tradicionalistas afiliadas, são elas:

⁵² No caso de instrutores (ensaiador) a expedição do cartão administrativo é condicionada a realização de curso para obtenção da habilitação, além de reciclagem periódica junto ao MTG.

⁵³ Atualmente a 6^o Região Tradicionalista é composta pelas cidades de Rio Grande, Santa Vitória do Palmar, Chuí e São José do Norte, tendo como sede a cidade de Rio Grande.

- CCN Terra das Charqueadas
- CTG Alma Campeira
- CTG Cancela Grande
- CTG Candeeiro Crioulo
- CTG Carreteiros do Sul
- CTG Cel. Thomaz Luiz Osório
- CTG Domingos José de Almeida
- CTG Herança Campeira
- CTG Negrinho do Pastoreio
- CTG Os Farrapos
- CTG Rancho Grande
- CTG Rincão dos Xucros
- CTG Sentinela da Saudade
- CTG Sentinelas do Pampa
- CTG Sinuelo do Sul
- CTG Tropeiros do Sul
- CTG Unidos da Querência
- CTG Vinte de Setembro
- DTG Tertúlia
- GF Rodeio da Esperança
- PL Lanceiros da Amizade
- UG J. Simões Lopes Neto

De acordo com o estatuto da região, os encontros regionais são realizados, preferencialmente, com periodicidade mensal englobando padrões e diretores artísticos e culturais das entidades tradicionalistas.

Em relação aos eventos, o calendário regional busca privilegiar os principais acontecimentos das entidades tradicionalistas, além de incentivar a participação de seus filiados em eventos de abrangência estadual. Dentre os eventos organizados

pela 26^oRT, destaca-se o Rodeio Artístico da Fenadoce⁵⁴, evento anual realizado em parceria com a CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas – organizadora da feira. Este rodeio reúne entidades tradicionalistas de Pelotas e região em diversas categorias competitivas, oferecendo além de troféus, premiações em dinheiro para os campeões. De acordo com Muller (2014), a criação da Estância Princesa do Sul nas dependências da Fenadoce e a realização do rodeio artístico permite atrelar o tradicionalismo na ampliação da cultura e do turismo proporcionados pela feira.

As entidades tradicionalistas pesquisadas estão situadas na cidade de Pelotas, sede da 26^o Região Tradicionalistas. Todas possuem um histórico de participação em atividades competitivas, e participantes da categoria Força A no Enart desde o início de suas trajetórias no evento. A primeira entidade descrita é o CTG Carreiros do Sul, entidade com 50 anos de fundação, pertencente ao Instituto Federal de Educação Tecnológica e o único CTG estudantil da região a participar de competições artísticas de dança. A União Gaúcha J; Simões Lopes Neto, é a segunda entidade tradicionalista analisada, é o CTG mais antigo ainda em funcionamento no estado e participa do ENART desde sua primeira edição, tendo alcançado o segundo lugar no ano de 2011, a melhor classificação de uma internada artística na região. Por fim, a terceira entidade estudada é o CTG Cel. Thomaz Luís Osório, atual campeã da inter-regional Força A.

5.3.1 CTG Carreiros do Sul

O Centro de Tradições Gaúchas Carreiros do Sul foi fundado no ano de 1966 por iniciativa de um grupo de estudantes da então Escola Técnica Federal de Pelotas – ETFPel⁵⁵. A entidade foi alocada como projeto extraclasse da instituição de ensino, tendo como objetivo ser um espaço de encontro, experimentação e vivência

⁵⁴ A Feira Nacional do Doce – Fenadoce – é um evento de periodicidade anual que tem como finalidade promover a cultura doceira da cidade de Pelotas – RS. A organização fica a cargo da CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas de Pelotas.

⁵⁵ No ano de 1999, através de decreto presidencial, a ETFPel passa a se denominar Centro Federal de Educação Tecnológica de Pelotas - CEFET-RS, agregando não só cursos técnicos como também cursos de nível tecnológico. No ano de 2008, o CEFET-RS é transformado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul rio-grandense – IFSul, aumentando sua abrangência para quatorze campus.

tradicionalista para estudantes, servidores e comunidade. Atualmente o projeto encontra-se sob a égide da Diretoria de Pesquisa e Extensão– Dirpex (IFSUL, 2016a).

Atualmente, o patrimônio físico do CTG Carreiros do Sul compreende a sede social construída no ano de 1986 no estacionamento da instituição, oferecendo espaço para realização de atividades artísticas, culturais, campeiras e esportivas desenvolvidas por seus associados. No ano de 2009, a estrutura da entidade recebeu a adição de um espaço cultural no saguão da instituição de ensino. O espaço foi composto por área de lazer e de uma biblioteca campeira, a qual disponibilizava títulos da literatura gaúcha e estavam à disposição dos estudantes e servidores da instituição. Este espaço cultural foi desativado, sendo os livros incorporados à biblioteca central da instituição de ensino e a área de lazer transferida para a sede social.

O CTG conta ainda com uma estrutura virtual pertencente ao projeto “Memorial CEFET”⁵⁶, inaugurado em 2003, que reúne fotos e documentos que contam a história da instituição e da entidade tradicionalista. De acordo com o atual patrão da entidade, este projeto de resgate das memórias do CTG será retomado e ampliado pelo departamento cultural, buscando aproximar a entidade da comunidade através da história e ações desenvolvidas ao longo da trajetória tradicionalista (IFSUL, 2016b).

Em relação a estrutura administrativa do CTG, a patronagem, geralmente, é formada por integrantes da própria internada adulta, criando uma relação muito forte entre as atividades desenvolvidas pela internada e as ações gerais da entidade. Uma característica deste CTG é a exigência da existência de vínculo formal ativo da pessoa que ocupa a posição de patrão, podendo ser servidor ou estudante. Os demais cargos da patronagem podem ser ocupados por pessoas com vínculo ativo ou não com a instituição de ensino ou membros da comunidade.

No campo artístico, o CTG Carreiros do Sul ampliou sua participação no cenário tradicionalista no ano de 2005, através da reorganização da entidade e retorno

⁵⁶ O projeto foi idealizado e executado por Céres Mari da Silva Meireles e está disponível no endereço < <http://memorial.ifsul.edu.br/> > Acesso em 15 jan. 18.

das atividades dos quatro departamentos centrais: artístico, cultural, campeiro e esportivo. Neste ano o departamento artístico remontou três categorias de suas invernadas: mirim⁵⁷, adulta e xirú⁵⁸, tendo como integrantes alunos, ex-alunos, servidores e filhos de servidores da instituição. Durante os primeiros quatro anos desta revitalização, o foco das invernadas artísticas era a participação em eventos tradicionalistas de outras entidades e apresentações representando a instituição (FONSECA; RIGO, 2013).

No ano de 2009 a invernada adulta altera seu projeto de trabalho tornando-se uma invernada de competição, assim, além das apresentações o grupo passa a participar de rodeios artísticos competitivos e do ENART. Ao modificar o objetivo da invernada artística, houve a necessidade de alteração do projeto extraclasse vinculado, de forma a permitir a associação de membros sem vínculo prévio a instituição de ensino, visto que o projeto original compreendia a associação apenas de pessoas da instituição. De acordo com Fonseca e Rigo (2013), esta mudança aproximou a entidade tradicionalista da comunidade, além de despertar o interesse de dançarinos que não eram alunos em se tornar estudantes da instituição. Vale ressaltar que esta mudança do projeto teve como principal motivação a necessidade do aumento do quadro de sócios/dançarinos aptos a participar das competições, ampliando o número de dançarinos experientes e, assim, aprimorando a qualidade técnica do grupo, a conversão de alunos foi um efeito colateral positivo.

Um segundo passo para o aprimoramento técnico da invernada adulta foi a contratação de instrutor para as danças tradicionais, coreografo para as projeções folclóricas de entrada e de saída, além de realização de oficinas de interpretação e de teatro, a partir do ano de 2009. O primeiro ENART foi no ano de 2010, no qual o grupo classificou-se entre as vinte melhores invernadas na força A.

⁵⁷ Formada pelos filhos dos servidores da instituição com idades entre nove e treze anos.

⁵⁸ De acordo com Fonseca e Rigo (2013), a faixa etária da invernada xirú era acima de 32 anos.

Como internada competitiva, o grupo participou de oito inter-regionais pela força A, qualificando-se para a final do ENART por sete vezes, além de classificar-se entre os vinte melhores grupos do estado em cinco ocasiões.

5.3.1.1 A Internada artística adulta – Os Carreiros

A internada artística adulta do CTG Carreiros do Sul, também conhecida como “Os Carreiros”, é formada por alunos, ex-alunos do IFSul e membros da comunidade. O grupo contou com trinta e um integrantes no ENART do ano de 2017, equipe de apoio formada por ex-dançarinos e torcida uniformizada⁵⁹. A equipe de apoio foi responsável pelo auxílio na troca de figurinos do grupo durante a apresentação no ENART 2017, além de realização de penteados e maquiagens das prendas para o evento.



Figura 4 - Os Carreiros - ENART 2017

Fonte: Arquivo da Internada artística do CTG Carreiros do Sul

A pesquisa envolveu toda população disponível, sendo respondidos 29 questionários, correspondendo a um índice de 96,6% do total do grupo de dançarinos

⁵⁹ A internada adulta organizou excursão ônibus com alojamento e camiseta customizada para todos aqueles que tivessem o interesse de participar da torcida do grupo em Santa Cruz do Sul.

do Enart 2017. Abaixo, a Tabela 9 apresenta os dados coletados nos questionários respondidos pelos Carreiteiros.

Tabela 9 - Características Socioeconômicas dos Carreiteiros

		Prendas	Peões	Geral
Total de questionários (%)		51,7	48,3	100,0
Média de idade (anos)		21,0	19,0	20,3
Escolaridade (%)	Ensino fundamental	0,0	0,0	0,0
	Ensino médio	33,0	36,0	34,0
	Ensino Técnico	33,0	43,0	38,0
	Ensino Superior	33,0	21,0	28,0
	Especialização	0,0	0,0	0,0
	Mestrado/Doutorado	0,0	0,0	0,0
Renda Familiar (%)	Até R\$ 937,00	0,0	7,0	3,0
	De R\$ 937,00 e R\$ 1.874,00	33,0	36,0	34,0
	De R\$ 1.874,00 a R\$ 3.748,00	47,0	43,0	45,0
	De R\$ 3.748,00 a R\$ 5.622,00	20,0	14,0	17,0
	De R\$ 5.622,00 a R\$ 9.370,00	0,0	0,0	0,0
	Acima de R\$ 9.370,00	0,0	0,0	0,0
Tempo médio de vínculo (anos)		4,0	3,8	3,9
Tempo de vínculo (%)	Até 5 anos	73,3	85,8	79,3
	De 5 a 10 anos	20,0	7,1	13,8
	Acima de 10 anos	6,7	7,1	6,8
Tipo de vínculo atual (%)	Dançarino	100,0	100,0	100,0
	Patronagem	20,0	7,0	14,0
	Posteiro artístico	7,0	7,0	7,0
	Posteiro Cultural	0,0	7,0	3,0
	Posteiro de sala/ensaiador	7,0	0,0	3,0
	Equipe de apoio	0,0	0,0	0,0
Vínculo anterior com outro CTG (%)	Sim	47,0	36,0	41,0
	Não	53,0	64,0	59,0
Tempo médio de vínculo com outro CTG (anos)		4,7	2,2	3,6

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

A média de idade dos respondentes foi de 20,3 anos, tendo o integrante mais jovem 18 anos e o mais velho 27 anos. O grupo apresenta equilíbrio da distribuição por gênero, foram 51,7% do sexo feminino e 48,3% do sexo masculino. Do total de

respondentes, 34% cursam ou já cursaram o ensino médio, 38% está cursando ou é formado no ensino técnico e 28% possui o ensino superior.

Em relação a renda familiar, 45% dos respondentes possui uma renda entre R\$ 1.874,00 e R\$ 3.748,00, apenas 17% declarou possuir uma faixa de renda familiar superior e outros 34% declarou uma faixa de renda inferior à média do grupo.

O tempo médio de vínculo com o CTG Carreiros do Sul é de 3,9 anos, sendo a grande maioria (79,3%) com vínculo inferior a 5 anos, 13,8% entre 5 e 10 anos e 6,8% com mais de 14 anos de associação. Esta considerável proporção de dançarinos com menos de 5 anos de vínculo com a entidade está relacionada a média de idade dos integrantes, visto que grande parte do grupo de 2017 foi formado por dançarinos que ingressaram na entidade na categoria juvenil e ao completar 18 anos “subiram” de categoria. Esta é uma invernada artística considerada jovem dentro do ambiente competitivo tradicionalista. Dentre os dançarinos com maior tempo de associação, estão dois integrantes pertencentes ao grupo que reativou a invernada no ano de 2005, e hoje são ensaiadores das quatro invernadas da casa.

Todos os respondentes são dançarinos da invernada artística, alguns acumulam mais de uma função dentro da entidade tradicionalista, 14% se declarou como parte da patronagem, 7% como posteiro artístico e 3% posteiro cultural. Esta é uma característica da entidade desde sua formação, com a presença de dançarinos em diversos cargos dentro da instituição como forma de contribuir ou de preencher lacunas administrativas e assim permitir o trabalho da invernada.

Em relação a participação anterior em outro CTG, 41% respondeu que já haviam tido vínculo com outra entidade tradicionalista, com tempo médio de associação de 3,6 anos. Verificando o tempo médio de forma individual por gênero, percebe-se que os peões permaneceram menos tempo em suas entidades de origem, cerca de 2,2 anos, enquanto as prendas indicaram 4,7 anos como tempo médio de filiação em entidade anterior.

5.3.2 CTG Cel. Thomaz Luiz Osório

O CTG Cel. Thomaz Luiz Osório foi fundado no ano de 1968, por iniciativa de um grupo liderado por José Anélio Saraiva, tendo como objetivo ser um polo de difusão da cultura nativista, do folclore e do campeirismo do gaúcho. O nome da entidade nome homenageia o coronel do exército português Thomaz Luiz Osório, um dos comandantes do Regimento de Dragões do Rio Grande e responsável pela construção do forte Santa Tereza no Chuy-UY em 1762.

A estrutura atual do CTG foi inaugurada no ano de 1984, abrangendo uma área com cerca de um hectare no fim do bairro Fragata, zona urbana de Pelotas. O patrimônio compreende um salão principal, um salão auxiliar superior, uma cancha de bocha⁶⁰ e cocheiras⁶¹, além de estacionamento e área verde. Em 1998 foi inaugurado um museu anexo ao salão principal, que abriga um acervo histórico com mais de 450 peças do século XIX e início do século XX. As peças representam diversas atividades e costumes do gaúcho, contando um pouco da história da região.

No campo administrativo, atualmente, o CTG possui em torno de duzentos e cinquenta sócios e mais de cem dançarinos. Como forma de atrair novos sócios a entidade oferece conexão wi-fi gratuita e a liberação do uso de indumentária em festas organizadas pela entidade. Além disso, a entidade criou um grupo exclusivo de cavaleiras, denominado de Joaquinas, que organiza cavalgadas voltadas para o público feminino.

Entre os eventos regulares da entidade, está o rodeio artístico realizado anualmente e que reúne grupos tradicionalistas de todo o Estado. No ano de 2017 o evento contou com o financiamento e o apoio da Prefeitura Municipal de Pelotas, ocorrendo de forma paralela ao rodeio o primeiro FESTPEL⁶². O festival teve como

⁶⁰ O jogo de bocha é um esporte entre duas pessoas ou equipes e consiste em lançar as bochas (bolas) situando-as o mais perto possível de um bolim (bola pequena), previamente lançado. O jogo da Bocha Campeira foi incluído no rol de esportes tradicionalistas durante a 54ª Convenção Tradicionalista realizada em 2001.

⁶¹ A cocheira é o espaço destinado para abrigo de cavalos e carruagens.

⁶² FESTPEL – Festival de Coreografias da Cidade de Pelotas, realizado com o financiamento da Prefeitura Municipal.

escopo a competição de coreografias, buscando incentivar manifestações artísticas e culturais do regionalismo e demais etnias de formação do gaúcho.

No campo das atividades artísticas, a entidade conta com cinco invernadas ativas: mini mirim, mirim, juvenil, adulta e veterana/xirú. Com exceção da primeira, todas as demais são competitivas e participam de eventos em todo o estado.

No ano de 2015 o trabalho coreográfico da invernada adulta contou com o auxílio de compositor local, desenvolvendo um trabalho com o apoio da Prefeitura Municipal de Pelotas na divulgação das músicas (COGOY, 2015). Já em 2017, a entidade recebeu prêmios pelas coreografias que homenagearam o Tambor de Sopapo e foram campeões da inter-regional com a temática Tambores do Pampa. Estes prêmios consolidaram o estilo coreográfico do grupo em temáticas que contam a trajetória do negro na região.

5.3.2.1 Invernada Adulta – Os Dragões do Rio Grande

Os Dragões do Rio Grande, como são conhecidos os integrantes da invernada artística adulta do CTG Cel. Thomaz Luiz Osório, levou para o ENART 2017 um grupo de trinta e oito dançarinos, além de equipe de apoio e uma torcida uniformizada⁶³. De acordo com a coordenadora da invernada o número de dançarinos não sofreu variação durante o ano, o grupo foi formado logo após o carnaval e permaneceu até a finalização das atividades em dezembro.

⁶³ Foram comercializadas camisetas para compor a torcida.



Figura 5 - Os Dragões do Rio Grande - ENART 2017

Fonte: Arquivo da Invernada artística do CTG Cel. Thomaz Luiz Osório

A equipe de apoio teve como principal atividade o auxílio para mudança de figurinos do grupo durante a apresentação na competição. Tanto na coreografia de entrada quanto na de saída foram utilizadas vestes típicas da época que foi representada na projeção folclórica sendo necessária uma mudança ágil de todos dançarinos.

A pesquisa envolveu toda população disponível, sendo respondidos trinta e seis questionários, correspondendo a um índice de 94,7% do total do grupo de dançarinos do Enart 2017. Vale ressaltar que no dia da visita, foram abordados todos os integrantes da invernada adulta disponíveis, contudo, dois integrantes não desejaram participar sob justificativa de integrar o grupo apenas como reforço para o ENART, e não teriam informações sobre o grupo. Abaixo, a Tabela 10 apresenta os dados coletados nos questionários respondidos pelos dançarinos do CTG.

Tabela 10 - Características Socioeconômicas dos Dragões do Rio Grande

		Prendas	Peões	Geral
Total de questionários (%)		50,0	50,0	100,0
Média de idade (anos)		22,3	22,1	22,2
Escolaridade (%)	Ensino fundamental	0,0	6,0	3,0
	Ensino médio	17,0	33,0	25,0
	Ensino Técnico	22,0	22,0	22,0
	Ensino Superior	50,0	39,0	44,0

	Especialização	11,0	0,0	6,0
	Mestrado/Doutorado	0,0	0,0	0,0
Renda Familiar (%)	Até R\$ 937,00	0,0	6,0	3,0
	De R\$ 937,00 e R\$ 1.874,00	39,0	22,0	31,0
	De R\$ 1.874,00 a R\$ 3.748,00	56,0	67,0	61,0
	De R\$ 3.748,00 a R\$ 5.622,00	6,0	0,0	3,0
	De R\$ 5.622,00 a R\$ 9.370,00	0,0	6,0	3,0
	Acima de R\$ 9.370,00	0,0	0,0	0,0
	Tempo médio de vínculo (anos)		7,3	5,3
Tempo de vínculo (%)	Até 5 anos	50,0	61,1	55,5
	De 5 a 10 anos	22,2	27,8	25,0
	Acima de 10 anos	27,8	11,1	19,4
Tipo de vínculo atual (%)	Dançarino	100,0	100,0	100,0
	Patronagem	6,0	0,0	3,0
	Posteiro artístico	6,0	0,0	3,0
	Posteiro Cultural	0,0	0,0	0,0
	Posteiro de sala/ensaiador	6,0	0,0	3,0
	Equipe de apoio	0,0	0,0	0,0
Vínculo anterior com outro CTG (%)	Sim	78,0	67,0	72,0
	Não	22,0	33,0	28,0
Tempo médio de vínculo com outro CTG (anos)		6,3	5,0	5,7

Fonte: Elaborado pela autora, 2018.

Os dançarinos participantes da pesquisa têm em média 22,2 anos e a variação de idade ficou entre 18 e 32 anos. Em relação ao gênero, a internada possui exatamente 50% de homens e 50% de mulheres, sendo uma questão interessante para a organização do grupo, devido a característica das danças tradicionais serem bailadas em pares.

No âmbito da escolaridade, a maioria dos respondentes possuem ou estão cursando o ensino superior (44%), outros 25% possui o ensino médio e 22% declararam possuir o ensino técnico. Apenas 3% dos respondentes declarou possuir apenas o ensino fundamental e outros 11% declararam possuir especialização.

Seguindo nos questionamentos, ao serem interrogados sobre a renda familiar, 61% das respostas foram posicionadas na terceira faixa de valores (entre R\$ 1.874,00

e R\$ 3.748,00), outros 31% assumiu uma faixa de renda familiar inferior à média do grupo, e outros 6% dividiram-se entre a quarta e a quinta faixa de renda apresentada.

Em relação ao tempo de vínculo com a entidade tradicionalista, obteve-se uma média de 6,3 anos, valor composto por 55,5% de dançarinos com menos de 5 anos de associação, 25% de integrantes vinculados entre 5 e 10 anos e 19,4% de associações superiores a 10 anos. Ressalta-se que a maior média de tempo de vínculo é encontrada entre as prendas que reúnem 27,8% de seu elenco na faixa superior a 10 anos de filiação. De acordo com a coordenadora da internada, os dançarinos mais antigos estão na entidade desde a categoria mirim ou juvenil, enquanto os mais novos, na grande maioria, são oriundos de outros CTGs, atraídos pelo trabalho competitivo, realizado nos últimos anos em busca de uma boa classificação no ENART.

Os questionários também revelaram que todos os respondentes são dançarinos, acumulando algum cargo administrativo como posteiro artístico (3%), posteiro cultural (3%) ou posteiro de sala (3%).

Por fim, 72% dos respondentes declararam já ter participado de outra entidade tradicionalista anteriormente, compondo um tempo médio de 5,7 anos. Segundo a posteira artística, muitos dos dançarinos são atraídos pela cultura competitiva que o CTG demonstra, sendo um diferencial na organização do trabalho ao longo do ano focado em alcançar boas classificações.

5.3.3 União Gaúcha J. Simões Lopes Neto

A União Gaúcha J. Simões Lopes Neto foi fundada em setembro de 1899, sob a denominação de União Gaúcha de Pelotas. A estrutura e as diretrizes tiveram como inspiração o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, tendo como objetivo interiorizar os sentimentos e os valores de culto ao nativismo iniciados na capital.

Após trinta anos de atividades, a entidade foi desativada por incompatibilidade com o momento político da época, retornando à atividade em 1950 após o convite de Barbosa Lessa e de Paixão Cortes aos estudantes Colégio Gonzaga e do Colégio Pelotense para reerguerem a entidade pioneira do movimento tradicionalista do sul do

Estado. Nesta nova fase, a entidade adotou a estrutura administrativa criada pelo “35 CTG”, além de alterar sua nomenclatura para União Gaúcha J. Simões Lopes Neto, em homenagem ao escritor João Simões Lopes Neto, fundador da entidade e expatão⁶⁴.

No ano de 2006 a União Gaúcha J. Simões Lopes Neto foi declarada integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul através da lei nº 12.673/06, a entidade já havia sido considerada de utilidade pública de acordo com a Lei Municipal nº 625 de 1956. Em ambos regulamentos, a justificativa está calcada na importância histórico-cultural da associação tradicionalista para Pelotas e região.

O patrimônio da União Gaúcha é composto por uma área de seis hectares, na zona urbana da cidade de Pelotas. Na área social, possui além da sede principal, um galpão de bocha, uma churrasqueira e um salão campeiro. A área campeira é composta por uma cancha de rodeios⁶⁵, cocheiras e espaço para o treinamento dos animais que pertencem aos sócios do CTG. Há também uma área destinada para esportes com quadra de futebol e área para acampamento. Este patrimônio é administrado por uma patronagem eleita anualmente pelos sócios ativos da entidade

No ano de 2010 a sede social da União Gaúcha sofreu um incêndio, segundo Dorneles (2010) este infortúnio acabou por destruir grande parte do acervo de documentos e livros que contavam a história da entidade.

A principal fonte de renda da entidade são as mensalidades pagas pelos sócios, o valor é complementado com o valor advindo do comodato das cocheiras e receita dos eventos realizados pela entidade. As cocheiras, localizadas na área Campeira da União Gaúcha, podem ser adquiridas sob o regime de comodato, sendo possível edificar conforme a necessidade do condômino (ROSSI, 2010).

⁶⁴ João Simões Lopes Neto foi o quarto patrão da entidade, sendo empossado no ano de 1905.

⁶⁵ Cancha de rodeios: Espaço cercado com piso de grama ou de areia destinado a realização de evento que envolve animais nas atividades de montaria e outras provas típicas da tradição gaúcha sendo avaliadas a habilidade do homem e o desempenho do animal. (COSTA et al., 2015)

A trajetória da invernada adulta na esfera competitiva remonta o ano de 1992, com a participação no VII FEGART⁶⁶ na cidade de Farroupilha, e desde então o grupo participou de todas as edições do evento. No período entre 1992 e 2000 a criação de coreografias e de indumentárias, além da responsabilidade técnica sobre as danças tradicionais, estavam a cargo dos próprios dançarinos mais experientes. A partir do ano de 2001, é iniciado um trabalho de pesquisa em relação à temática e à indumentária, além da contratação de profissionais para montagem de coreografias e de desenvolvimento cênico. Esta nova forma de organização objetivou a qualificação dos dançarinos e dos temas apresentados pelo grupo, revertendo-se na constante presença da invernada adulta entre os vinte grupos finalistas do ENART.

Além da participação anual no ENART, a invernada adulta representou o Brasil no Festival internacional da Rússia no ano de 1995, foi campeã do FENART⁶⁷ em 2013 e campeã da edição de ouro do FEGGART⁶⁸ em 2015.

5.3.3.1 Invernada Artística Adulta – Os Charqueadores

A invernada artística adulta da União Gaúcha J. Simões Lopes Neto, também conhecida como “Os Charqueadores, esteve presente no ENART 2017 com vinte e nove dançarinos, equipe de apoio e torcida. Nesta edição da competição a equipe de apoio teve participação ativa durante a apresentação do grupo pois foi realizada mudança de figurino de todos os dançarinos, além de posicionamento de alegoria no tablado para execução da coreografia de saída. Esta, inclusive, foi premiada como melhor coreografia de saída do evento no ano de 2017.

⁶⁶ FEGART – Festival Gaúcho de Arte e Tradição, evento predecessor do ENART, realizado até o ano de 1998.

⁶⁷ FENART - Festival Nacional de Arte e Tradição Gaúcha é uma competição artística entre os MTG's e as Federações filiados à CBTG. O evento reúne até dois representantes de cada filiado em diversas modalidades artísticas. A sede do evento é escolhida por sistema de rodizio (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DA TRADIÇÃO GAÚCHA, 2010). No ano de 2013 foi realizado em Jataí (GO), edição na qual a invernada adulta da União Gaúcha conquistou o troféu de campeão nacional em danças tradicionais, principal categoria do festival.

⁶⁸ Festival Gaúcho e Gastronômico de Arte e Tradição, comemorou os 80 anos da cidade de Farroupilha. O nome escolhido é alusivo ao antigo FEGART realizado por vários anos na cidade.



Figura 6 - Os Charqueadores - ENART 2017

Fonte: Arquivo da Invernada adulta da UG J. Simões Lopes Neto

Os questionários abrangeram todos dançarinos e a coordenadora financeira, sendo respondidos 30 questionários, correspondendo a 100% do grupo de dançarinos do Enart 2017. Abaixo, a Tabela 11Tabela 10 exibe os dados coletados neste grupo de questionários.

Tabela 11 - Características Socioeconômicas dos Charqueadores

		Prendas	Peões	Geral
Total de questionários (%)		50,0	50,0	100,0
Média de idade (anos)		23,8	25,8	24,8
Escolaridade (%)	Ensino fundamental	0,0	0,0	0,0
	Ensino médio	13,0	13,0	13,0
	Ensino Técnico	7,0	13,0	10,0
	Ensino Superior	73,0	60,0	67,0
	Especialização	7,0	7,0	7,0
	Mestrado/Doutorado	0,0	7,0	3,0
Renda Familiar (%)	Até R\$ 937,00	0,0	0,0	0,0
	De R\$ 937,00 e R\$ 1.874,00	13,0	13,0	13,0
	De R\$ 1.874,00 a R\$ 3.748,00	67,0	47,0	57,0
	De R\$ 3.748,00 a R\$ 5.622,00	7,0	29,0	13,0
	De R\$ 5.622,00 a R\$ 9.370,00	13,0	20,0	17,0
	Acima de R\$ 9.370,00	0,0	0,0	0,0
Tempo médio de vínculo (anos)		5,7	6,2	6,0
Até 5 anos		53,3	66,7	60,0

Tempo de vínculo (%)	De 5 a 10 anos	26,7	20,0	23,3
	Acima de 10 anos	20,0	13,3	16,7
Tipo de vínculo atual (%)	Dançarino	93,0	100,0	97,0
	Patronagem	0,0	7,0	3,0
	Posteiro artístico	0,0	7,0	3,0
	Posteiro Cultural	0,0	0,0	0,0
	Posteiro de sala/ensaiador	0,0	27,0	13,0
	Equipe de apoio	7,0	20,0	13,0
Vínculo anterior com outro CTG (%)	Sim	73,0	93,0	83,0
	Não	27,0	7,0	17,0
Tempo médio de vínculo com outro CTG (anos)		9,3	8,3	8,7

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

De acordo com as respostas obtidas, a média de idade dos dançarinos é de 24,8 anos, compreendendo integrantes entre 18 e 37 anos. Entre os respondentes, existiu um equilíbrio na distribuição por gênero, sendo 50% de prendas e 50% de peões, considerando apenas dançarinos, a representatividade feminina passa para 46,7% pois há entre os questionários a presença da coordenadora financeira que compõe a equipe de apoio.

Considerando o nível de escolaridade, grande porcentagem do grupo cursou ou está cursando o ensino superior (67%), um grupo de 13% do total declarou possuir ensino médio, assim como outros 10% declararam ensino técnico. O restante dos respondentes dividira-se entre especialização (7%) e mestrado/doutorado (3%). Esta distribuição de escolaridade vai ao encontro do range de idades verificado, os dançarinos com idades superiores a 30 anos foram aqueles que declararam nível de escolaridade maior.

Em relação a renda familiar, 57% dos integrantes declararam possuir uma renda familiar na faixa entre R\$ 1.874,00 e R\$ 3.748,00, 13% se posicionou em faixa inferior a R\$ 1.874,00, um grupo de 13% do total considerou sua renda na quarta faixa apresentada e outros 17% declarou possuir uma faixa de renda superior a R\$ 5.622,00. Neste quesito, alguns respondentes optaram por informar sua renda individual, sem considerar o núcleo familiar, sob a justificativa que os gastos referentes ao CTG são exclusivos seus.

Dentre as funções assumidas pelos respondentes, temos 97% de dançarinos, 3% para patronagem e posteiro artístico e outros 13% para posteiros de sala e equipe de apoio. Estes percentuais refletem a história da entidade quanto a assunção de cargos de patronagem pelos integrantes da invernada artística com o objetivo de manter o funcionamento do CTG.

Em média os integrantes declararam possuir um vínculo com a entidade 6 anos. Esta média foi composta por 60% dos respondentes com vínculo inferior a 5 anos, 23,3% de valores ente 5 e 10 anos e 16,7% de integrantes com mais de 10 anos de associação. Destaca-se que 83% dos respondentes declararam ter tido vínculo anterior com outra entidade tradicionalista, tendo permanecido, em média, 8,7 anos no CTG anterior. O percentual de peões originários de outros CTG mostrou-se 10% superior ao das prendas, contudo, o tempo de vínculo masculino foi inferior ao feminino.

5.3.4 Comparação entre invernadas artísticas adulta

A partir das características levantadas de cada invernada artística adulta que compõe o rol de entidades tradicionalistas estudadas, pode-se realizar uma análise inicial. A Tabela 12 compila os dados gerais e auxilia na análise comparativa entre os grupos.

Tabela 12 – Compilado das características das invernadas artísticas adulta

		CS ⁶⁹	TLO ⁷⁰	UG ⁷¹
Índice de respostas (% de dançarinos)		96,6	94,7	100,0
Média de idade (anos)		20,3	22,2	24,8
Gênero (%)	Prendas	51,7	50,0	50,0
	Peões	48,3	50,0	50,0
Escolaridade (%)	Ensino fundamental	0,0	3,0	0,0
	Ensino médio	34,0	25,0	13,0
	Ensino Técnico	38,0	22,0	10,0
	Ensino Superior	28,0	44,0	67,0

⁶⁹ CTG Carreiros do Sul – Os Carreiros

⁷⁰ CTG Cel. Thomaz Luiz Osório – Os Dragões do Rio Grande

⁷¹ UG. J. Simões Lopes Neto – Os Charqueadores

	Especialização	0,0	6,0	7,0
	Mestrado/Doutorado	0,0	0,0	3,0
Renda Familiar (%)	Até R\$ 937,00	3,0	3,0	0,0
	De R\$ 937,00 e R\$ 1.874,00	34,0	31,0	13,0
	De R\$ 1.874,00 a R\$ 3.748,00	45,0	61,0	57,0
	De R\$ 3.748,00 a R\$ 5.622,00	17,0	3,0	13,0
	De R\$ 5.622,00 a R\$ 9.370,00	0,0	3,0	17,0
	Acima de R\$ 9.370,00	0,0	0,0	0,0
	Tempo médio de vínculo (anos)		3,9	6,3
Tempo de vínculo (%)	Até 5 anos	79,3	55,5	60,0
	De 5 a 10 anos	13,8	25,0	23,3
	Acima de 10 anos	6,8	19,4	16,7
Tipo de vínculo atual (%)	Dançarino	100,0	100,0	97,0
	Patronagem	14,0	3,0	3,0
	Posteiro artístico	7,0	3,0	3,0
	Posteiro Cultural	3,0	0,0	0,0
	Posteiro de sala/ensaiador	3,0	3,0	13,0
	Equipe de apoio	0,0	0,0	13,0
Vínculo anterior com outro CTG (%)	Sim	41,0	72,0	83,0
	Não	59,0	28,0	17,0
Tempo médio de vínculo com outro CTG (anos)		3,6	5,7	8,7

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

Percebe-se que o índice de respostas, em relação a abrangência dos dançarinos que participaram do Enart no ano de 2017, variou entre 94,7%, para o CTG Thomaz Luiz Osório, até 100% na UG J. Simões Lopes Neto. Este índice pode ser considerado plenamente satisfatório dadas as especificidades da coleta de dados em cada entidade.

Considerando a média de idade dos respondentes verifica-se uma variação de 22,16% entre as extremidades. O grupo dos Carreiros apresentou a menor média de idade, assim como também apresenta o menor tempo médio de vínculo associativo. Já a maior média de idade foi observada junto aos Charqueadores, 24,8 anos, contudo a maior média de vínculo associativo foi apresentada pelos Dragões do Rio Grande, com o valor de 6,3 anos.

Saliente-se ainda que o maior índice de dançarinos vinculados entidade tradicionalista a mais de 10 anos foi de 19,4% no CTG Cel. Thomaz Luiz Osório, e segundo uma das dançarinas a proposta de trabalho voltado para o ENART não finda em um ciclo de um ano, é um projeto de melhora e crescimento contínuo que o grupo assumiu como propósito. Esta mesma ideia de ciclo contínuo de crescimento foi verificada entre os integrantes mais antigos da UG, contudo, aparentemente, o tempo médio de vínculo decresceu devido a renovação de parte do grupo no final de 2015.

E esta renovação destacada pela UG se reflete no índice de 83% de vínculo anterior com outras entidades tradicionalistas. Alguns respondentes afirmaram que já dançavam o ENART antes de participar da UG, contudo participavam da competição pela força B e após alguns anos buscaram o desafio de competir pela força A. Este movimento também pode ser percebido nos questionários obtidos no TLO, já que 72% dos respondentes já haviam participado de outra entidade tradicionalista.

Em relação a diversidade de gênero, observa-se um equilíbrio entre o número de prendas e peões, podendo ser reflexo das características de danças em pares e do estímulo constante dos grupos em buscar sempre o conjunto “peão/prenda” ao garimpar por novos integrantes.

Existe uma predominância de integrantes com ensino superior nas internadas do TLO e da UG, provavelmente relacionada a idade um pouco mais elevada de seus dançarinos em relação a internada do CS, a qual reúne a maioria de seus dançarinos na faixa do ensino médio e técnico. Este ponto interfere diretamente nos horários e na frequência de ensaio, por se necessário conciliar diferentes tipos de atividades particulares.

Ao analisar as faixas de renda declaradas pelos respondentes, percebe-se uma maior concentração de dançarinos na faixa de R\$ 1.874,00 a R\$ 3.748,00. Contudo, a distribuição da UG sugere a existência de respondentes com poder aquisitivo superior ao das outras duas entidades pesquisadas. Entretanto, de acordo com um dos dançarinos da UG, é uma prática comum entre os Charqueadores o acúmulo de empregos temporários próximo ao ENART de forma a complementar a renda e honrar todos os compromissos financeiros tradicionalistas.

Quanto a questão de funções exercidas pelos respondentes, os dados indicam existir uma tendência da participação dos dançarinos em funções administrativas da entidade. As regras do MTG para participação das invernadas no ENART levam a organização administrativa da invernada se confundir com a administração da entidade tradicionalista em determinados momentos.

Assim, há uma tendência a existir cargos administrativos assumidos por dançarinos como forma de otimizar as ações necessárias para cumprimento das exigências competitivas da invernada. De acordo com a coordenadora do TLO, a administração realizada por membros da própria invernada artística facilita a organização, pois há o contato direto e frequente com todos os interessados. Este pensamento é compartilhado pelas demais invernadas artísticas, coincidindo inclusive no binômio tempo de vínculo x função administrativa, os integrantes em funções administrativas, em grande parte, possuem mais de 10 anos de associação tradicionalista.

5.4 As Invernadas artísticas frente as Relações Concorrenciais e de Consumo

Esta seção do trabalho analisa as perspectivas das invernadas artísticas adultas pesquisadas frente as relações de concorrência e de consumo, buscando verificar as peculiaridades de cada entidade tradicionalista. Logo, as atitudes são observadas dentro de cada CTG, considerando-se cada indicador proposto na metodologia e comparando as entidades entre si.

Assim como citado na metodologia, os índices referentes à atitude variam em uma escala contínua de cinco pontos, sendo o valor máximo igual a cinco, correspondente a concordância total, e o valor mínimo igual a um, referente a discordância total. Os escores de discordância parcial, indiferença e concordância parcial são representados pelos valores, dois, três e quatro, respectivamente.

Os dados coletados são analisados de acordo com a relação de concorrência e com a relação de consumo, considerando os indicadores apresentados anteriormente. A Tabela 13 reapresenta o detalhamento dos indicadores para facilitar a análise dos dados.

Tabela 13 – Detalhamento dos Indicadores das Relações de Concorrência e de Consumo

Categoria	Indicadores	Detalhamento
Relação de concorrência	Concorrência com outras entidades tradicionalistas	Refere-se ao posicionamento quanto à existência e a amplitude da concorrência com outras entidades tradicionalistas.
	Relação com outras organizações	Reflete a existência de relacionamentos com os parceiros.
	Obtenção de recursos	Refere-se a forma como são obtidos os recursos necessários para o funcionamento da internada artística.
	Investimento	Reflete a forma como são administrados e aplicados os recursos da internada artística
	Organização e Profissionalização	Reflete as mudanças na organização e a profissionalização dos integrantes da internada artística.
Relação de consumo	Produtos	Reflete os produtos culturais que são consumidos
	Serviços/eventos	Aponta quais são os serviços, onde eles são comercializados e para quem
	Organizadores de mercado	Indica os agentes que organizam o mercado consumidor
	Destruição criadora	Reflete as mudanças de layout e/ou design de produtos e serviços que procuram estimular o consumo

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

A análise das perspectivas, conforme as relações, foram realizadas considerando os escores percentuais de cada faixa de atitude encontrada, além de abordar separadamente cada indicador, sempre que possível, a luz dos escritos da literatura apresentada anteriormente.

Inicialmente, a observância dos dados referentes as atitudes dos respondentes frente ao MTG e elementos gerais, na Tabela 14, auxilia na compreensão da relação estabelecida entre as entidades tradicionalistas e o movimento como um todo. Uma vez que, sendo o MTG o principal agente regulador das tradições gaúchas e

organizador do ENART, diversos comportamentos adotados pelas invernadas tendem a ser reflexo de regras impostas pelo movimento.

Tabela 14 - Atitudes frente as questões gerais

Atitude (%)	Q11	Q12	Q15	Q71
Discordo totalmente	0,0	6,3	11,6	9,5
Discordo parcialmente	0,0	7,4	17,9	13,7
Estou indeciso	7,4	18,9	24,2	24,2
Concordo parcialmente	27,4	33,7	32,6	26,3
Concordo totalmente	65,3	33,7	13,7	26,3
Média	4,57	3,81	3,18	3,46
Desvio Padrão	0,62	1,16	1,21	1,27

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

De acordo com o regulamento artístico do Estado do Rio Grande do Sul (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015b), os eventos artísticos têm como finalidade promover o intercâmbio cultural, projetar a cultura popular, promover a harmonia e valorizar o artista amador gaúcho. Neste contexto, segundo 92,7% dos respondentes concordam que a invernada artística se apresenta como principal vetor de realização destes objetivos artísticos (Q11). A afirmação não recebeu atitudes desfavoráveis, tendo alcançado uma média de 4,57 e um desvio padrão de 0,62, realçando o forte agrupamento dos escores em torno do valor médio encontrado.

Em relação ao acompanhamento das mudanças sociais pelo MTG, 67,4% dos respondentes declararam ser uma necessidade dentro do movimento uma atualização das regras existentes (Q12). Contudo, de acordo com as diretrizes gerais do MTG (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015a), o movimento possui uma herança histórica que deve ser preservada com vistas a manter as raízes culturais desse gaúcho construído pelo MTG. E, embora o posicionamento de Barbosa Lessa (BASTOS, 2016) seja no sentido que existem ciclos de renovação dos elementos que compõe a tradição, o entendimento geral do MTG, associa o termo tradição à elementos residuais do passado, o que, segundo Maciel (2005), acaba por distorcer o conceito e conceder imutabilidade a elementos que devem ser mutáveis.

De acordo com Savaris (2017), o modelo de organização do MTG, federação de CTGs, acaba por estabelecer apenas o congresso tradicionalista como instância para grandes mudanças dentro do movimento. E por esta razão, atualizações importantes e necessárias por vezes não são levadas a cabo, mantendo o *status quo*. Segundo Callegaro (2017), o congresso tradicionalista, realizado na cidade Bento Gonçalves em 2017, sinalizou a necessidade de reformulação em busca de um ponto de equilíbrio entre as mudanças da sociedade e o movimento tradicionalista. Entretanto, como afirmou Savaris (2017), para que estas atualizações se tornem realidade, longos caminhos devem ser percorridos.

Ao se analisar os dados referentes a questão Q15, percebe-se que 53,7% dos respondentes não consideram o MTG não crucial para a preservação do tradicionalismo. Este percentual reúne as atitudes desfavoráveis parcial e integralmente além dos indecisos, que neste caso em particular, podem externar sua dúvida quanto a importância do MTG para o tradicionalismo.

Considerando os dados referentes a questão Q71, é possível verificar que 52,6% dos respondentes percebem suas invernadas artísticas como uma empresa em alguns momentos. A análise dos respondentes de cada entidade tradicionalista separadamente oferece uma visão mais precisa do cenário (Tabela 15).

Tabela 15 - Atitudes por CTG quanto a empresarização

Atitude (%)	CS	TLO	UG	Média
Discordo totalmente	10,3	13,9	3,3	9,5
Discordo parcialmente	20,7	11,1	10,0	13,7
Estou indeciso	37,9	16,7	20,0	24,2
Concordo parcialmente	24,1	25,0	30,0	26,3
Concordo totalmente	6,9	33,3	36,7	26,3
Média	2,97	3,53	3,87	3,46
Desvio Padrão	1,07	1,4	1,12	1,27

Fonte: Elaborado pela autora, 2018

A análise destes dados revela que 66,7% dos dançarinos da UG J. Simões Lopes Neto percebem sua invernada como uma empresa, assim como 58,3% dos dançarinos do CTG Cel. Thomaz Luiz Osório e 31% dos Carreiros. O escore médio

dos Carreiros foi o mais baixo entre as entidades pesquisadas, sendo de 2,97, demonstrando que grande parte do grupo discorda da afirmação ou estava indecisa. Por outro lado, os grupos com maior tempo de participação do ENART (TLO e UG) alcançaram escores relativamente altos, em outras palavras, há uma inclinação dos dançarinos em perceber a invernada como organização empresarial.

Estas questões gerais auxiliam na compreensão do posicionamento dos respondentes frente a centralidade do movimento tradicionalista e a visão dos mesmos quanto a sua própria invernada.

5.4.1 Relação de Concorrência

Resgatando as palavras de Park e Burgess (2014), o ato de competir é uma das formas basilares da interação social, tendo sido transmutada como regra primordial para dentro de um sistema econômico de luta constante (MARX, 1894). Dessa forma, ao verificar o posicionamento geral dos respondentes frente a concorrência é possível verificar como a disputa influência nas maneiras de agir e de pensar dos grupos.

Inicialmente, através da análise dos dados referentes a questão genérica (Q37) permitem verificar como os grupos se posicionam frente a presença do MTG em eventos realizados pelo grupo. O apoio do movimento às entidades é tido como primordial pelos dirigentes, mas a entidade tradicionalista tem a liberalidade de convidar ou não representantes regionais ou estaduais para seus eventos. Os dados sobre esta questão podem ser observados na Tabela 16.

Tabela 16 - Atitudes frente a questão geral de concorrência

Atitude (%)	Distribuição
Discordo totalmente	21,1
Discordo parcialmente	15,8
Estou indeciso	16,8
Concordo parcialmente	20,0
Concordo totalmente	26,3
Média	3,14
Desvio Padrão	1,49

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

A análise destes dados revela uma leve inclinação para uma atitude positiva dos respondentes frente a busca de apoio do MTG para a realização de eventos artísticos e culturais. A média obtida de 3,14, confirma este fato. Contudo, o desvio padrão de 1,49 revela uma grande dispersão dos dados. Agrupando-se as respostas concordantes totais e parciais, o escore alcança 46,3% de favorabilidade.

Segundo o regulamento geral do MTG (MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO, 2015a), uma das responsabilidades das coordenadorias regionais é prestar apoio e prestigiar as atividades realizadas pelas entidades tradicionalistas. Portanto, ao buscar o apoio da coordenadoria regional a invernada acaba por auxiliar o cumprimento desta responsabilidade atribuída as RTs. E nesse sentido, no ano de 2017, os representantes da 26ª RT acompanharam os competidores durante as etapas inter-regional e final do ENART, prestigiando e realizando o registro das atividades.

Passando a analisar os dados referentes ao primeiro indicador da relação de concorrência, a Tabela 17 reúne as informações referentes a atitude relativa a concorrência com outras entidades tradicionalistas. Os dados apresentam um grau de favorabilidade dos respondentes ao serem analisados em conjunto.

Tabela 17 - Indicador 1 - Concorrência com outras entidades tradicionalistas

Atitude (%)	Distribuição
Discordo totalmente	14,2
Discordo parcialmente	16,5
Estou indeciso	17,2
Concordo parcialmente	24,4
Concordo totalmente	27,7
Média	3,34
Desvio Padrão	1,16

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

A média de 3,36 indica uma atitude levemente inclinada a concordância. Ao agrupar o índice de 17,2% de indecisos aos 52,1% de atitudes favoráveis é possível notar uma parcela significativa que vislumbra de forma clara a concorrência dentro do

ambiente tradicionalista. Ao se observar separadamente os dados que formam o indicador de concorrência, conforme a Tabela 18, é possível identificar a projeção da concorrência para o ambiente do ENART.

Tabela 18 - Atitudes quanto as afirmativas do Indicador 1

Atitude (%)	Q37	Q38	Q41	Q43	Q46	Q70
Discordo totalmente	15,8	34,7	6,3	4,2	24,4	0,0
Discordo parcialmente	13,7	30,5	16,8	13,7	22,1	2,1
Estou indeciso	36,8	17,9	11,6	15,8	13,7	7,4
Concordo parcialmente	26,3	9,5	38,9	21,1	24,2	26,3
Concordo totalmente	7,4	7,4	26,3	45,3	15,8	64,2
Média	2,95	2,24	3,62	3,89	2,85	4,52
Desvio Padrão	1,15	1,22	1,21	1,23	1,42	0,72

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

De acordo com a Q43, 66,4% dos respondentes consideram as entidades tradicionalmente vencedoras do ENART como principais concorrentes da invernada, assim como 46,5% dos dançarinos não consideram as invernadas artísticas da região concorrentes diretas (Q46). Logo, percebe-se que a concorrência tem uma tendência a ser projetada nas relações com entidades participantes do ENART, identificando como concorrentes diretas invernadas artísticas que estão inseridas no ambiente competitivo do ENART.

Assim, considerando que há uma tendência a projeção da concorrência ao ambiente do ENART, a questão Q70 acaba por complementar esta visão, pois na percepção de 90,5% respondentes existe uma profissionalização das invernadas a cada edição do ENART. Portanto, mesmo que 46,5% dos respondentes não vislumbrem a concorrência com outras entidades tradicionalistas, a existência desta é percebida pela maioria dos tradicionalistas pesquisados, além de ser perceptível, pela esmagadora maioria, que o ENART tem profissionalizado as invernadas competidoras. A profissionalização de invernadas artísticas é verificada em entidades que tradicionalmente alcançam as primeiras dez posições na classificação final do ENART.

E considerando a visão de Park e Burgess (2014), de que a competição pode ser vista como uma relação impessoal e contínua, a atitude favorável dos respondentes quanto a existência de relações com outras organizações, demonstra uma tendência ao estabelecimento de diferentes parcerias com vistas a alcançar os objetivos competitivos da invernada artística. Os dados obtidos podem ser observados na Tabela 19.

Tabela 19 - Indicador 2 - Relação com outras organizações

Atitude (%)	Distribuição
Discordo totalmente	18,4
Discordo parcialmente	8,4
Estou indeciso	15,1
Concordo parcialmente	33,8
Concordo totalmente	24,2
Média	3,36
Desvio Padrão	1,19

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

De acordo com as respostas é possível verificar uma relativa predominância de atitudes concordantes com a existência e importância de relações da invernada artística com outras organizações, sendo com a própria entidade tradicionalista ou com outras organizações do âmbito privado ou público. Agrupando-se as respostas favoráveis, obtém-se um índice de 58% do total, e uma a média de 3,36 que sugere um posicionamento levemente favorável ao indicador. Entretanto, ao analisar os índices referentes a cada afirmativa, observa-se uma alteração dos resultados, conforme apresentado na Tabela 20.

Tabela 20 - Atitudes quanto as questões do Indicador 2

Atitude (%)	Q26	Q28	Q32	Q40	Q42	Q17	Q13	Q16
Discordo totalmente	18,9	40,0	45,3	3,2	4,2	25,3	3,2	7,4
Discordo parcialmente	8,4	25,3	11,6	0,0	2,1	10,5	2,1	7,4
Estou indeciso	14,7	9,5	11,6	7,4	14,7	18,9	18,9	25,3
Concordo parcialmente	47,4	9,5	24,2	35,8	49,5	29,5	34,7	40,0
Concordo totalmente	10,5	15,8	7,4	53,7	29,5	15,8	41,1	20,0
Média	3,22	2,35	2,36	4,36	3,97	3,00	4,08	3,57
Desvio Padrão	1,29	1,47	1,43	0,87	0,95	1,42	0,98	1,11

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

No que diz respeito a relação entre a internada artística e o CTG, há predominância da cooperação e apoio financeiro, com 57,9% das respostas positivas. Cabe ressaltar que este índice, se analisado separadamente por CTG, apresenta predominantes 86,1% de concordância junto ao CTG Cel Thomaz Luiz Osório. De acordo com a coordenadora da internada, muitos projetos da entidade são voltados para auxiliar as internadas em suas necessidades estruturais e financeiras, sendo importante essa relação para a obtenção dos resultados almejados.

Quando se passa a analisar a relação da internada com as empresas da região e com os órgãos públicos observa-se uma discordância de 65,3% e de 56,9% respectivamente, além de médias de 2,35 e 2,36. Estes dados demonstram uma tendência a pouco relacionamento da internada com organizações públicas ou privadas. Nesse aspecto, o coordenador da internada da UG J. Simões Lopes Neto aponta que apesar da entidade possuir o status de patrimônio cultural do estado, o título não facilitou a aprovação dos projetos de apoio submetidos à apreciação do poder público, impedindo, assim, a obtenção de recursos via lei de incentivos à cultura.

Ao observar os escores relativos as atitudes que compõe o indicador de obtenção de recursos, é possível verificar uma tendência positiva frente as afirmações expostas sobre o tema.

Tabela 21 - Indicador 3 - Obtenção de recursos

Atitude (%)	Distribuição
Discordo totalmente	15,8
Discordo parcialmente	7,8
Estou indeciso	10,7
Concordo parcialmente	22,7
Concordo totalmente	42,9
Média	3,69
Desvio Padrão	1,10

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

As respostas favoráveis englobam 65.6% do total de respondentes, contudo, a análise das questões em separado permitem uma visão mais abrangente dos

aspectos que compõe a atitude dos respondentes quanto a obtenção de recursos. A Tabela 22 apresenta os escores individuais das questões sobre a obtenção de recursos.

Tabela 22 - Atitudes frente ao indicador 3 – Obtenção de Recursos

Atitude (%)	Q19	Q20	Q21	Q24	Q25
Discordo totalmente	3,2	15,8	1,1	57,9	1,1
Discordo parcialmente	4,2	11,6	4,2	16,8	2,1
Estou indeciso	2,1	21,1	13,7	6,3	10,5
Concordo parcialmente	28,4	14,7	33,7	11,6	25,3
Concordo totalmente	62,1	36,8	47,4	7,4	61,1
Média	4,42	3,45	4,22	1,93	4,4
Desvio Padrão	0,95	1,47	0,90	1,32	0,84

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Observa-se que 90,5% dos respondentes concordam que a captação de recursos é uma responsabilidade do grupo como um todo (Q19). Este aspecto relaciona-se com a falta de apoio de outras organizações declarada pelos respondentes no indicador anterior. De acordo com a coordenadora da UG, existe um custo fixo mensal com os músicos e os instrutores que a invernoada busca honrar com o valor angariado das mensalidades, entretanto, conforme se aproxima do ENART, despesas extras são somadas ao orçamento, exigindo que todo grupo trabalhe em conjunto para obter os recursos extras necessários.

E esta necessidade de recursos extras pode ser vislumbrada pela declaração de 74,7% dos respondentes discordantes em relação a afirmativa de que a mensalidade cobre todas as despesas do grupo (Q24). Segundo a coordenadora do TLO, no ano de 2017 o valor da mensalidade não foi alterado apesar do aumento das despesas com profissionais especializados na preparação do grupo para o ENART. Os custos extras foram supridos através de ações coletivas e individuais do grupo, que contaram com a participação ativa dos integrantes, conforme 86,4% dos respondentes declararam na pesquisa (Q25).

O ponto de maior dispersão de atitudes está presente na questão do planejamento financeiro da invernoada (Q20). A média de 3,45 revela uma

predominância de atitudes favoráveis a existência de um planejamento financeiro orientado ao poder nível aquisitivo dos integrantes, entretanto o desvio padrão alto indica que os escores dos integrantes estão relativamente afastados do ponto médio. Assim, é possível inferir que a organização financeira da invernada nem sempre é compatível com as rendas de seus integrantes, todavia a responsabilidade de obtenção dos recursos que suprem os custos extras é do grupo como um todo.

Ao se analisar o indicador de investimento, observa-se uma atitude fortemente favorável dos respondentes, com 74,8% dos questionários concordando com as afirmações, conforme a Tabela 23.

Tabela 23 - Indicador 4 – Investimento

Atitude (%)	Distribuição
Discordo totalmente	7,4
Discordo parcialmente	10,0
Estou indeciso	7,5
Concordo parcialmente	28,2
Concordo totalmente	46,6
Média	3,95
Desvio Padrão	1,15

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

No entanto, assim como o indicador de obtenção de recursos, os investimentos se tornam compreensíveis ao se decompor o índice e realizar a análise de cada questão em separado (Tabela 24).

Tabela 24 - Atitudes referentes as afirmativas do Indicador 4

Atitude (%)	Q18	Q22	Q23	Q29	Q30	Q31	Q72	Q78
Discordo totalmente	1,1	4,2	24,2	2,1	1,1	14,7	3,2	11,6
Discordo parcialmente	10,5	2,1	31,6	1,1	8,4	11,6	7,4	7,4
Estou indeciso	10,5	8,4	4,2	4,2	6,3	14,7	5,3	6,3
Concordo parcialmente	25,3	37,9	13,7	38,9	40,0	28,4	25,3	15,8
Concordo totalmente	52,6	47,4	26,3	53,7	44,2	30,5	58,9	58,9
Média	4,17	4,22	2,86	4,41	4,17	3,48	4,29	4,03
Desvio Padrão	1,05	0,98	1,56	0,80	0,95	1,40	1,06	1,41

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Conforme afirma Ferreira (2016), o estabelecimento do ENART como um dos principais eventos competitivos tradicionalistas do estado, alterou a dinâmica de preparação das invernadas artísticas que objetivam participar da competição. A concorrência estimulada pela busca das melhores classificações desencadeou a busca pelo aprimoramento técnico dos dançarinos, e aumento no investimento na atividade. A questão Q18 vem ao encontro desta afirmação, visto que 77,9% dos respondentes percebem que a cada ano a invernada tem aumentado o orçamento de investimentos. O desvio padrão de 1,05 indica pouca dispersão de respostas estando concentrado próximo da média de 4,17.

Este aumento do orçamento foi percebido em conjunto com a concordância de 92,6% dos questionários quanto ao investimento na melhoria do desempenho competitivo do grupo (Q29). As entidades pesquisadas realizam a contratação de profissionais em diferentes áreas, dependendo do projeto que será desenvolvido ao longo do ano. Nesse sentido, em 2017, a UG J. Simões Lopes Neto estabeleceu parceria com artistas plásticos para a confecção das alegorias e vestimentas utilizadas em suas coreografias, além da contratação de coreógrafo e realização de oficinas de expressão corporal, um trabalho que garantiu o prêmio de melhor coreografia de saída no ENART.

Paralelamente aos investimentos para aprimoramento de técnicas de dança, os grupos realizam projetos de marketing das temáticas a serem apresentadas no ENART. Em 2017 a divulgação da pré-estreia do grupo de danças do CTG Cel. Thomaz Luiz Osório contou com a produção de um *teaser* em vídeo⁷² e *book* fotográfico sobre a temática a ser apresentada no ENART, criando uma expectativa na comunidade sobre o trabalho. E este trabalho de marketing do grupo vai ao encontro das afirmações de Pareto (1996) de que a concorrência acaba por impulsionar as organizações à buscar novas formas de trabalho para suprir os desejos da coletividade. A promoção do trabalho do grupo desperta o interesse de novos

⁷² O vídeo foi produzido pela Navarrina Filme e Fotografia, tendo como atores os próprios integrantes da invernada artística do CTG Cel. Thomaz Luiz Osório e exibido nas principais redes sociais do grupo. Disponível em <<https://www.facebook.com/contatonavarrina/videos/1369481413178986/>>. Acesso em 20 nov. 17.

dançarinos, além de facilitar a prospecção de apoiadores externos que são atraídos pelo mercado crescente do tradicionalismo.

Os investimentos para aperfeiçoamento técnico do grupo refletem no aumento do custo geral de participação na entidade, e, nesse sentido, 74,7 % dos respondentes declararam já ter considerado parar de dançar devido aos custos gerados pela invernada. De acordo com a coordenadora do TLO, busca-se diminuir os custos gerais através da realização de ações de venda de produtos ao longo do ano e assim manter os integrantes da invernada. Contudo, conforme 84,4% dos respondentes, os valores de indumentária, geralmente, são exclusivos do dançarino (Q72) e ações individuais de captação de recursos, como a venda de pilchas de anos anteriores, tornaram-se prática recorrente no meio tradicionalista.

Ao observar os dados referentes as questões Q23, Q30 e Q31, percebe-se que a decisão e a administração dos investimentos do grupo tendem a ser centralizadas pela coordenação da invernada. De acordo com 84,2% dos questionários, a tomada de decisão é algo realizado por um grupo pequeno da administração, sendo repassado ao grupo posteriormente. De acordo com o coordenador da UG, o grupo é consultado quanto a temática e projeto de forma geral, contudo, a decisão sobre como serão desenvolvidos os trabalhos acaba sendo de um pequeno grupo. Esta prática é vislumbrada no Carreiros do Sul, com a concentração dos principais direcionamentos da invernada por um grupo administrativo. Vale ressaltar que 55,8% dos respondentes declararam que o grupo não decide sobre os investimentos do grupo (Q23), contudo, o alto valor de desvio padrão (1,56) denota uma alta dispersão de respostas nesse quesito.

Resgatando os objetivos do ENART (MTG, 2015), destaca-se que o festival foi concebido para promover a integração e a valorização do artista amador o rio Grande do Sul. Contudo, segundo Ferreira (2016), percebe-se uma profissionalização dos grupos participantes do evento. O autor destaca que este movimento pode ser percebido nas duas categorias da competição, porém a Força A reúne o maior número de grupos em vias de profissionalização.

Nesse contexto, a Tabela 25 indica a favorabilidade dos membros quando a existência de uma organização da internada voltada para a competição, assim como uma profissionalização dos dançarinos de modo geral.

Tabela 25 - Indicador 5 - Organização /Profissionalização

Atitude (%)	Distribuição
Discordo totalmente	4,7
Discordo parcialmente	2,4
Estou indeciso	7,4
Concordo parcialmente	20,3
Concordo totalmente	65,3
Média	4,38
Desvio Padrão	0,82

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

De acordo com as respostas obtidas, este indicador possui 85,6% de concordância dos respondentes, indicando uma forte tendência da existência de organização e profissionalização dentro das internadas artísticas de competição.

Tabela 26 - Atitudes alusivas as questões do Indicador 5

Atitude (%)	Q44	Q45	Q47	Q73
Discordo totalmente	11,6	0,0	0,0	7,4
Discordo parcialmente	7,4	0,0	0,0	2,1
Estou indeciso	17,9	3,2	3,2	5,3
Concordo parcialmente	31,6	11,6	6,3	31,6
Concordo totalmente	31,6	85,3	90,5	53,7
Média	3,64	4,8	4,87	4,22
Desvio Padrão	1,30	0,45	0,41	1,13

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Ao analisar as questões separadamente, percebe-se que a organização da internada é totalmente voltada para sua participação no ENART. A inexistência de opiniões contrárias nas questões Q45 e Q47, demonstram que o cronograma e a frequência de ensaios são determinados pela competição. Em alguns questionários, os respondentes adicionaram uma opção “seis”⁷³ na questão que trata da frequência

⁷³ A opção “seis” não foi utilizada para contabilização dos resultados

de ensaios (Q47), pois segundo estes integrantes, no mês que antecede o evento, as horas dentro da entidade superam àquelas passadas em casa.

Quanto a profissionalização das invernadas, 85,3% dos respondentes tiveram atitudes favoráveis a afirmação (Q73). E esta percepção é corroborada pelo aumento e sofisticação das alegorias utilizadas pelos grupos nas últimas edições do evento. Esta sofisticação levou a edição de nota de instrução pelo MTG em 2017, fixando como obrigatória a apresentação de projeto de alegorias assinado por engenheiro ou arquiteto responsável. Não há obrigatoriedade do uso de alegorias nas coreografias, porém, tornou-se prática recorrente dos grupos uma preparação especial para apresentações no ENART.

Esta percepção de profissionalização, quando analisada em conjunto com o índice de concorrência com outras entidades tradicionalistas indica uma tendência a vislumbrar a profissionalização em invernadas artísticas tradicionalmente vencedoras do evento, tornando-as o paradigma buscado pelas demais invernadas. De acordo com Freitas (1997), a concorrência acaba por imprimir uma lógica de constante renovação e adaptação ao meio, exigindo uma busca pelo conhecimento dos desafios envolvidos e inovação a cada transformação. A profissionalização percebida nos grupos de dança perpassa a ideia de constante transformação e busca pela inovação. Com o crescimento do evento e visibilidade dos trabalhos artísticos, o aumento da concorrência levou a busca por recursos profissionais para desenvolvimento técnico de todos os envolvidos.

Por fim, a Tabela 27 reúne as atitudes dos respondentes frente aos indicadores da relação de concorrência, permitindo uma visão geral dos indicadores. A média geral dos indicadores foi de 3,75 demonstrando uma tendência favorável dos respondentes frente aos indicadores da relação de concorrência. O desvio padrão médio foi de 1,08 demonstrando certa dispersão dos resultados.

Tabela 27 – Resumo dos indicadores que compõe a Relação de Concorrência

Atitude (%)	Ind. 1	Ind. 2	Ind. 3	Ind. 4	Ind. 5	Média Geral
Discordo totalmente	14,2	18,4	15,8	7,4	4,7	12,2
Discordo parcialmente	16,5	8,4	7,8	10,0	2,4	9,0

Estou indeciso	17,2	15,1	10,7	7,5	7,4	11,6
Concordo parcialmente	24,4	33,8	22,7	28,2	20,3	25,9
Concordo totalmente	27,7	24,2	42,9	46,6	65,3	41,3
Média	3,34	3,36	3,69	3,95	4,38	3,75
Desvio Padrão	1,16	1,19	1,10	1,15	0,82	1,08

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

Frente aos dados compilados dos indicadores, observa-se uma atitude favorável dos respondentes frente a relação de concorrência em um ambiente tradicionalista. Na amostra pesquisada, 67,2% das respostas são concordantes, sendo que 41,3% apresentaram favorabilidade integral. Conforme afirma Viana (2011), o contexto social competitivo tende a moldar as relações, de forma naturalizar regras sociais de diferentes ambientes em espaços que originalmente não adotavam tais condutas.

Assim, a percepção de traços indicadores da relação de concorrência em um espaço de cultura, denota a tendência a incorporação de comportamentos que reinficam o ambiente originalmente destinado ao lazer e a diversão. E, segundo afirma Bolognesi (1996), a cultura passa a ser vista como um elemento de distinção social, desencadeando novas relações de consumo, a serem discutidas na próxima seção.

5.4.2 Relação de Consumo

De acordo com Madeiro e Carvalho (2003), as manifestações culturais tradicionais sofreram uma transformação em decorrência da ampliação da lógica de mercado sobre a sociedade moderna. Segundo os autores, os elementos considerados tradicionais perderam seus laços culturais originários e progressivamente foram envoltos no processo de transformação em produtos.

Observando-se a Tabela 28, destaca-se o alto escore de concordância dos respondentes frente as afirmações que refletem os produtos culturais consumidos no meio tradicionalista.

Tabela 28 - Indicador 6 – Produtos

Atitude (%)	Distribuição
-------------	--------------

Discordo totalmente	2,1
Discordo parcialmente	5,3
Estou indeciso	9,3
Concordo parcialmente	26,0
Concordo totalmente	57,4
Média	4,31
Desvio Padrão	0,92

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

A média encontrada foi de 4,31, confirmando a alta concordância do grupo. As respostas favoráveis englobam 83,4% do grupo, sendo que 57,4% concordou plenamente com as afirmações, e o desvio padrão encontrado (0,92) indica baixa dispersão de respostas. A análise das afirmações separadamente (Tabela 29) permite uma visualização mais ampla dos resultados.

Tabela 29 - Atitudes referente as questões do Indicador 6

Atitude (%)	Q14	Q54	Q55	Q56	Q77	Q63
Discordo totalmente	4,2	0,0	0,0	4,2	3,2	1,1
Discordo parcialmente	4,2	1,1	5,3	12,6	1,1	7,4
Estou indeciso	10,5	10,5	2,1	14,7	4,2	13,7
Concordo parcialmente	23,2	33,7	16,8	41,1	15,8	25,3
Concordo totalmente	57,9	54,7	75,8	27,4	75,8	52,6
Média	4,26	4,42	4,63	3,74	4,60	4,21
Desvio Padrão	1,07	0,71	0,76	1,11	0,87	1,00

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Os dados referentes a afirmação Q14, revelam que 81,1% dos respondentes consideram a dança como uma forma de entretenimento. A média de 4,26 demonstra um escore fortemente favorável, e o desvio padrão revela uma pequena dispersão de respostas. Ao considerar a dança uma forma de entretenimento, os respondentes adotam o posicionamento de Marin (2009), que afirma ser o entretenimento uma forma de reunião de sentimentos, de tempo e de consciência dos indivíduos envolvidos, podendo ser instrumentalizado e transformado em produto pelo mercado.

Em relação ao uso da indumentária como elemento de distinção e estilo do grupo (Q54), 88,4% dos respondentes concordaram com a afirmação, sendo que

54,7% foi totalmente favorável. E nesse ponto, os dançarinos da UG foram enfáticos ao afirmar que as mudanças nas diretrizes de indumentária, realizadas pelo MTG nos últimos anos, acabaram por proibir o uso de elementos incorporados ao estilo do grupo. De acordo com Oliveira (2013), o consumo de determinados itens acaba se constituindo em um movimento social e cultural de identificação individual em grupos sociais. No caso dos respondentes, a indumentária compõe o estilo adotado pelo grupo frente aos demais tradicionalistas. Conforme os respondentes, no meio tradicionalista, muitos grupos são reconhecidos pelo estilo adotado ao longo das competições.

Em conjunto com o uso da indumentária, a uniformização do grupo (Q55) foi um aspecto que 92,6% dos respondentes apresentaram uma atitude favorável, sendo que 75,8% declarou concordar totalmente com a afirmação. Neste aspecto destaca-se a “pilcha de passeio”, uniforme confeccionado anualmente entre os grupos de dança para utilização durante o final de semana do ENART. Este traje não segue regramento do MTG, entretanto incorpora elementos tradicionalistas e de significação para a entidade. Esta uniformização, na visão dos respondentes, serve como elemento distintivo de origem, e por muitos é incorporado no cotidiano pós evento. De acordo com uma das dançarinas do TLO, a existência dos uniformes facilita a organização dos trajes a serem utilizados em competições, além de permitir a identificação do grupo entre os demais competidores.

E sendo a indumentária um elemento considerado a representação do estilo do grupo, a troca periódica desta é vista como uma estratégia para manter o interesse da comunidade por 68,5% dos respondentes (Q56). A média de 3,74 demonstra uma razoável favorabilidade dos respondentes, e o desvio padrão de 1,11 apresenta a existência de uma dispersão das respostas. A troca de indumentária é um evento realizado periodicamente e tem como objetivo apresentar a comunidade as novas pilchas de trabalho do grupo. O evento costuma ser realizado por todas as categorias das invernadas artísticas da entidade, em períodos próximos a competições importantes ou de acordo com o planejamento do grupo.

No caso das invernadas adultas que participam do ENART, a estreia de pilcha é acompanhado pela estreia da temática que será apresentada na competição. Segundo os coordenadores do CTG Carreiros do Sul, a estreia é o momento de testar as coreografias e as danças tradicionais utilizando a nova indumentária, e assim, qualquer imprevisto pode ser corrigido antes das apresentações no ENART. De acordo com uma das dançarinas do TLO, a estreia de pilcha e de temática é um evento que atrai um público muitas vezes não relacionado ao tradicionalismo, mas que veem no evento uma forma de conhecer o trabalho realizado durante o ano por familiares, amigos e conhecidos.

E apesar da importância e da representatividade atribuída a indumentária pelos respondentes, 91,6% considera o preço dos trajes alto, e destes 75,8% concordou totalmente com a afirmação. A média de 4,60 corrobora com a informação, demonstrado o alto escore de favorabilidade. O desvio padrão de 0,87 demonstra o mínimo de dispersão em torno da média encontrada. Os valores de indumentária englobam todos elementos que compõe o traje feminino e masculino, contudo, o estilo e a temática adotados pelo grupo é que definem a necessidade de troca total ou parcial dos acessórios⁷⁴.

A última questão que compõe este indicador diz respeito ao aumento do consumo de produtos tradicionalistas (Q63). Segundo 77,9% dos respondentes este é um fato que tem sido percebido no meio. A média de 4,21 mostra forte favorabilidade do grupo em relação a esta afirmação. Conforme Matusiak (2017), o comércio de produtos tradicionalistas tem crescido nos últimos anos, sendo a época dos festejos farroupilhas o período de maior incremento nas vendas.

Embora sempre houvesse consumo de produtos culturais gaúchos, estes estavam mais concentrados no campo ou nas camadas populares suburbanas e urbanas de origem rural. A novidade é constituída pelos jovens das cidades, em boa parte de classe média, que faz pouco tomam chimarrão, vestem bombachas e curtem música gaúcha, hábitos que perderam o estigma de grossura. (OLIVEN, 1986, p.81)

⁷⁴ Como acessórios considera-se: botas, chapéu, ceroulas e guaiaca para os peões; e sapatinho, anágua e meias para prendas.

Nas palavras de Matusiak (2017), em determinados centros, a procura por itens que remetem ao gaúcho pode aumentar em 300% durante a semana farroupilha, e a variedade de itens incentiva o consumo próprio e a aquisição de itens para presentes. O consumo de produtos revestidos de um significado cultural gaúcho extrapolou os espaços rurais e suburbanos, passando a ser incorporado por novos ambientes e consumidores.

Seguindo na análise dos indicadores, a Tabela 30 reúne os dados referentes ao indicador de Serviços/Eventos, o qual busca apontar quais são os serviços, onde eles são comercializados e para quem. Os dados demonstram que 69,7% dos respondentes se enquadram nas categorias de concordantes totais e parciais, e esta tendência é confirmada pela média obtida de 3,94. O desvio de 0,99 indica uma concentração dos escores em torno do valor médio obtido para a atitude.

Tabela 30 - Indicador 7 – Serviços/Eventos

Atitude (%)	Distribuição
Discordo totalmente	3,9
Discordo parcialmente	7,1
Estou indeciso	19,2
Concordo parcialmente	30,4
Concordo totalmente	39,3
Média	3,94
Desvio Padrão	0,99

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

A análise das questões que compõe o indicador permite uma melhor visão da percepção dos respondentes frente ao tema. Assim, a Tabela 31 reúne os escores alcançados em cada afirmação. Observa-se que todas afirmações obtiveram médias que apontam a concordância dos respondentes, assim como valores de desvio padrão que demonstram uma forte concentração das respostas frente ao valor médio encontrado.

Tabela 31 - Atitudes referente as questões do Indicador 7

Atitude (%)	Q57	Q58	Q59	Q60	Q61	Q62	Q64	Q65
Discordo totalmente	0,0	2,1	2,1	4,2	2,1	2,1	4,2	14,7
Discordo parcialmente	1,1	0,0	5,3	13,7	10,5	8,4	1,1	16,8
Estou indeciso	3,2	8,4	29,5	41,1	27,4	8,4	14,7	21,1
Concordo parcialmente	34,7	42,1	18,9	25,3	24,2	35,8	37,9	24,2
Concordo totalmente	61,1	47,4	44,2	15,8	35,8	45,3	42,1	23,2
Média	4,55	4,32	3,97	3,34	3,81	4,13	4,12	3,24
Desvio Padrão	0,61	0,80	1,06	1,03	1,09	1,02	0,98	1,36

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Conforme 95,8% dos respondentes, o mistério em torno de cada pré-estreia de indumentária e temática tem como finalidade atrair a comunidade e outros tradicionalistas para o evento. O mistério é uma prática adotada por grande parte dos grupos como forma de despertar o interesse do público frente ao trabalho realizado pela invernada adulta. No ano de 2017, o CTG Cel. Thomaz Luiz Osório adotou como estratégia de divulgação o *teaser* em vídeo, apresentando uma prévia da história que seria a base da temática coreográfica do grupo. A UG J. Simões Lopes Neto adota a alguns anos a realização de sessão de fotos temáticas, criando uma expectativa no público. Já o CTG Carreiros do Sul procura utilizar suas redes sociais com imagens referentes a temática e assim despertar o interesse do público quando ao seu trabalho. Em algumas ocasiões, o mistério da indumentária engloba não só o público, sendo segredo dos integrantes da invernada detalhes como modelo das pilchas e detalhes das indumentárias.

Em relação aos fornecedores, 89,5% das respostas concordaram que a invernada procura utilizar profissionais locais (Q58). A média 4,32 corrobora com a afirmação de favorabilidade. Segundo o coordenador da UG, é possível encontrar excelentes profissionais na região, suprindo as necessidades do grupo sem onerar os custos totais. Entretanto, de acordo com 46,4% dos respondentes a busca da diferenciação do trabalho leva a utilização de fornecedores de outras regiões (Q65). Segundo o coordenador do CTG Carreiros do Sul, a utilização de coreógrafo de outra região tem agregado qualidade as coreografias de entrada e de saída do grupo,

o trabalho passa a incorporar visões diferentes e auxiliam no crescimento dos dançarinos.

E neste contexto, de acordo com 60% dos entrevistados, a escolha dos fornecedores considera a experiência destes em competições tradicionalistas (Q61). Esta afirmação vai ao encontro da necessidade de cumprimento das regras impostas pelo MTG em suas competições oficiais. A opção por profissionais já experientes tende a proporcionar uma maior segurança quanto à adequação dos elementos as regras. Todavia, 81,1% dos respondentes concordam que houve um crescimento no número e na qualidade dos fornecedores de produtos tradicionalistas especializados em competições (Q62), de tal modo que se tornou possível concorrência de preços e diminuir os custos gerais do grupo. Esta questão foi levantada pelos coordenadores de todas entidades tradicionalistas em relação aos elementos acessórios da indumentária, a diversidade e a qualidade permitem buscar o melhor preço sem prejuízo do conjunto final.

A fidelização dos fornecedores (Q64), apresentou média de 4,12 demonstrando a forte tendência dos respondentes pela manutenção de fornecedores. No conjunto de favoráveis totais e parciais obteve-se o escore de 80%, e um desvio padrão de 0,98, demonstrando a baixa dispersão das respostas. Neste contexto, a significação atribuída a indumentária construiu ambiente de fidelização de fornecedor no meio tradicionalista, a saber, profissionais especializados trabalham mediante agendamento anual, devido a demanda em período que antecede o ENART. E apesar do aumento o número e qualidade dos fornecedores de produtos tradicionalistas percebido pelos respondentes, o alto escore de atitude favorável a fidelização permite notar a tendência a manutenção daqueles profissionais que desenvolvem uma relação calcada na percepção de qualidade e de nível de satisfação dos respondentes frente aos signos inerentes aos produtos (WARD; DAGGER, 2007).

A análise dos dados referentes a substituição de produtos/serviços vendidos (Q60) revelou um certo equilíbrio nas atitudes dos respondentes. A média de 3,34, demonstra uma tendência levemente favorável das respostas, assim como o desvio padrão de 1,03 mostra uma pequena dispersão das respostas em torno da média

encontrada. Já no que se refere aos produtos/serviços oferecidos pela invernada (Q59), 63,1% dos respondentes concordaram parcial ou integralmente com a afirmação de que os produtos ou serviços são escolhidos para atender a comunidade e promover a cultura gaúcha.

Nesse sentido, até o ano de 2015, um dos requisitos para participação no ENART era a realização do Projeto de Ação Social Tradicionalista⁷⁵, através da organização de uma atividade voltada para a comunidade de acordo com tema definido pelo MTG. Embora a obrigatoriedade do projeto tenha sido extinguida, segundo o patrão do CTG Carreiros do Sul, a realização de ações voltadas para a comunidade é prática recorrente da entidade, sendo um dos caminhos para divulgação do trabalho e estreitamento do relacionamento com a comunidade.

No que concerne a produtos e serviços voltados a obtenção de lucro, a realização de eventos que envolvem a comunidade é de praxe no ambiente tradicionalista. A variedade de produtos comercializados pelas invernadas abrange desde gêneros alimentícios até produtos de cunho tradicionalista, adaptando-se a realidade do grupo e abrangência da entidade.

Considerando os dados dos respondentes frente a organização de mercado apresentado pela Tabela 32, percebe-se uma atitude favorável frente as afirmações que compõe este indicador. Tendo uma concordância, total ou parcial, de 68,4% dos respondentes e uma média de 3,88, denota-se a tendência a percepção de uma organização do mercado consumidor no ambiente tradicionalista. Entretanto, o desvio padrão de 1,37 demonstra uma forte dispersão dos dados em torno da média encontrada.

Tabela 32 - Indicador 8 – Organizadores de mercado

Atitude (%)	Distribuição
-------------	--------------

⁷⁵ O Projeto de Ação Social Tradicionalista fazia parte do Seminário de Aprimoramento Tradicionalista – SAT. Criado no ano de 2003 pelo MTG, com o objetivo de aproximar os jovens competidores do ENART aos ideais tradicionalistas. Em sua origem o SAT previa a realização de uma ação concreta de intervenção na comunidade e a participação em uma Mostra Folclórica. O tema anual do SAT era definido durante o Congresso Tradicionalista. Todavia, a partir da mudança do regulamento do ENART em 2015, a entidade desenvolve as atividades culturais no formato que desejar e realiza a comprovação via relatório à coordenadoria regional.

Discordo totalmente	8,5
Discordo parcialmente	9,9
Estou indeciso	13,2
Concordo parcialmente	24,8
Concordo totalmente	43,6
Média	3,88
Desvio Padrão	1,37

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

Quando os escores são analisados em relação a cada afirmativa é possível visualizar pontos de atitudes diferentes da média geral encontrada no indicador. A análise foi realizada considerando três agentes organizadores de mercado: a competição, a indumentária e o produto/serviço. Então, a Tabela 33 reúne os dados referente as afirmativas sobre a competição como agente de organização de mercado.

Tabela 33 - Atitudes frente a competição - Indicador 8

Atitude (%)	Q27	Q34	Q35	Q36	Q39	Média
Discordo totalmente	6,3	1,1	5,3	0,0	2,1	2,8
Discordo parcialmente	6,3	7,4	3,2	1,1	5,3	4,6
Estou indeciso	9,5	7,4	8,4	13,7	4,2	8,6
Concordo parcialmente	26,3	16,8	22,1	10,5	33,7	21,9
Concordo totalmente	51,6	67,4	61,1	74,7	54,7	61,9
Média	4,10	4,42	4,30	4,58	4,33	4,35
Desvio Padrão	1,19	0,97	1,09	0,76	0,93	0,99

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Em relação a contratação de profissionais (Q27), 77,9% dos respondentes concordam parcial ou totalmente com a afirmação. A atual organização das entidades tradicionalistas pesquisadas conta com instrutor e musical contratados de forma permanente. Adequações são realizadas considerando o trabalho a ser realizado no ano, todavia, segundo o coordenador do CTG Carreiros do Sul, a contratação de profissionais especializados agrega valor ao trabalho do grupo e aumentam as chances de um melhor desempenho nas competições.

Além da contratação de profissionais, de acordo com os coordenadores das invernadas, apresentações em eventos como bailes e jantas promovidos pela

entidade, são momentos em que o grupo busca testar dançarinos e formações de danças com vistas a melhorar desempenho geral. Estas apresentações têm como vantagem não possuir a pressão de uma competição e admitem testes do conjunto do trabalho. Nesse sentido, 84,2% dos respondentes declararam que a invernada da qual fazem parte costuma se apresentar nestes eventos (Q34). A média de 4,42 corrobora com a atitude favorável e o desvio padrão de 0,97 indica uma forte concentração dos escores em torno desta média.

De acordo com 83,3% dos respondentes a sua invernada artística tem como principal objetivo participar de eventos competitivos (Q35). Este aspecto relaciona-se com os dados da questão Q41 (indicador 1 – Concorrência com outras entidades tradicionalistas), na qual 65,2% declararam que o objetivo da invernada é a vitória. Percebe-se que a atual organização das invernadas reflete a característica competitiva adotada pelos grupos, uma vez que direciona o trabalho realizado buscando cumprir a finalidade de participação em competições.

E no campo das competições, conforme 85,2% dos questionários, o ENART é a competição foco da invernada artística adulta (Q36), e deste escore, 74,7% concordou integralmente com a afirmação. A média encontrada foi de 4,58 demonstrando a forte favorabilidade frente a esta afirmação, e o desvio de 0,76 demonstra a baixa dispersão de resultados. E ainda sobre o ENART, 88,4% dos respondentes declaram que este evento é uma das formas centrais de divulgação do tradicionalismo gaúcho (Q39).

Reunindo os dados referentes a competição como agente de organização de mercado, é possível perceber que 61,9% dos respondentes possuem uma atitude plenamente favorável as questões. Ao considerar as respostas parcialmente favoráveis, o percentual sobe para 83,8% de favorabilidade. Assim, é possível inferir que há uma tendência em considerar a competição artística e cultural, representada pelo ENART, como um agente organizador de mercado. E nesse sentido, Dalmoro (2013) escreve que muitas as ações organizadas pelo movimento tradicionalista acabam por favorecer a expansão deste mercado, entretanto, os produtos culturais

gaúchos compõem uma rede muito mais ampla do que aquela em torno do movimento tradicionalista.

Seguindo na análise das afirmações que compõe o indicador 8, a Tabela 34 reúne os dados referentes a indumentária como agente de organização de mercado. As afirmações apresentaram desvio padrão relativamente alto demonstrando grande dispersão das respostas em relação à média encontrada.

Tabela 34 - Atitudes referentes a indumentária - Indicador 8

Atitude (%)	Q53	Q69	Q74	Q75	Média
Discordo totalmente	6,3	21,1	10,5	7,4	11,3
Discordo parcialmente	6,3	26,3	16,8	1,1	12,6
Estou indeciso	15,8	18,9	6,3	2,1	10,8
Concordo parcialmente	32,6	20,0	28,4	18,9	25,0
Concordo totalmente	38,9	13,7	37,9	70,5	40,3
Média	3,90	2,78	3,66	4,44	3,70
Desvio Padrão	1,16	1,34	1,39	1,11	1,25

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Os dados obtidos referentes a frequência de troca de indumentária (Q53) demonstra que 71,5% dos respondentes concordam total ou integralmente com a afirmação. A média de 3,90 corrobora com a tendência favorável dos dados. Resgatando os dados referentes a afirmação Q54, temos que 88,4% dos respondentes consideram a indumentária elemento de distinção, representando o estilo e o propósito do grupo. E, sendo, a indumentária um produto cultural revestido de signos de distinção perante grupo, pode-se considerar que a frequência de atualização desta acaba sendo reflexo da necessidade de manutenção da unicidade do grupo.

E neste mesmo sentido, conforme os dados coletados, 47,4% dos respondentes não consideram existir uma relação entre o mercado de produtos tradicionalistas e a troca de indumentária (Q69). A afirmativa apresentou média de 2,78 e desvio padrão de 1,34, demonstrando alta dispersão de respostas. Todavia, a afirmativa obteve um escore considerável de indecisos (18,9%) e apenas 33,7% de

questionários considerando existir uma relação de mercado mais forte que o tradicionalismo frente as trocas de pilchas.

As duas últimas afirmações deste grupo, consideraram o preço gasto com indumentárias e no geral para “ser gaúcho”. Relativo a indumentária, 66,3% dos respondentes declararam já terem pensado em deixar de dançar devido aos altos custos que os trajes possuem (Q74). Segundo uma das dançarinas do TLO, existem momentos em que o gasto com indumentária acaba impossibilitando a realização de outras atividades, e, quando em conjunto com a escassez de tempo e outros impedimentos, acabam por nutrir a intenção de parar de dançar.

Já em relação a Q75, 89,4% dos respondentes concordam que ser gaúcho custa caro, e destes, a maioria de 70,4% concorda integralmente com a afirmação. Os valores referentes aos itens tradicionalistas estão intimamente ligados aos significados a eles atribuídos. Conforme escreve Teixeira (2015, s.p.), “ser gaúcho está na moda”. Nos últimos anos, foram criadas grifes e confecções voltadas para o mercado tradicionalista, desenvolvendo não só a indumentária preconizada pelo MTG, mas também produtos temáticos que incluem canecas, chinelos, almofadas, cadernos e camisetas.

Frente aos dados expostos, verifica-se uma média de 65,3% de favorabilidade em relação as afirmações que trazem a indumentária como agente de organização de mercado. Percebe-se uma tendência a considerar a competição um organizador de mercado mais presente do que a indumentária em si. Todavia, o fato da indumentária estar fortemente atrelada as regras estabelecidas pelo MTG para competição, os resultados podem não revelar uma visão isolada sobre os trajes.

O último conjunto de afirmações que compõe o indicador 8 é apresentado pela Tabela 35. Neste conjunto trabalha-se as questões que envolvem os produtos e serviços oferecidos pela internada como agente de organização de mercado.

Tabela 35 - Atitudes quanto ao mercado - Indicador 8

Atitude (%)	Q66	Q67	Q68	Q76	Média
Discordo totalmente	22,1	8,4	16,8	3,2	12,7

Discordo parcialmente	21,1	16,8	14,7	2,1	13,7
Estou indeciso	15,8	15,8	31,6	22,1	21,3
Concordo parcialmente	24,2	42,1	21,1	26,3	28,4
Concordo totalmente	16,8	16,8	15,8	46,3	23,9
Média	2,92	3,42	3,04	4,10	3,37
Desvio Padrão	1,41	1,19	1,28	1,02	1,22

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Em relação ao fornecimento de produtos e serviços a comunidade como forma de promoção do tradicionalismo (Q66), encontramos um equilíbrio entre os respondentes. Para 43,2% dos questionários esta afirmação não condiz com suas percepções, enquanto 41% considera ser este um dos objetivos dos produtos e serviços oferecidos pela internada. O desvio padrão de 1,42 demonstra uma alta dispersão das respostas em torno da média de 2,92 encontrada.

Já para 58,9% dos respondentes, a semana farroupilha corresponde o período de maior comercialização de produtos e serviços pela internada (Q67). No ano de 2017, segundo o Jornal Minuano, o período dos festejos farroupilhas aumentou em cerca de 50% a venda de trajes e acessórios tradicionais na região. Já em relação a alimentação, houve um acréscimo de pelo menos 6% na venda de itens para churrasco devido aos acampamentos comemorativos⁷⁶ ao dia do gaúcho⁷⁷ (SACHETTI, 2017).

A influência da escolha dos produtos e dos serviços (Q68) para 36,9% dos respondentes possui influência direta de outras internadas artísticas. Entretanto, 31,5% das respostas foi contrária a esta afirmação e outros 31,6% declararam indecisão sobre o tema. Percebe-se um certo equilíbrio entre as respostas, tendo sido

⁷⁶ O acampamento farroupilha surgiu no ano de 1981 junto com a inauguração do Parque Harmonia em Porto Alegre. No período de 7 a 20 de setembro reúne quase 400 entidades tradicionalistas com visitação total aproximada de um milhão de pessoas por edição. O evento reúne diversos festejos tradicionalistas, dispendo de churrasqueiras ao ar livre, praças de alimentação, feiras de artesanato e passeios de barco pelo rio Guaíba. O acampamento é coordenado pelo MTG desde 1997, tendo sido profissionalizado no ano de 2005 com a obrigatoriedade da existência de projetos culturais por parte das entidades tradicionalistas e contrapartida financeira das empresas privadas e bancos que desejarem se instalar no parque (PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2017).

⁷⁷ O dia do Gaúcho é comemorado no dia 20 de setembro, data que marcou o início da Revolução Farroupilha em 1835.

encontrada média de 3,04 e desvio padrão de 1,24. Segundo a coordenadora do TLO, os produtos e serviços escolhidos pelo grupo são definidos pela necessidade gerada pelo trabalho proposto para o ano, podendo até existir alguma influência, mas a seleção é realizada pelo que melhor se adapta a proposta da invernada.

E finalizando as afirmações do indicador de Organização de mercado, 72,6% dos respondentes declararam considerar os CTGs parte de um mercado de cultura tradicionalista (Q76). Esse escore demonstra a tendência percebida pelos respondentes da inserção dos CTGs em um mercado de cultura gaúcha. A média de 4,10 foi a mais alta neste grupo de questões, com um desvio padrão de 1,02, demonstrando pouca dispersão em torno da média encontrada.

De acordo os dados referentes aos produtos e serviços da invernada como agente de organização de mercado, é possível perceber que 52,3% dos respondentes possuem uma atitude favorável frente as afirmações. A média de 3,37 demonstra uma leve tendência positiva dos respondentes, contudo, o desvio padrão de 1,22 apresenta grande dispersão dos dados. Dentre os três grupos relacionados ao indicador de organizadores de mercado, foi o agente que reuniu o menor escore. A interação entre os três elementos destacados pelas não ocorre de forma desconexa às práticas de mercado, principalmente porque estas práticas retroalimentam as referências culturais (RECKWITZ, 2002). Os dados apresentados indicam uma percepção dos respondentes da influência de elementos como a competição, a indumentária e os produtos/serviços oferecidos pela invernada como sobre o mercado consumidor tradicionalista.

O indicador 9 – Destruição criadora – reúne as afirmações que buscam refletir as mudanças de layout e/ou design de produtos e de serviços que procuram estimular o consumo no meio tradicionalista. Observando-se a Tabela 36 , onde são reunidos os dados referentes ao indicador mencionado, destaca-se uma alta favorabilidade dos respondentes frente ao indicador, com apenas 10,9% de respostas discordantes.

Tabela 36 - Indicador 9 – Destruição criadora

Atitude (%)	Distribuição
Discordo totalmente	4,0

Discordo parcialmente	6,9
Estou indeciso	8,6
Concordo parcialmente	20,4
Concordo totalmente	60,0
Média	4,25
Desvio Padrão	0,97

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

A média encontrada, 4,25, confirma a tendência a favorabilidade no grupo, revelando uma alta concordância dos questionários. Ao se reunir os escores concordantes, parcialmente e integralmente, o percentual atinge 80,4% dos respondentes, sendo 60% de valores totalmente favoráveis. O baixo valor do desvio padrão, 0,97, indica uma dispersão pequena dos respondentes em torno da média encontrada.

Todavia, assim como nos demais indicadores que compõe a relação de consumo, a análise das afirmações em separado fornecem uma visão melhor dos posicionamentos dos respondentes. Nesse sentido, a Tabela 37 apresenta os dados compilados de cada afirmação.

Tabela 37 - Atitudes frente as afirmações do Indicador 9

Atitude (%)	Q48	Q49	Q50	Q51	Q52
Discordo totalmente	4,2	13,7	0,0	0,0	2,1
Discordo parcialmente	12,6	15,8	1,1	2,1	3,2
Estou indeciso	4,2	7,4	5,3	6,3	20,0
Concordo parcialmente	16,8	31,6	13,7	5,3	34,7
Concordo totalmente	62,1	31,6	80,0	86,3	40,0
Média	4,20	3,51	4,72	4,75	4,07
Desvio Padrão	1,22	1,42	0,60	0,66	0,95

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Segundo 93,7% dos respondentes, as trocas de indumentária são realizadas visando a participação do grupo no ENART (Q50). A média de 4,72 demonstra a alta favorabilidade dos respondentes, assim como o desvio padrão de 0,60 demonstra baixa dispersão das respostas em torno da média. Esta questão recebeu unanimidade entre os questionários da UG, ou seja, todos os integrantes concordaram

integralmente com a afirmação, assim como 94,4% dos integrantes do TLO. Ainda sobre a indumentária, 74,7% dos respondentes concordaram que a troca de indumentária é uma forma de renovar o sentimento tradicionalista do grupo (Q52). O valor médio relativo à atitude do grupo, 4,07, revela uma atitude relativamente favorável do grupo, e o desvio padrão de 0,95 indica pouca dispersão das respostas.

Em relação ao ineditismo de temática e indumentária para o ENART (Q51), 91,6% dos respondentes foram favoráveis total ou parcialmente à afirmativa. A média encontrada foi de 4,75, corroborando com o escore favorável e o desvio padrão de 0,66 infere baixa dispersão de atitudes. O ineditismo do trabalho coreográfico não está presente como requisito formal no ENART⁷⁸, tendo sido um elemento construído pelos competidores ao longo das edições do evento. Atualmente, os trabalhos compostos para uma edição do ENART são reproduzidos durante o ano seguinte até a inter-regional, sendo então substituído pelo novo trabalho. Este ciclo anual de trabalho vai ao encontro dos escritos de Costa (1997), tornando o ENART um ponto de obsolescência programada das temáticas e indumentárias consumidas.

As questões Q48 e Q49 possuem relação direta nas respostas. Na primeira, 78,9% dos respondentes concordaram, total ou parcialmente, que a escolha da indumentária e da temática é realizada pelo grupo administrativo da internada (Q48), mantendo um segredo até a pré-estreia. A média de 4,20 corrobora com esta favorabilidade, contudo o desvio padrão de 1,22 demonstra certa dispersão nas respostas. Já na afirmativa Q49, 63,2% dos respondentes concordaram que a internada tem pouca ou nenhuma participação no processo de escolha da indumentária e da temática do grupo. A média foi um pouco inferior (3,51) a questão anterior, e o desvio padrão foi alto (1,42), demonstrando uma grande dispersão de respostas.

Em relação a estas duas questões, vale ressaltar um fato ocorrido durante a aplicação do questionário na UG. Ao chegar neste ponto, uma das integrantes da equipe administrativa fez uma ressalva ao grupo para que não fossem injustos e

⁷⁸ De acordo com o regulamento do ENART, apenas nas modalidades de Causos Gauchescos de Galpão e do Concurso Literário Gaúcho o ineditismo é requisito para participação na competição.

demonstrassem em suas respostas que havia participação de todos no processo de escolha das indumentárias e da temática. Isolamos os dados destas duas questões na Tabela 38, para visualizar os dados separadamente.

Tabela 38 - Atitudes das questões Q48 e Q49 por CTG

Atitude (%)	UG		TLO		CS	
	Q48	Q49	Q48	Q49	Q48	Q49
Discordo totalmente	3,3	13,3	0,0	8,3	10,3	20,7
Discordo parcialmente	20,0	36,7	2,8	0,0	17,2	13,8
Estou indeciso	3,3	13,3	2,8	5,6	6,9	3,4
Concordo parcialmente	16,7	23,3	15,7	30,6	17,2	41,4
Concordo totalmente	56,7	13,3	77,8	55,6	48,3	20,7
Média	4,03	2,86	4,69	4,25	3,75	3,27
Desvio Padrão	1,30	1,28	0,65	1,14	1,45	1,46

Legenda:

Q48 – A escolha da indumentária e temática é realizada pelo grupo administrativo da invernada, sendo mantido segredo até a pré-estreia.

Q49 – Os integrantes da invernada têm pouca, ou nenhuma, participação no processo de escolha da indumentária e da temática.

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018.

Observando-se os dados da União Gaúcha, verifica-se que 50% dos respondentes discordam que os integrantes têm pouca participação no processo de escolha da indumentária e da temática (Q49). Todavia, 72,4% dos questionários foram favoráveis frente a afirmativa de que o processo de escolha é realizado pelo grupo administrativo da invernada (Q48), posicionamentos que demonstram certa contradição dos respondentes. Ao observar os resultados das outras invernadas, percebe-se a existência de relativo equilíbrio entre os escores médios resultantes das afirmativas Q48 e Q49, e, por serem questões antagônicas, este relativo equilíbrio é o comportamento esperado nestes dados. Assim, a discrepância encontrada nos escores da UG, possivelmente está relacionada a orientação realizada durante a aplicação do questionário.

Enfim, a Tabela 39 apresenta os escores das atitudes dos questionários frente aos indicadores da relação de consumo, proporcionando uma visão geral dos indicadores pesquisados. O valor médio de 4,09 demonstra a alta favorabilidade dos

respondentes frente aos indicadores pesquisados, e o valor do desvio padrão de 1,06 indica uma dispersão pequena dos resultados em torno da média encontrada.

Tabela 39 - Resumo dos indicadores que compõe a Relação de Consumo

Atitude (%)	Ind. 6	Ind. 7	Ind. 8	Ind. 9	Média Geral
Discordo totalmente	2,1	3,9	8,5	4,0	4,6
Discordo parcialmente	5,3	7,1	9,9	6,9	7,4
Estou indeciso	9,3	19,2	13,2	8,6	12,6
Concordo parcialmente	26,0	30,4	24,8	20,4	25,4
Concordo totalmente	57,4	39,3	43,6	60,0	50,1
Média	4,31	3,94	3,88	4,25	4,09
Desvio Padrão	0,92	0,99	1,37	0,97	1,06

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

Os escores revelam 75,5% de atitudes favoráveis em relação a relação de consumo de bens e produtos tradicionalistas. Destes, 50% teve atitude plenamente favorável frente aos indicadores.

O tradicionalismo encontra nas relações de consumo uma valorização da tradição, que retroalimenta o desejo de manutenção dos elementos considerados típicos gaúchos. Assim, ao verificar a atitude favorável dos respondentes frente a todos os indicadores da relação de consumo, é possível inferir que as maneiras de agir e de pensar típicas da empresa estão presentes no ambiente tradicionalista, especificamente nas internadas artísticas. Frente ao exposto, a comparação de todos os indicadores, por entidade tradicionalista amplia a análise dos comportamentos e atitudes, permitindo confrontar com aspectos observados individualmente em cada grupo.

5.4.3 Comparação entre internadas

Os valores observados em cada indicador, considerando-se cada uma das relações, ao serem analisados separadamente por internada permite verificar o grupo com traços mais fortes de empresarização. Na Tabela 40 podem ser observados os escores médios relativos aos indicadores de cada internada artística adulta, juntamente com o desvio padrão, levando-se em conta cada uma das relações pesquisadas.

Tabela 40 - Comparação das atitudes das invernadas

		CS		UG		TLO	
		Média	Desvio	Média	Desvio	Média	Desvio
Relação de Concorrência	Indicador 1	3,04	1,07	3,42	1,03	3,53	1,06
	Indicador 2	3,17	0,99	3,29	1,31	3,59	1,03
	Indicador 3	3,72	0,88	3,64	1,15	3,70	1,12
	Indicador 4	3,87	1,02	4,14	1,04	3,87	1,13
	Indicador 5	4,13	0,88	4,55	0,71	4,45	0,77
Relação de Consumo	Indicador 6	4,25	0,92	4,45	0,83	4,24	0,87
	Indicador 7	3,82	0,94	3,90	0,98	4,06	0,92
	Indicador 8	3,84	1,04	3,85	1,05	3,85	1,14
	Indicador 9	3,88	1,10	4,14	0,78	4,65	0,69
Média Concorrência		3,58	0,94	3,80	1,04	3,82	1,02
Média Consumo		3,94	1,00	4,08	0,91	4,20	0,90
Média Geral		3,74	0,97	3,94	0,97	4,01	0,96

Fonte: Elaborado pela Autora, 2018

Observando as médias por entidade tradicionalista é possível verificar que a invernada artística do CTG Cel. Thomaz Luiz Osório reúne as maiores médias tanto nas relações em separado quanto no total geral. A UG J. Simões Lopes Neto apresenta-se como a segunda invernada mais empresarizada, com média geral de 3,94. O CTG Carreteiros do Sul apresentou a menor média geral, 3,74, podendo ser considerado a invernada artística que menos reúne os traços do processo de empresarização em comparação as demais. Este resultado pode ter relação com o tempo de vínculo com a entidade tradicionalista, pois na comparação entre as médias referentes aos anos de vínculo, o TLO teve como resultado 6,3 anos, enquanto a UG obteve a média de 6 anos e o CS a média de 3,9 anos.

A média do desvio padrão geral do CS e da UG foi de 0,97, enquanto o TLO apresentou o valor de 0,96, demonstrando baixa dispersão das respostas em relação à média dos indicadores. Vale ressaltar que a diferença dos valores médios entre a UG e o TLO são perceptíveis na relação de consumo, tendo uma diferença de 0,12

pontos. Assim, pode-se inferir que a concorrência influencia de forma semelhante estas duas invernações dada a diferença de 0,02.

Embora alguns indicadores tenham apresentado valores próximos a média da indecisão (nível 3), é possível perceber indícios de todas as características da empresarização destacadas no presente estudo. Nenhuma das entidades apresentou índice abaixo de 3,04, valor do indicador 1 do CTG Carreiros do Sul, demonstrando que todos os elementos estão presentes, em maior ou menor grau.

6 Sobre o MTG, o ENART e as Invernadas: amarrações e reflexões finais

A presente dissertação constituiu-se em uma tentativa de analisar o processo de empresarização das invernadas artísticas adulta de três Centros de Tradições Gaúchas da 26ª Região Tradicionalista. Os resultados, ao serem interpretados à luz da teoria da empresarização, buscam auxiliar na compreensão de como as relações de concorrência e de consumo influenciam no processo de empresarização de organizações culturais.

Através de uma pesquisa com abordagem predominantemente quantitativa para análise dos CTGs, foram reunidas informações relativas a percepção dos integrantes das invernadas artísticas através de questionário elaborado para este fim. As afirmações ao serem classificadas em uma escala Likert de cinco pontos permitiram a classificação dos respectivos indicadores entre uma atitude completamente favorável (nível 5) até outra completamente desfavorável (nível 1). Assim, foi possível realizar a análise através do cálculo das médias e dos desvios padrão, verificando a favorabilidade dos respondentes frente ao indicador e comparando os resultados entre as invernadas artísticas estudadas.

Algumas concepções foram sendo transformadas no decorrer da pesquisa, e, embora a competição e o ENART continuassem a demonstrar sua importância no processo de empresarização, a centralidade do MTG e as relações de consumo adquiriram expressividade no desenvolvimento do trabalho. No decorrer do trabalho se tornou perceptível o esforço de apropriação e de ressignificação do gaúcho e da cultura gaúcha, através da alta formalização e detalhamento das regras relativas ao tradicionalismo realizadas pelo MTG. A normatização revela-se como instrumento de avaliação e controle das manifestações culturais gaúchas, englobando não só as indumentárias, as danças e as músicas, como também os papéis sociais dentro do movimento. Além disso, verifica-se um esforço na profissionalização do gaúcho através de cursos de formação e consultorias oferecidas pelo MTG. Em suma, são ações que se traduzem em uma tentativa de monopolizar a cultura gaúcha por parte do MTG.

Percebeu-se a transformação sofrida pelas diferentes formas de manifestação cultural em decorrência da ampliação da lógica de mercado sobre a sociedade moderna. Segundo Madeiro e Carvalho (2003), os elementos considerados tradicionais perderam seus laços culturais originários e progressivamente foram envoltos no processo de transformação em produtos. A apropriação cultural materializada pela centralidade do MTG parece reconhecer nas relações de consumo e de concorrência ambiente propício para a incorporação de práticas que revivem e perpetuam comportamentos tidos como históricos e tradicionais. É possível inferir que a modernização dos Centros de Tradições Gaúchas ocorreu a partir do processo de empresarização, sem, contudo, romper laços tradicionais que são pouco modernas.

O ENART reúne um número expressivo de pessoas interessadas em consumir o tradicionalismo gaúcho. A ambientação realizada pelo conjunto dos acampamentos, apresentações artísticas e culturais, incentiva o desenvolvimento do mercado tradicionalista, perpetuando os signos a eles atrelados. Oliven (1986, p. 81) escreve que o movimento tradicionalista acabou por incentivar a manifestação cultural através de “coisas gaúchas”, desenvolvendo “um mercado urbano de bens simbólicos gaúchos”. E nesse sentido, pode-se dizer que o ENART se transformou em um espaço de materialização e espetaculização da ideia de cultura gaúcha enfatizada pelo MTG. Um evento que parece alterar a relação dos indivíduos com a cultura, auxiliando na construção e perpetuação da figura do gaúcho idealizada pelo movimento.

A compreensão das implicações das relações de concorrência e de consumo no processo de empresarização é um terreno bastante amplo e sujeito a múltiplas orientações. Contudo, através da presente pesquisa foi possível verificar que algumas das maneiras de agir e de pensar típicas da empresa parecem estar naturalizadas entre os integrantes das invernadas artísticas. A troca anual de indumentárias tendo como motivação a participação da invernada no ENART, é um exemplo de como o consumo e a concorrência influenciam a organização da invernada em torno de um processo de reconstrução de trajés, temática e coreografias de forma programada. Nesse cenário, a dança acaba por assumir papel secundário em um ambiente revestido pelo desejo de alcançar as melhores classificações nos campeonatos tradicionalistas.

Frente aos resultados obtidos sobre os indicadores, as três organizações pesquisadas apresentam traços característicos de uma empresa, existindo um grau maior de empresarização na internada artística do CTG Cel. Thomaz Luiz Osório. Ao demonstrar um posicionamento mais favorável a empresarização, a internada artística adulta do CTG Cel. Thomaz Luiz Osório vai ao encontro dos escritos de Solè (2008), sobre a centralidade da empresa na sociedade moderna e sua forte influência na alteração das características de organizações não empresariais. Talvez, o grau de maturidade competitiva da União Gaúcha J. Simões Lopes Neto tenha influenciado na percepção dos respondentes, assim como pode ter havido influência advinda da forma como o grupo se organizou para o preenchimento do instrumento.

Para Polanyi (2000), a concorrência tem sua origem no estabelecimento de mercados locais/internos, quando surgem diferentes vendedores com produtos semelhantes, criando um ambiente de busca pela distinção de mercadorias independente de sua categorização. Ao se transpor essa relação para o espaço tradicionalista é possível perceber que a ocorrência do ENART e o estabelecimento de regras acaba por criar a relação de concorrência dentro da cultura, alterando, assim, as relações sociais constituídas através da cultura e imbricando a lógica econômica também no ambiente tradicionalista.

Os resultados da pesquisa demonstraram que as internadas pesquisadas orientam suas ações para sua participação no evento competitivo. A média de permanência nas entidades tradicionalistas demonstra a procura pelas melhores condições de dança, voltados para competição, por parte dos dançarinos. Nesse sentido, um dos respondentes da UG afirmou que já havia dançado em uma internada Força B, contudo desejava participar de um grupo forte no campo competitivo, e, apesar dos gastos bem mais elevados, estava contente com sua nova casa tradicionalista. Vale ressaltar que dentre os indicadores da relação de concorrência, a organização e a profissionalização das internadas artísticas foi o aquele que obteve maior escore. Esta percepção pode estar relacionada ao crescimento de conquistas das internadas após a profissionalização de determinados papéis, aumentando assim o nível de competitividade dos grupos de danças.

Ainda que as competições tenham intensificado o processo de empresarização das invernadas artísticas, a relação de consumo apresentou valores mais altos entre os respondentes. Talvez os signos atrelados a figura construída do gaúcho e a constante ressignificação como forma de perpetuar o gauchismo, tenham contribuído para essa percepção mais intensa em relação ao consumo de bens tradicionalistas. Como afirma Baudrillard (2008), os valores atribuídos aos produtos consumidos vão além de sua funcionalidade, criando relações que penetram cada vez mais na sociedade moderna. Os signos atrelados a mercadoria mediam aspectos culturais da sociedade, inclusive aspectos da pretensa cultura gaúcha.

E, considerando as mercadorias ligadas a cultura gaúcha, Dalmoro (2013, p. 184) afirma que o ato de consumir produtos e eventos relacionados ao tradicionalismo, “os consumidores alcançam uma reapropriação simbólica dos elementos ligados ao gaúcho mítico e à vida no campo”. Estes consumidores compõem um mercado em expansão, formado especialmente por indivíduos de origem urbana com pouca ou nenhuma conexão com a figura originária do gaúcho (OLIVEN, 2006).

O mercado de cultura gaúcha perpassa pela articulação de agentes que contribuem na criação de identidades e símbolos atrelados ao tradicionalismo. Segundo Dalmoro e Nique (2016), muitas das atividades desenvolvidas pelo movimento tradicionalista acabam por favorecer a expansão deste mercado, entretanto, os produtos culturais gaúchos compõem uma rede muito mais ampla do que aquela em torno do movimento tradicionalista.

No entanto, outras questões fizeram-se presentes no decorrer da pesquisa, mas devido as limitações existentes na realização do trabalho não foi possível abordá-las. Fatores como o tempo específico para desenvolvimento do trabalho e os recortes temáticos relacionados ao tema central não permitiram a análise destes pontos.

Entre eles encontra-se a necessidade de envolver as invernadas artísticas de entidades tradicionalistas que participam da categoria Força B do ENART, a fim de verificar se o processo de empresarização está presente e se manifesta de forma semelhante nestas organizações. Este estudo permitiria verificar se a concorrência

existente nesta categoria possui a mesma intensidade de influência sobre os grupos quanto a Força A.

Também se torna importante investigar o processo de empresarização em outras Regiões Tradicionalistas, não só as trinta que compõe o estado do Rio Grande do Sul, como expandir para as demais regiões do Brasil. Seria necessário investigar como as relações de concorrência e de consumo se apresentam para estes outros ambientes e como as invernadas artísticas são influenciadas.

A ampliação da pesquisa englobando outros departamentos também se apresenta como importante caminho de estudos. Ao investigar outros espaços que compõe a entidade tradicionalista será possível perceber novas fontes de concorrência e de consumo que podem influenciar nas maneiras de agir e de pensar das organizações.

Torna-se relevante a realização de um estudo específico sobre a história de cada um dos Centros Tradicionalistas Gaúchos, levantando elementos cruciais para a manutenção da memória de cada entidade. Durante a pesquisa ficou evidenciado que muito da história das entidades ainda não foi documentado e sistematizado, sendo contada ao longo das gerações.

Outro caminho importante seria a realização de uma pesquisa com uma abordagem qualitativa a partir dos indícios levantados pela presente pesquisa. Dessa forma seria possível aprofundar as atitudes percebidas ao longo do trabalho frente as relações de concorrência e de consumo. Faz-se também necessário uma investigação das diferenças entre as invernadas que adotam uma postura competitiva e aquelas que se mantem apenas para apresentações artísticas. As diferenças e as semelhanças podem contribuir para verificar pontos de convergência ao processo de empresarização.

O estudo de outros eventos competitivos organizados, ou não, pelo MTG também se apresenta como importante. A criação do FEGADAN levantou a discussão sobre a rigidez das regras impostas ao ENART, demonstrando a existência de uma parcela de tradicionalistas incomodados com os caminhos competitivos tomados pelo

ENART. Faz-se necessário explorar as demais competições, as transformações ocorridas e os movimentos de formação dos demais eventos.

Outra questão que foi apenas tangenciada no presente trabalho e merece um estudo muito mais aprofundado é a discussão da presença da mulher no tradicionalismo. A importância desta temática de gênero deve ser destacada por levantar paradigmas antigos e enraizados dentro do movimento tradicionalista. Elementos e comportamentos que não eram questionados dentro do movimento tradicionalista, e acabaram construindo pseudoverdades perpetuadas ao longo da história.

Seria importante ainda, uma investigação específica a respeito das músicas gaúchas, tradicionalistas e nativistas e sua relação com o MTG. Em especial, necessita de grande atenção as divergências entre as regras impostas pelo movimento e a expressão artística musical. Vale ressaltar que o processo de aproximação iniciado pelo movimento tradicionalista acaba por evidenciar a existência de uma desarmonia com os músicos.

Estas problemáticas ficam abertas à exploração, podendo ser desenvolvidas em trabalhos posteriores. Ficam também como sugestão para outros pesquisadores que se interessem por tradicionalismo, pelo processo de empresarização, e pelas relações de concorrência e de consumo.

REFERÊNCIAS

- ABOFALIA, M.; BIGGART, N. Competition and markets: an institutional perspective. In: ETZIONI, A.; LAWRENCE, P. (Orgs.) **Socio-economics: toward a new synthesis**. New York: M. E. Sharp, 1991.
- ABRAHAM, Y. L'entreprise Est-elle nécessaire? In: DUPUIS, Jean-Pierre (org.) **Sociologie de l'entreprise**. Montréal: Gaëtan Morin Editeur, 2006, p. 323-374.
- ABREU, S. C. Indumentária Gaúcha. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG, 2003.
- ARAÚJO, A. Z. **Impacto da Política Pública de Agricultura Familiar nas relações dos agricultores**: uma análise fundamentada na teoria da empresarização. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- BARBOSA, C. S. **Bailar Gaúcho, entre a técnica e o sentir**. Antônio Prado: Gráfica Paski, 2017.
- BASTOS, R. P. **MTG 50 anos de preservação e valorização da cultura gaúcha**. Colaboração de Manoelito Savaris. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha, 2016.
- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Portugal: Edições 70, 2008.
- _____. **Para uma crítica da economia política do signo**. Paris, Gallimard, 1972.
- BAUMAN, Z. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- _____. **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadorias**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BETTA, E. P. S. Identidade e Moda na Construção da Indumentária Típica da Mulher Gaúcha. In: **COLÓQUIO DE MODA**, 8., 2012, São Paulo. Anais... São Paulo: UNESP, 2012. Disponível em <http://www.coloquiomoda.com.br/anais_ant/anais/8-

Coloquio-de-Moda_2012/GT06/ARTIGO-DE-GT/102744_Identidade_e_Moda_na_construcao_da_indumentaria_tipica_da_mulher_gaucha.pdf>. Acesso em 21 jan. 2018.

BIANCALANA, G. R. Danças Tradicionalistas Riograndenses, Gênero e memória. **Revista Concept**, v. 2, n.2, p. 23-33 Campinas, 2014.

BLAU, P.; SCOTT, W. **Organizações formais**. São Paulo: Atlas, 1970.

BOLDRINI, I. I.; FERREIRA, P. M. A.; ANDRADE, B. O.; SCHNEIDER, A. A.; SETUBAL, R. B.; TREVISAN, R; FREITAS, E.M. **Bioma Pampa**: diversidade florística e fisionômica. Porto Alegre, Editora Pallotti, 2010.

BOLOGNESI, M. F. A mercadoria Cultural. **Trans/Form/Ação**. São Paulo, n. 19, p. 75-86, 1996.

BRUM, C. K. “As (re) configurações do gauchismo” pensando as relações entre o movimento tradicionalista gaúcho e a escola. In: **Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências**, 2., 2006, Santa Maria, RS. Anais [recurso eletrônico] Santa Maria: FACOS-UFSM, 2006. Disponível em <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/019e3.pdf>>. Acesso em 24 de fev. 17.

_____. “Vestida de prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas. **Educação (UFSM)**, v. 34, n. 1, p. 147-164, 2009c.

_____. Em busca de um novo horizonte: o encontro de artes e tradição gaúcha e a universalização do tradicionalismo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 19, n. 40, p. 311-342, dez. 2013a. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30 Jan. 17.

_____. Indumentária Gaúcha: uma análise etnográfica da pedagogia tradicionalista das pilchas. **32º Encontro Anual da ANPOCS**. 2008.

_____. O gauchismo e as escolas: a diversidade cultural em questão. **Educação e realidade**, v. 38, n. 2, p. 649-667, 2013b.

_____. Sepé Tiaraju: o índio que os gaúchos querem viver, representações, identidades e educação. In: SILVA, G. F. S.; PENNA, R.; CARNEIRO, L.C.C. (Orgs.). **RS Índios: cartografias sobre a produção do conhecimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 15-28, 2009a.

_____. Tradicionalismo e educação no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 138, p. 775-794, dez. 2009b. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000300005>. Acesso em: 16 nov. 16.

CALLEGARO, N. Está iniciando um novo tempo. Você vem? [Editorial]. **Eco da Tradição**, ano XV, n. 187, p.2, mar. 2017b. Disponível em < <http://www.youblisher.com/p/1756130-Jornal-Eco-da-Tradicao-Marco-de-2017/> > Acesso em 23 mar. 17.

_____. Questionamentos e mudanças: é apenas o começo [Editorial]. **Eco da Tradição**, ano XV, n. 186, p.2, fev. 2017a. Disponível em < <http://www.youblisher.com/p/1718901-Jornal-Eco-da-Tradicao-Fevereiro-de-2017/> > Acesso em 23 mar. 17.

CAMARGO, O.N. **Falando em tradição e folclore**: conhecimentos básicos da cultura e tradição no Rio Grande do Sul. 2 ed. Passo Fundo: Medeiros Editora, 2006.

CAMILLO, J.; PEREIRA, T.S. **Danças folclóricas e tradicionais gaúchas**: uma proposta pedagógica. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2013.

CAMPBELL, C. The craft consumer culture, craft and consumption in a postmodern society. **Journal of Consumer Culture**, v.5, n.1, p.23-42, 2005.

CAMPOS, E. C. de. **O Catarinense de bombacha: movimento tradicionalista gaúcho em Santa Catarina (1959-1997)**. Florianópolis, 1999. 120p. Dissertação (Mestrado em História) - programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

CARVALHO, C.A.P.; ANDRADE, J. A. de. A Inevitável Conversação entre Estudos Organizacionais e Administração Pública. Reflexões a partir de uma Agenda de Pesquisa. In: **Anais Eletrônicos do 30º Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Administração**, Salvador – BA. 2006.

CASTILHO, M. A. de; ARENHARDT, M. M.; LEBOURLEGAT, C. A. Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento Aroeira, Chapadão do Sul, MS. Interações – **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, Campo Grande, v. 10, n.2, p. 159-169, 2009.

CHANLAT, J. F. **O indivíduo na organização**: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993. v.3.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1999.

CIRNE, P. R. F. **Ser patrão e Administração de CTG**. 2 ed., Porto Alegre: MTG, 2013.

COGOY, C. Gaúcho Suburbano: Arte negra pelotense no ENART. **Diário da Manhã**. Pelotas, 20 nov. 2015. Disponível em <<http://diariodamanhapelotas.com.br/site/gaucho-suburbano-arte-negra-pelotense-no-enart/>> Acesso em 29 dez. 2017.

COLASANTE, T. **O processo de reterritorialização dos gaúchos no Norte do Paraná: a construção de uma identidade territorial**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista.

COSTA, C. E. S. **Processo de empresarização nos clubes de futebol e as consequências sobre o controle dos clubes**. 2005. 203 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

_____; SILVA, R. C. Empresarização e controle organizacional: um estudo nos clubes de futebol em Santa Catarina. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 4, n. 4, p. 01-16, 2006.

COSTA, L.A.G; DARGEN, A.C.S.S.; LEVE, C.; BORGES, E.F.F.; OSÓRIO, F.A.A. Cartilha para a realização de rodeios crioulos. 2. ed. MTG. 2015. Disponível em <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/CARTILHA_FORMATADA%2023-06-2015%20pdf.pdf> Acesso em 15 jan 2018.

COSTA, R. V. Introdução à edição em português. In: SCHUMPETER, J. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**: Editora Nova Cultural, 1997.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DALMORO, M. Campereando Mercados: práticas de resistência e cidadania medidas pelo mercado na cultura gaúcha. 2013. 343f. Tese (Doutorado em Administração), Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

_____; NIQUE, W. M. Fluxos e contrafluxos: a relação global e local mediada pelo mercado na cultura gaúcha. **Organizações & Sociedade**, v.23, n.77, p.211-230, 2016.

DE SANTANA GONÇALVES, J. C.; SERRA, A. R. C.; COSTA, C. E. S. A empresarização do sagrado: um estudo sobre a estruturação de igrejas protestantes brasileiras. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa-RECADM**, v. 6, n. 2, p. 1-14, 2007.

DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

DiMAGGIO, P.; LOUCH, H. Socially embedded consumer transactions: for what kinds of purchases do people most often use networks? **American Sociological Review**, v. 63, p. 619- 637, 1998.

DORNELES, I. União Gaúcha: Primeira Entidade Tradicionalista do RS. Rádio Tertúlia. Pelotas, 14 set. 2010. Disponível em <<http://blogradiotertulia.blogspot.com.br/2010/09/uniao-gaucha-primeira-entidade.html/>> Acesso em 16 nov. 2017.

DUMONT, L. **Homo Aequalis**: gênese e plenitude da ideologia econômica. Bauru, SP: EDUSC, 2000. p.13-44.

DUQUIA, A. A.; BORGES, J. C. P. O reuni e o processo de empresarização da universidade federal de pelotas. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais**. 2016. Disponível em < <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/145>>. Acesso em 10 mar. 17.

DURIEUX, A. **O processo de empresarização no voleibol catarinense**. 2005. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo. Martin Claret, 2005.

DUTRA, C. P. **A prenda no imaginário tradicionalista**. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

ECO DA TRADIÇÃO. MTG busca aproximação com músicos. **Eco da Tradição**, jan. 2018. Disponível em < <http://www.ecodatradicao.com.br/mtg-busca-aproximacao-com-musicos/> > Acesso em 23 jan. 18.

ETZIONI, A. **Organizações Modernas**. Tradução de Miriam L. Moreira Leite. 2º ed. São Paulo: Pioneira, 1972.

FAGUNDES, A. A. **Indumentária Gaúcha**. 5º ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

_____. Tradicionalismo. **Caderno de História** - Memorial do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 22, 2005.

FELIPE, E. S.; MARTINS, E.C.S. Inovação e destruição criadora e os desafios atuais e institucionais da indústria musical. 1º Encontro da Nacional de Economia Industrial e Inovação, **Blucher Engineering Proceedings**, v.3, p.802-822, 2016. Disponível em <www.proceedings.blucher.com.br/article-details/inovao-e-destruio-criadora-e-os-desafios-atuais-e-institucionais-da-industria-musical-25318>. Acesso em 19 dez. 17

FELIPPI, A. C. T. **Jornalismo e identidade cultural. Construção da identidade gaúcha em Zero Hora**. Porto Alegre: PUCRS, 2006. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, H. S. **Moção de Conscientização e Encaminhamento de Proposta à Vice-Presidência Artística do MTG e a Posteriore à Convenção Tradicionalista**. Porto Alegre: MTG, 2016. Disponível em <<http://www.mtg.com.br>>. Acesso em 04 fev. 17.

FERRON, F. Cultura, Produção e Consumo: meandros e perspectivas. In: FARIA, H.; NASCIMENTO, M. E. do. (Orgs.). **Desenvolvimento Cultural e Planos de Governo**. São Paulo: Polis, 2000. p. 21-26.

FIGTF. Apresentação: Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Disponível em <http://www.igtf.rs.gov.br/?page_id=22>. Acesso em 11 mar. 17.

FONSECA, P. S.; RIGO, L. C. Projeto Extracasse CTG Carreiros do Sul: memórias e valorização da cultura gaúcha. **Revista Didática Sistemica**, Rio Grande, ed. Especial, p. 177-193, 2013.

FREITAS, C. P. A natureza particular da concorrência bancária e seus efeitos sobre a estabilidade financeira. **Economia e Sociedade**. Campinas, v. 8, p. 51-83, jun. 1997.

FREITAS, L. R.; SILVEIRA, R. M. H. A figura do gaúcho e a identidade cultural latino-americana. **Educação**, v. 27, n. 2, 2004.

_____. A sala de aula como um espaço que constitui a identidade gaúcha. **Educação & Realidade**, v. 32, n. 2, 2007.

FURTADO, C. **Cultura e Desenvolvimento em Época de Crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GARCIA, L. de M. **Direito do Consumidor: código comentado, jurisprudência, doutrina, questões, Decreto nº 2.181/97**. 6 ed. rev., ampl. e atual. Niterói: Impetus, 2010.

GIDDENS, A. **Para além da esquerda e da direita**. Tradução de Álvaro Hattner. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

GONÇALVES, J. C. A; CARVALHO, C. A. Mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 4, n. 2, p. 01-27, 2006.

GONÇALVES, J. C. de S.; SILVA, C. E. Empresarização and control: the case of the Figueirense Soccer Club. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 5, n. 3, p. 01-16, 2007.

GUERREIRO RAMOS, A. **A Nova Ciência das Organizações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

HAESBAERT, R. A noção de rede regional: reflexões a partir da migração “gaúcha” no Brasil. **Revista Território**, ano III, n. 4, p. 55-71, 1998.

HOBBSAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: _____; RANGER, T. (Orgs.). **A Invenção das Tradições**. Tradução: Celina C. Cavalcante. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 09-23.

HOBSON, J. A. **A evolução do capitalismo moderno**: Um estudo da produção mecanizada. Tradução de Benedicto de Carvalho. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

HOLANDA, L. A Empresarização do turismo de base comunitária. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 249-262, ago. 2016.

IANNI, O. **A idéia de Brasil moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

IFSUL. CTG Carreiros do Sul, do campus Pelotas comemora 50 anos. Últimas Notícias, Pelotas, 14 abr. 2016a. Disponível em: <<http://www.ifsul.edu.br/ultimas-noticias/645-ctg-carreiros-do-sulcomemora-50-anos>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

_____. CTG Carreiros do Sul: Cantora de 25 anos é bicampeão do Enart. Notícias, Pelotas, 14 dez. 2016b. Disponível em: <<http://pelotas.ifsul.edu.br/noticias/ctg-carreiros-do-sul-cantora-de-25-anos-e-bicampea-do-enart>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

JACKS, N. A. Audiência nativa: cultura regional em tempos de globalização. **Intexto: Revista do Mestrado da Comunicação UFRGS**, n. 2, 1997.

JORNAL MINUANO, Correarias estão otimistas para a semana farroupilha. Bagé: 2017. Disponível em <<http://www.jornalminuano.com.br/noticia/2017/09/09/correarias-estao-otimistas-para-semana-farroupilha>>. Acesso em 15 fev. 2018.

KASHIMOTO, E. M.; MARINHO, M.; RUSSEFF, I. Cultura, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. Interações - **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, Campo Grande, v. 3, n. 4, p. 35-42, 2002.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais**: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU. 2007.

KNOPP, G. C; DARBILLY, L. V. C.; VIEIRA, M. M. F.; SIMÕES, J. M. Cultura e Desenvolvimento. In: VIEIRA, M. M. F.; SILVA, R. C.; RODRIGUES, M. S. (Org.) **Cultura, Mercado e Desenvolvimento**. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2010. p. 41-64.

LAKATOS, E. M. MARCONI, M. de A. **Técnicas de Pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa, análise e interpretação dos dados. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAMY FILHO, A. A função social da empresa e o imperativo de sua reumanização. **Revista de Direito Administrativo**, Rio de Janeiro, v. 190, p. 54-60, fev. 2015. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rda/article/view/45408>>. Acesso em: 01 Abr. 2017.

LEAL, O.F. Gaúchos: male culture and identity in the Pampas. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Antropologia. Berkeley, University of California. 1989.

LENCLUD, G. La tradition n'est plus ce qu'elle était...Sur les notions de tradition et de société traditionnelle en ethnologie. **Terrain**, v.9, p.110-123, 1987.

LESSA, L. C. B. **Nativismo: um fenômeno gaúcho**. 2.ed. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, 2008.

_____. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. Tese apresentada no 1º Congresso Tradicionalista. Santa Maria: MTG, 1954. Disponível em <<http://www.mtg.org.br/historico/240>>. Acesso em 10 Jan. 17.

LOVE, J. L. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.

LUVIZOTTO, C. K. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

MACIEL, M. E. A Memória Tradicionalista: Os Fundadores. Trabalho apresentado no **XXIII Encontro Anual do ANPOCS**, Caxambu, 1999.

_____. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo, no Rio Grande do Sul. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 7, n. 18, 2005.

MADEIRO, G.; CARVALHO, C. A. Da origem pagã às micaretas: a mercantilização do carnaval. In: CARVALHO, C. A.; FALCÃO, M. M. F. (org.). **Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional**. Recife: **EDUFEPE**, 2003.

MALLMANN, M. G.(org). **Prendas gaúchas: 39 anos**. Porto Alegre: MTG, 2009.

MARIN, E. C. Entretenimento: uma mercadoria com valor em alta. **Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.2, p. 211-231, abri/jun 2009. Disponível em < <http://www.see.r.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/3055/5144> >. Acesso em 11 jan. 2018.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MATUSIAK, M. Comemorações tradicionalistas impulsionam vendas no Rio Grande do Sul. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, data 17 set. 2017. Disponível em <http://jcrs.uol.com.br/_conteudo/2017/09/economia/585966-comemoracoes-traditionalistas-impulsionam-vendas-no-rio-grande-do-sul.html> Acesso em 21 jan. 18.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. São Francisco (CA): Jossey-Bass, 1998.

MIGUELES, C. P. O estudo da cultura organizacional: as dificuldades estão no objeto ou nas formas de defini-lo? **Cadernos EBAPE.BR**, v. 1, n. 2, dez. 2003. p. 1-16.

MILES, M. B.; HUBERMAN, M. A. **Qualitative data analysis**. 2.ed. London: Sage, 1994.

MONTE, T. C. Parcerias entre ONGs e empresas: uma relação de poder camuflada. In: CARVALHO, C.A.; VIEIRA, M.M.F. (Orgs.). **Organizações, cultura e desenvolvimento local: a agenda de pesquisa do Observatório da Realidade Organizacional**. Recife: EDUFEPE, 2003. p. 257-276.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. Diretrizes para a Pilcha Gaúcha Movimento Tradicionalista Gaúcho. Caxias do Sul: MTG, 2014B.

_____. Estatuto do MTG. Caxias do Sul: MTG, 2014.

_____. Estatuto Fundação Cultural Gaúcha. Porto Alegre: MTG, 2008. Disponível em < http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/EstatutoFCG_2008.pdf>. Acesso em 10 dez, 17.

_____. Regulamento Artístico do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: MTG, 2015b.

_____. Regulamento da ciranda Cultural de Prendas do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: MTG, 2015d.

_____. Regulamento do Encontro de Artes e Tradição Gaúcha - ENART. Porto Alegre: MTG, 2015.

_____. Regulamento do Entrevero Cultural de Peões do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: MTG, 2015c.

_____. Regulamento Geral do MTG. Porto Alegre: MTG, 2015a.

_____. Relatório Anual: Gestão 2016. Porto Alegre: MTG, 2016.

_____. Resolução 04/09 – Lista de Destaques Tradicionalistas. Porto Alegre: MTG, 2009.

MULLER, C. Tradicionalismo: Coordenador da 26ª Região Tradicionalista e CDL receberam a medalha J. Simões Lopes Neto. **Câmara de Pelotas**. 19 set. 2014. Disponível em <<http://www.camarapel.rs.gov.br/tv-camara/tradicionalismo>> Acesso em 09 fev. 18.

MURARI, L. Um eugênico, enfim: o gaúcho como tipo antropológico na literatura e no discurso social brasileiro. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v.16, n.31, p. 596-615, jul./dez. 2015.

NEDEL, L. B. Entre a beleza do morto e os excessos dos vivos: folclore e tradicionalismo no Brasil meridional. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 31, n. 62, p.193-215, 2011.

NETO, H. B.; BEZZI, M. L. Regiões culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 135-155, 2008.

NEUBERGER, F.; VISENTINI, M. S.; CHAGAS, F. B. A tradição gaúcha de tomar chimarrão refletida nos hábitos de consumo de erva-mate em diferentes classes sociais. **RAIMED - Revista de Administração IMED**. v. 6, n. 2. p. 118-148, 2016.

NEVES, M. L. W. (org.). **O empresariamento da educação**; novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990. Rio de Janeiro: Xamã, 2001.

OLIVEIRA, D. C. de. Para pensar o espaço do consumo. **Emancipação**, Ponta Grossa, 13, nº especial: 159-162, 2013. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>. Acesso em 15 Jan 17.

OLIVEN, R. G. A Fabricação do gaúcho. **Cadernos CERU**. Série II, nº 1. São Paulo: USP, 1985. Disponível em <[http://www.revistas.usp.br/cerusp/article /view/83137/86173](http://www.revistas.usp.br/cerusp/article/view/83137/86173)>. Acesso em 17 de jan.17.

_____. **A parte e o Todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

_____. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 6, n. 15.1991, 1991.

OSORIO, P. S. Cantadores nordestinos e tradicionalistas gaúchos: a tradição nas lutas por inserções e autenticidades. **CAMPOS-Revista de Antropologia Social**, v. 13, n. 2, 2012.

PAGÈS, M; BONETTI, M; DE GAULEJAC, V; DESCENDRE, D. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1987.

PARETO, V. **Manual de Economia Política**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

PARK, R.E.; BURGESS, E. W. Competição, conflito, acomodação e assimilação. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v.13, n. 38, pp. 129-138, ago. 2014. Disponível em < <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/ParkArt.pdf> >. Acesso em 03 jan. 2018.

POLANYI, K. **A grande transformação**. Rio de Janeiro: Campinas, 2000.

_____. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. Histórico do acampamento farroupilha. Porto Alegre: 2017. Disponível em < http://www2.portoalegre.rs.gov.br/acampamentofarroupilha/default.php?p_secao=3 > Acesso em 16 jan. 2017.

RAMOS, A. G. **A nova ciência das organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. Tradução de Mary Cardoso. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

RAMPAZZO, L. **Metodologia Científica**: Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Loyola, 2005.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v.5, n.2, p.243-263. 2002.

RIBEIRO, D. Gaúchos e Ladinos. In: ___. **As Américas e as Civilizações**. Petrópolis: Vozes, 1987.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3 ed., 14 reimpr. São Paulo, Atlas, 2012.

RIO GRANDE DO SUL. Lei nº 12.372, de 16 de novembro de 2005.

_____. Lei nº 8.813, de 10 de janeiro de 1989.

RODRIGUES, M. S. **O novo ministério da verdade**: o discurso de VEJA sobre o campo do Ensino Superior e a consolidação da empresa no Brasil. 2013. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. **Os mercadores de emoção**: Um estudo sobre a empresarização de clubes de futebol no Brasil e sua configuração estrutural. 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina.

_____.; SILVA, R. C. A estrutura empresarial nos clubes de futebol. **Organizações & Sociedade**, v. 16, n. 48, 2009.

_____.; _____. A instrumentalização da emoção: um estudo sobre o processo de empresarização no Figueirense Futebol Clube e no Sport Clube Internacional. **Gestão ORG**. v. 3, n. 4, UFPE, 2006a.

_____.; _____. Clientes ou torcedores: a empresarização do futebol no Brasil. **Revista Alcance**, v. 13, n. 2 (Mai-Ago), p. 167-184, 2006b.

_____.; _____. Clientes ou torcedores: a empresarização do futebol no Brasil. **Revista Alcance**, v. 13, n. 2 (Mai-Ago), p. 167-184, 2008.

_____.; _____. DELLAGNELO, E.H.L. O processo de Empresarização em Organizações Culturais Brasileiras. **Revista Pensamento Contemporâneo em**

Administração. v.8 n.1 jan-mar 2014. Disponível em < <http://www.uff.br/pae/index.php/pca/article/viewFile/286/284>> Acesso em 09 jul. 16.

ROSSI, P. UGA precisa de apoio para reerguer sede em Pelotas. **Correio do Povo**, ano 115, n. 266, Porto Alegre, 2010.

RUCHABER, F. I.; VISENTINI, M. S.; CASALINHO, G. A.O. Análise da influência da família no comportamento de compra de artefatos gaúchos. **Revista Acadêmica São Marcos - RASM**. Alvorada, n.2, p.50-76, 2016.

SACHETTI, D. Venda de carne aumenta durante a semana farroupilha em Passo fundo, RS. **G1 Rio Grande do Sul**, 14 set. 2017. Disponível em < <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/jornal-do-almoco/videos/v/venda-de-carne-aumenta-durante-a-semana-farroupilha-em-passo-fundo-rs/6150045/>>. Acesso em 10 jan. 2018.

SAHLINS, M. D. **Cultura e razão prática**. Tradução Sérgio Tadeu de Niemayer Lamarão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2003.

SASSATELLI, R. **Consumer culture. History, theory and politics**. London: Sage, 2007.

SAVARIS, M. C. Reflexões necessárias: ideologia do tradicionalismo gaúcho. **65º Congresso Tradicionalista Gaúcho**. Bento Gonçalves: MTG, 2017. Disponível em <<http://www.mtg.com.br>>. Acesso em 04 dez. 17.

_____. **Rio Grande do Sul: história e identidade**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha, 2008.

SAVARIS, O. P. Jornal Eco da Tradição conta sua história. **Jornal Eco da Tradição**, Porto Alegre, fev. 2014. Caderno Piá 21, p. 1. Disponível em: <http://www.mtg.org.br/public/libs/kcfinder/upload/files/CADERNO_PIA/pia_022014.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SCHUMPETER, J. A. **História da Análise Econômica**. Rio de Janeiro: Aliança, 1964.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. Métodos de Pesquisa nas Ciências Sociais. v. 2 – **Medidas na Pesquisa Social**. São Paulo: EPU, 1987.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

SERRA, A. R. C. **A empresarização do sagrado: Um estudo sobre a estruturação de igrejas dos protestantismos brasileiros**. 2005. 194 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, M.C.B; CIRNE, P.R.F. **A evolução histórica da mulher gaúcha: na sociedade gaúcha, na revolução farroupilha e inserção no tradicionalismo (origem do vestido de prenda)**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2013.

SILVA, R. C. da; VIEIRA, M. M. F. DELLAGNELO, E. L.; CARVALHO, C. A. **Para além da empresa: por outras possibilidades de teorizar sobre organizações**. Working Paper. Observatório da Realidade Organizacional, 2007.

SIMÕES, J. M.; VIEIRA, M. M. F. A atuação do estado e do mercado na trajetória do campo organizacional da cultura no Brasil. In: VIEIRA, M. M. F.; SILVA, R. C.; RODRIGUES, M. S. (Orgs.) **Cultura, Mercado e Desenvolvimento**. Porto Alegre: Dacasa Editora, 2010. p. 15-40.

_____.; _____. A influência do Estado e do mercado na administração da cultura no Brasil entre 1920 e 2002. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, v.44, n. 2, p. 215-237, abr. 2010b. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122010000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 jan. 2018.

SLATER, D. **Cultura do consumo & modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SMITH, A. **A riqueza das nações: uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. Tradução de João Baraúna São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1996.

SOLÈ, A. **¿Qué es una empresa? Construcción de un idealtipo transdisciplinario**. Working Paper. Paris, 2004.

_____. **L'enterprisation du monde**. In CHAIZE, J.; TORRES, F. Repenser l'entreprise: Saisir ce qui commence, vingt regards sur une idée neuve. Paris: Le Cherche Midi, 2008.

TEIXEIRA, M. Ser Gaúcho está na moda. **De Galpão**. 15 jan. 15. Porto Alegre: GrupoRBS, 2015. Disponível em < <http://wp.clicrbs.com.br/degalpao/2015/01/05/ser-gaucho-esta-na-moda/> >. Acesso em 10 Jan 18.

TOALDO, M. M. Sob o signo do consumo: status, necessidades e estilos. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 7, p. 89-97, 1997.

TRIVIÑOS, A. N.S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAINER, C. B. Pátria, empresa e mercadoria - notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. In: ARANTES, O.; VEINER, C.; MARICATO, E. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Vozes, 2013.

VALLEJOS, M. Encontro de arte e tradição (ENART): o cultivo da tradição cultural gaúcha por meio do festival. **Biblioteca Latino-Americana de Cultura e Comunicação**, v. 1, n. 1, 2013.

VECCHIATTI, K. Três fases rumo ao desenvolvimento sustentável: do reducionismo à valorização da cultura. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 90-95, set. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 10 fev.17.

VERONEZE, S. Abertas inscrições para Formação de Posteiros Artísticos (ensaiadores). *Eco da Tradição*, ano XV, n. 191, p.13, jul. 2017. Disponível em <<http://www.youblisher.com/p/1850402-Eco-da-Tradicao-julho-2017/>> Acesso em 24 jan. 18.

_____. Estratégias diversificadas levam a incremento de 36% na demanda por cursos do MTG. **Eco da Tradição**, ano XVII, n. 197, p.3, jan. 2018. Disponível em <<http://www.ecodatradicao.com.br/edicao-01-eco-da-tradicao/>> Acesso em 24 jan. 18.

_____. Para uma gestão mais eficaz e eficiente, MTG conta com as Regiões Tradicionalistas. **Eco da Tradição**, ano XVII, n. 197, p.7, jan. 2018a. Disponível em <<http://www.ecodatradicao.com.br/edicao-01-eco-da-tradicao/>> Acesso em 24 jan. 18.

VIANA, N. Educação Física, competição e sociabilidade capitalista. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n.16, p.71-88, mai-out, 2011. Disponível em <<http://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/5362/4468>>. Acesso em 10 jan. 2018.

VIEIRA, M. M. F.; DARBILLY, L. V. C.; BARROS, D. F. O Fenômeno da Empresarização e a Busca por Alternativas na Produção, Comercialização e Distribuição da Música no Brasil como Formas de Resistência. **Organizações & Sociedade**, v. 19, n. 61, 2012.

WARD, T.; DAGGER, T. The complexity of Relationship Marketing for Service Customers. Brisbane: **Journal of Services Marketing**, 2007.

WARDE, A. Consumption and theories of practice. **Journal of Consumer Culture**, v.5, n.2, p. 131-153, 2005.

WATTANASUWAN, K. The self and symbolic consumption. **The Journal of American Academy of Business**, v.6, n.1, p.179-184, 2005.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WOOD, E. M. **A origem do capitalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZALLA, J. A política do mito: debate e apropriação na elaboração do projeto tradicionalista gaúcho de Luiz Carlos Barbosa Lessa. **Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC**, v. 17, n. 24, p. 176-202, 2011.

_____. Quando a literatura fala à história: a ficção de Barbosa Lessa e a memória pública no Rio Grande do Sul. **História da historiografia**. n.16, p. 37-54, dez. 2014.

Apêndices

Apêndice A – Instrumento de coleta de dados - Questionário

Primeira Parte			
Instruções: Por favor, preencha as questões abaixo conforme a sua situação			
Idade	<i>(em anos)</i>		
Sexo	<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino	
Escolaridade: (completo ou cursando)	<input type="checkbox"/> Ensino fundamental	<input type="checkbox"/> Ensino Superior	
	<input type="checkbox"/> Ensino médio	<input type="checkbox"/> Especialização	
	<input type="checkbox"/> Ensino Técnico	<input type="checkbox"/> Mestrado/Doutorado	
Qual a renda mensal do seu grupo familiar:	<input type="checkbox"/> Até R\$ 937,00	<input type="checkbox"/> De R\$ 3.748,00 a R\$ 5.622,00	
	<input type="checkbox"/> De R\$ 937,00 e R\$ 1.874,00	<input type="checkbox"/> De R\$ 5.622,00 a R\$ 9.370,00	
	<input type="checkbox"/> De R\$ 1.874,00 a R\$ 3.748,00	<input type="checkbox"/> Acima de R\$ 9.370,00	
Há quanto tempo é integrante desta entidade?	<input type="checkbox"/> <i>(em anos)</i>		
Qual seu vínculo atual com o CTG?: <i>(Assinale todas aplicáveis)</i>	<input type="checkbox"/> Dançarino	<input type="checkbox"/> Posteiro Cultural	
	<input type="checkbox"/> Patronagem	<input type="checkbox"/> Posteiro de Sala/Ensaíador	
	<input type="checkbox"/> Posteiro artístico	<input type="checkbox"/> Equipe de Apoio	
Indique o tempo aproximado em cada função:	Posição		Tempo
	Dançarino		<input type="text"/>
	Patronagem		<input type="text"/>
	Posteiro artístico		<input type="text"/>
	Posteiro cultural		<input type="text"/>
	Posteiro de sala/Ensaíador		<input type="text"/>
Já participou de outro CTG?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	Por quanto tempo? <input type="text"/>

Segunda Parte

Instruções:

Nesta parte do questionário constam uma série de afirmativas. Ao lado encontra-se uma escala numerada de 1 a 5, cada número corresponde a uma alternativa de resposta na forma que se segue:

1	Discordo totalmente
2	Discordo parcialmente
3	Estou indeciso
4	Concordo parcialmente
5	Concordo totalmente

Por favor, assinale em cada questão o número correspondente à alternativa escolhida.

Importante

- Leia com atenção cada afirmativa
- Assinale apenas uma alternativa em cada questão
- Todas as afirmativas devem ser respondidas

AFIRMAÇÕES

	1	2	3	4	5
A invernada artística tem por finalidade a preservação, valorização e divulgação da tradição, dos usos e costumes e da cultura gaúcha.	1	2	3	4	5
O tradicionalismo deve acompanhar as mudanças sociais e atualizar suas diretrizes.	1	2	3	4	5
O MTG, através das coordenadorias regionais, é o principal agente fiscalizador das atividades da invernada artística e da entidade	1	2	3	4	5
Considero a dança tradicional gaúcha como uma forma de entretenimento.	1	2	3	4	5
O MTG é crucial para a preservação da cultura gaúcha.	1	2	3	4	5
O MTG deve manter-se rígido quanto as regulamentações para preservar a cultura gaúcha.	1	2	3	4	5
Outras formas de entretenimento/lazer são concorrentes da dança.	1	2	3	4	5
A cada ano a invernada tem aumentado o orçamento investido em suas atividades.	1	2	3	4	5
Os integrantes da invernada são responsáveis pela captação financeira.	1	2	3	4	5
O planejamento financeiro da invernada é decidido conforme o poder aquisitivo do grupo.	1	2	3	4	5
A gestão financeira visa ampliar a capacidade de competir e melhorar os resultados do grupo.	1	2	3	4	5

O investimento dos recursos financeiros leva em consideração o cronograma de competições anual.	1	2	3	4	5
O grupo decide sobre o direcionamento dos investimentos	1	2	3	4	5
A mensalidade paga pelos integrantes cobre todas as despesas da internada	1	2	3	4	5
Os integrantes devem participar ativamente dos eventos para suprir o planejamento financeiro	1	2	3	4	5
A internada artística conta com o apoio financeiro do CTG	1	2	3	4	5
A contratação de profissionais (coreógrafo, musical, instrutores) é cada vez mais frequente.	1	2	3	4	5
A internada artística conta com apoio financeiro de empresas da região	1	2	3	4	5
A internada vem investindo recursos financeiros e/ou humanos na melhoria de seu desempenho competitivo	1	2	3	4	5
A tomada de decisões relativas a investimentos e recursos é centralizada pela coordenação.	1	2	3	4	5
Os recursos e investimentos são centralizados e controlados pelo coordenador da internada.	1	2	3	4	5
A internada artística conta com apoio financeiro de órgãos públicos.	1	2	3	4	5
A competição pode fazer com que a essência do tradicionalismo seja perdida	1	2	3	4	5
A internada artística, da qual faço parte, costuma realizar apresentações em bailes e jantares oferecidos pela entidade.	1	2	3	4	5
A internada artística da qual faço parte tem como principal objetivo participar de eventos competitivos.	1	2	3	4	5
Dentre as competições tradicionalistas, o ENART é a competição foco da internada artística da qual faço parte	1	2	3	4	5
Ao realizar eventos artísticos e culturais, a internada busca o apoio do MTG, através da coordenação regional.	1	2	3	4	5
O relacionamento entre as internadas da região ultrapassa as competições	1	2	3	4	5
O ENART é um dos eventos centrais de divulgação do tradicionalismo gaúcho	1	2	3	4	5
Competições propiciam o reconhecimento do trabalho da internada pela comunidade	1	2	3	4	5
Ao participar de uma competição artística, o principal objetivo da internada é a vitória	1	2	3	4	5
A internada mantém um relacionamento próximo da comunidade, dos familiares dos integrantes e dos sócios da entidade	1	2	3	4	5
Entidades tradicionalmente vencedoras do ENART são consideradas as principais concorrentes da internada	1	2	3	4	5
A competição com outros grupos influencia a organização interna da internada.	1	2	3	4	5

A internada possui um cronograma de ensaios e treinamentos voltados à participação do grupo no ENART.	1	2	3	4	5
As internadas artísticas da região são consideradas concorrentes diretas.	1	2	3	4	5
A frequência dos ensaios é intensificada no período que antecede do ENART	1	2	3	4	5
A escolha da indumentária e temática é realizada pelo grupo administrativo da internada, sendo mantido segredo até a pré-estreia.	1	2	3	4	5
Os integrantes da internada têm pouca, ou nenhuma, participação no processo de escolha da indumentária e da temática.	1	2	3	4	5
As trocas de indumentária e de temática são realizadas visando a participação do grupo no ENART.	1	2	3	4	5
A internada sempre apresenta temática e indumentária inéditas no ENART.	1	2	3	4	5
A troca de indumentária é uma forma de renovar o sentimento tradicionalista do grupo.	1	2	3	4	5
A frequência de troca de indumentária é estabelecida conforme necessidade de renovação do grupo (estilo, competições, ingresso de integrantes).	1	2	3	4	5
A indumentária distingue a internada artística, representando o estilo e o propósito do grupo.	1	2	3	4	5
A internada procura apresentar-se sempre uniformizada em eventos tradicionalistas, como forma de demonstrar sua entidade de origem.	1	2	3	4	5
A troca periódica de indumentárias pode ser vista como estratégia para manter o interesse da comunidade nas atividades realizadas pela internada artística.	1	2	3	4	5
O mistério em torno de cada pré-estreia tem como objetivo atrair a comunidade e outros tradicionalistas para o evento.	1	2	3	4	5
A internada busca trabalhar com fornecedores (coreógrafos, costureiras) locais	1	2	3	4	5
Os produtos/serviços oferecidos pela internada são escolhidos para atender a comunidade e promover a cultura gaúcha.	1	2	3	4	5
Produtos/Serviços pouco vendidos são substituídos.	1	2	3	4	5
Os fornecedores são escolhidos considerando sua experiência em competições tradicionalistas, como por exemplo o ENART.	1	2	3	4	5
Houve um crescimento no número e na qualidade dos fornecedores de produtos tradicionalistas especializados em competições como o ENART	1	2	3	4	5
O consumo de produtos tradicionalistas tem aumentado nos últimos anos.	1	2	3	4	5
A internada costuma fidelizar fornecedores, trabalhando várias vezes com os mesmos profissionais.	1	2	3	4	5

A internada utiliza fornecedores de outras regiões visando diferenciar o trabalho	1	2	3	4	5
A internada fornece produtos e serviços à comunidade como forma de promover o tradicionalismo	1	2	3	4	5
A semana farroupilha é o período de maior comercialização de produtos/serviços pela internada	1	2	3	4	5
A escolha de produtos/serviços sofre influência direta de outras internadas artísticas, principalmente aquelas tradicionalmente vendedoras de grandes competições	1	2	3	4	5
Sinto que a troca de indumentária está mais relacionada com o mercado de produtos tradicionalistas do que com o próprio tradicionalismo.	1	2	3	4	5
A cada edição do ENART, percebo uma maior profissionalização das internadas.	1	2	3	4	5
A internada da qual faço parte, muitas vezes, parece uma empresa	1	2	3	4	5
Os custos da indumentária são exclusivamente meus.	1	2	3	4	5
Percebo que em algumas internadas existem integrantes profissionais de dança	1	2	3	4	5
Já pensei em deixar de dançar pelo preço da indumentária.	1	2	3	4	5
As vezes ser gaúcho custa caro.	1	2	3	4	5
Os CTGs fazem parte de um mercado de cultura tradicionalista.	1	2	3	4	5
O preço da indumentária é alto.	1	2	3	4	5
Já pensei em deixar de dançar devido aos custos com mensalidade e adicionais	1	2	3	4	5